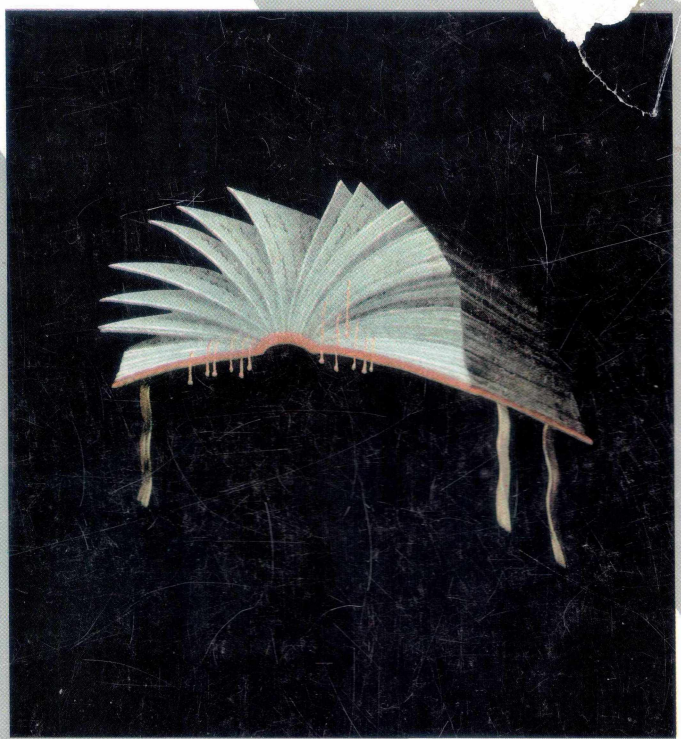
REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



N. 30 - Vol. 42 - Setembro de 2000

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Número 30 – Volume 42
Setembro 2000

Digitação *– Maricely de Medeiros*
Revisão *– Pelos autores*

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Nº 30 V. 42, Setembro/2000

1 – Literatura

CDU: 820

Diretoria atual da Academia

Presidente:
Diógenes da Cunha Lima
Vice-Presidente:
Paulo Macêdo
1º Secretário:
Nilson Patriota
2º Secretário:
João Batista Pinheiro Cabral
Tesoureiro:
Enélio Lima Petrovich
Diretor da Biblioteca:
Dorian Gray Caldas
Diretor da Revista:
João Wilson Mendes Melo
Comissão de Contas:
Sanderson Negreiros, Gilberto Avelino e
Maria Eugênia Montenegro
Comissão de Sindicância:
Jurandir Navarro, Manoel Onofre Jr. e
Olavo de Medeiros Filho

Relação dos Diretores desta Revista

(da fundação aos nossos dias)

- Nestor dos Santos Lima - Revista n° 1
- Luís da Câmara Cascudo - nos 2-3 e 4
- Aderbal de França - nos 5-6-7-8-9 e 10
- Comissão: Edgar Barbosa, Alvamar Furtado e José Tavares da Silva - n° 11
- Comissão: João Medeiros Filho, Mariano Coelho e José Melquíades de Macêdo - n° 12
- Não consta nome Diretor - n° 14
- Antônio Soares Filho - n° 15
- Não consta nome diretor - n° 16
- Antônio Soares Filho - nos 17 e 18
- João Wilson Mendes Melo - nos 19 (comemorativa dos 50 anos da Academia) -20-21-22-23-24-25-26-27-28-29 e 30 (setembro-2000).

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

PATRONOS E ACADÊMICOS

Situação em dezembro de 1999

Cadeira nº	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
01	Padre Miguelinho	Adauto Câmara	Raimundo Nonato da Silva; Silvio Pedroza - Falecido
02	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão; Grácio Barbalho
03	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira
04	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich
05	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida; Manoel Onofre de Souza Júnior
06	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva; João Batista Pinheiro Cabral
07	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho; Nestor dos Santos Lima
08	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley; Nilson Patriota
09	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas; Humberto Dantas; Peregrino Júnior; Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva; Miguel Seabra Fagundes; Fagundes de Menezes; Paulo de Tarso Correia de Melo: eleito
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo Pinheiro de Melo Osvaldo Lamartine - eleito
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes - Falecido
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antônio Pinto; Eloy de Souza; Umberto Peregrino
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Chaves Wanderley; Maria Eugênia Montenegro
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluísio Alves
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	Dom Nivaldo Monte
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira; Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mário Moacir Porto Dorian Jorge Freire
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcante	Luís Rabelo; Valério Mesquita

22	Leão Fernandes	Padre Luís Monte	Dom José Adelino; Padre Jorge O'Grady de Paiva
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes; Jaime dos Guimarães Wanderley; Iaperi Soares de Araújo - Eleito
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo; Antônio Soares Filho -Tarcísio da Natividade Medeiros - eleito
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires; João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo - Eleito
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandir Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluizio Azevedo
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides Lamartine
34	José da Penha	Alvamar Furtado	
35	Juvenal Antunes	Ednor Avelino	Gilberto Avelino
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho
37	Jorge Fernandes	Newton Navaro	Luís Carlos Guimarães
38	Luís Antônio	José Tavares	Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

Sumário

Cada exemplar muitas lutas, uma vitória 11

I – O pensamento acadêmico sobre vários temas 13
- Celso Furtado: o oitentão imortal, Murilo Melo Filho 15
- Crônica para um estadista, Alvamar Furtado de Mendonça.. 18
- Conhecer o mundo para entender sua aldeia, Nestor dos Santos Lima 26
- A obra literária de Murilo Melo Filho, João Wilson Mendes Melo 39
- A mulher norte-rio-grandense na literatura brasileira, Maria Eugênia Montenegro 43
- Humanismo e medicina, Iaperi Araújo 48
- Brasil 500 anos, Pery Lamartine 52
- Cosme Catimbóia, Pery Lamartine 53
- Ao cadáver desconhecido, Jurandyr Navarro 55
- Homenagem a Murilo Melo Filho na Academia Norte-rio-grandense de Letras, Nilson Patriota 61

II – História 73
- O descobrimento do Brasil; realidade e fantasia, Olavo de Medeiros Filho 75
- Touros – A base física para a criação do município, Nilson Patriota 81

III – Novos Acadêmicos 95
- Discurso de posse de Hypérides Lamartine 97
- Saudação a Hypérides Lamartine, José Melquíades 105
- Discurso de Posse de Valério Mesquita 119
- Saudação ao novo acadêmico Valério Mesquita, pelo acadêmico Alvamar Furtado de Mendonça.....135
- Discurso de Posse de José de Anchieta Ferreira da Silva.....142

- Saudação ao novo acadêmico José de Anchieta Ferreira, pelo acadêmico Enélio Petrovich 155

IV – Necrologio 169
- Necrológio de Fagundes de Menezes pelo acadêmico Murilo Melo Filho 171

V – Contos 177
- Oriano de Almeida, Contista 179
- A mini-penitência 180

VI – Nossos Poetas 187
- Poemas de Gilberto Avelino 189
- Poemas de Maria Eugênia Montenegro 193

VII – Colaboração dos amigos da Academia 195
- Poesias de Carlos Herillo de Freitas Melo 197
- A Bíblia e a Medicina
Pedro Lucena 200
- Relembrando o "Velho Dila"
Iberê Ferreira 209

VIII – A produção literária dos Acadêmicos 213
- Grácio Barbalho 215
- José de Anchieta Ferreira 216
- Enélio Lima Petrovich 217
- Manoel Onofre Júnior 219
- João Batista Pinheiro Cabral 222
- Nestor dos Santos Lima 223
- Nilson Patriota 224
- Dorian Gray Caldas 225
- Paulo de Tarso Correia de Melo 227
- Oriano de Almeida 229
- Maria Eugênia Montenegro 230
- Dom Nivaldo Monte 232

- Murilo Melo Filho 234
- Valério Mesquita 235
- Cônego Jorge O'Grady 236
- Tarcisio Medeiros 238
- João Wilson Mendes Melo 241
- Diógenes da Cunha Lima 242
- Jurandyr Navarro 244
- Aluísio Azevedo 245
- Hypérides Lamartine 246
- Alvamar Furtado de Mendonça 247
- Olavo de Medeiros Filho 248
- José Melquíades 249
- Vingt-Un Rosado 251

Labim/UFRN

Cada exemplar muitas lutas, uma vitória

São históricas as dificuldades que encontram em nosso país as tarefas destinadas à educação e ao exercício das atividades culturais.

As exceções existentes realçam, às vezes demasiadamente, as ações governamentais e aquelas de instituições criadas e mantidas por alguns de nossos denodados homens e mulheres de inteligência acima do comum e dotados de disposição para o trabalho da cultura e da literatura.

Cabe por isso registrar o excepcional apoio que uma publicação acadêmica como esta Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras tem merecido do governo do Estado do Rio Grande do Norte e do Banco do Nordeste Brasileiro, bem como, para o presente número o patrocínio da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Suas trinta publicações agora completadas, consubstanciam, em suas linhas e entrelinhas, muito trabalho e muitas lutas dos quarenta componentes desta Academia cinqüentenária, vitória dos seus idealistas fundadores que o Brasil conhece e dos seus continuadores que o Rio Grande do Norte, testemunha mais próxima, admira e aplaude.

A Direção da Revista

Labim/UFRN

I

O Pensamento Acadêmico Sobre Vários Temas

Labim/UFRN

CELSO FURTADO: O OITENTÃO "IMORTAL"

*Murilo Melo Filho**

Aí está, nas livrarias, a 10ª Edição do livro "Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico", do acadêmico Celso Furtado, que o considera o mais importante livro de sua vida, como resultado de 20 anos de estudos realizados na França. Na qualidade de ex-pracinha da FEB, ele teve em Paris o seu primeiro contato com o universo europeu, então dizimado pelo conflito mundial.

Já doutorado pela Universidade de Paris, integrou a célula mater da CEPAL, como fonte geradora de todo um brilhante e coeso grupo de economistas latino-americanos, com o argentino Prebisch inserido nele. Recebeu o diploma de post-doutorado da Universidade de Cambridge, onde conheceu os maiores luminares da doutrina econômica.

De lá, veio para participar, como o criador da Sudene, nos últimos anos do Governo de JK. Produziu, então, um plano realmente objetivo para equacionar o problema da seca, deparando-se aí com Dom Helder, Gilberto Freire, o DNOCS, Antônio Melo, Julião, a reforma agrária, os usineiros e já os "sem terra". Atravessou o tumultuado governo de Jânio, até chegar aos dias de Jango, como ministro do planejamento.

Foi recebido pelo presidente Kennedy na Casa Branca e participou da Conferência de Punta del Este, quando nasceu a Aliança para o Progresso. Mas, onde cresceu mesmo e se agigantou foi na fase do exílio, iniciado em 1964, no Chile e continuando depois nos Estados Unidos (Yale, guerra fria, Vietnã) e na França (De Gaulle e Chienlit): "Para um grupo de sonhadores exilados, previ aí um exílio de pelo menos 15 anos". Em Paris, é então o único professor estrangeiro convidado por De Gaulle para ensinar na Sorbonne, onde, durante mais de 20 anos, dá aulas magistrais e inesquecíveis, diante de repletas e entusiasmadas platéias de estudantes.

Ao longo desse ostracismo, perseguido pelo regime militar brasileiro cujos tentáculos procuravam alcançá-lo onde estivesse, Celso Furtado vê-se disputado pelas mais importantes universidades européias e americanas. Evita envolver-se no Tribu-

Labim/UFRN

nal Bernard Russel, por considerá-lo impróprio e inadequado. Vai ao Japão e à China (maoísmo e revolução cultural).

Certa vez, em 1980, eu estava em visita à Universidade de Tóquio, quando perguntei a um funcionário se havia ali o livro de algum autor brasileiro. E qual não foi a minha surpresa quando ele me trouxe o exemplar de um livro de Celso Furtado, no idioma japonês.

Pois bem, é este paraibano modesto e valioso, – com uma obra já traduzida para o inglês, francês, italiano, castelhano, sueco, polonês, persa, chinês, japonês e coreano – que agora nos brinda com mais uma edição deste seu "Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico".

Nesse livro, em estilo cartesiano, escrito na moldura e no figurino das atuais economias, com objetivos quase didáticos e pedagógicos, ele analisa, não raro em equações algébricas e geométricas, as teorias de Keynes, Weber, Rostow e de quase todos os grandes formuladores da Política Econômica do mundo nestes séculos 18, 19 e 20: Adam Smith ("A Riqueza das Nações"); Stuart Mill ("Princípios de Economia Política"); Karl Marx ("O Capital"); Friederich Engels ("A Sagrada Família" e "O Manifesto do Partido Comunista"); Vladimir Lenin ("Estado e a revolução"); Friderich Hegel ("Grande Lógica: a tese, síntese e antítese"); Ragnar Nurkse ("Problemas da Formação de Capital"); Thomas Malthus ("Um ensaio sobre o princípio da população"); Alfred Marshall ("Princípios de economia política"); e Raul Prebisch ("Relações de dominação e dependência entre povos").

Não tem a pretensão de convencer ninguém de suas idéias, porque tenciona apenas estimular um exercício de análise sobre elas, advertindo para os perigos da globalização que o mundo hoje enfrenta.

Adverte também para o engessamento das economias periféricas, que cada vez mais se endividam com os altos juros pagos aos centros do poder, beneficiados pela crescente concentração de rendas: – Essa concentração não é um fato meramente brasileiro, porque também é mundial. O lançamento desta 10ª Edição coincidiu, na semana passada, com uma série de homenagens ao pensador brasileiro, às quais estive presente, como representante da ABL:

Labim/UFRN

1. As prestadas pela Sudene, no Recife durante um Seminário Internacional sobre "O Futuro do Nordeste", em comemoração aos 40 anos da criação da Sudene, com a presença de representantes do BID, da OIT e da CEPAL, além de vários outros conferencistas brasileiros e estrangeiros. O imenso auditório estava inteiramente lotado, com mais de 1 mil pessoas, sentadas, em pé e nas escadas, todas inscritas para ouvir a palavra do criador e do primeiro Superintendente da Sudene criada justamente durante o governo do nosso comum e querido amigo, o presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira, cujo nome, sempre que citado, era delirantemente aplaudido por todos.

2. Seguiram-se as homenagens prestadas em João Pessoa, pelo governador José Maranhão, da Paraíba, aos 80 anos de idade do seu grande conterrâneo, que se completam justamente neste mês de julho.

3. Na terça e quartas-feiras desta semana, foi a vez da Universidade de São Paulo, onde recebeu uma Medalha de Honra. Haja coração e haja saúde para resistir a tantas emoções.

E assim, já oitentão, Celso Furtado vai se transformando numa personalidade mítica, lida e ouvida com respeito e admiração, em todo o País, sobretudo pelos jovens universitários.

Ele é hoje um motivo de alegria e de justo orgulho para toda essa nossa atual geração de brasileiros.

Não foi à-toa nem por acaso, também, que a Academia Brasileira de Letras o elegeu para o seu Quadro de Membros Efetivos, a fim de que ele convivesse fraternalmente com seus colegas "imortais" todas as quintas-feiras, na sua inesgotável riqueza de ser humano, vocacionado para o carinho e o companheirismo, que a todos eles muito honra e orgulha.

---

* *Membro das Academias Norte-rio-grandense e Brasileira de Letras.*

Labim/UFRN

CRÔNICA PARA UM ESTADISTA

Alvamar Furtado de Mendonça

O século XIX se fora, e com ele os rescaldos das lutas que culminaram na Proclamação da República, no Rio Grande do Norte.

As saudades do velho Imperador, sereno, unificador, fisionomia plácida de quem sempre viveu bem com a vida, se mixavam com os outros sentimentos contorcidos pelo ardor das competições que inquietaram esses primeiros tempos.

Tudo ocorria num recente estado de espírito em que se via a solução de todas as coisas dentro do esquema da liberdade e igualdade de todos perante a lei.

A classe média se formava entre a gente do campo e de modestos funcionários públicos sem muitas ilusões, e com algumas esperanças do que estava por vir. Boa parte do povo se mantinha distante dos acontecimentos, que ocorriam entre homens de fraque e cartola.

Essa incerta massa humana com percentual elevado de analfabetos, seria fácil presa dos que detinham a cultura do seu tempo.

Chegava a oportunidade dos chefes que dos copiares das fazendas e dos pátios dos engenhos se compraziam em olhar os confins de suas propriedades, destruindo o meio ambiente e engordando suas vaidades que se rendiam às vontades dos poderosos.

Natal, por esses tempos, sentia a respiração de 21.000 habitantes. É bem verdade que havia uma reduzida oposição radical sem meios de fortalecer seu inconformismo contra o que chamava de oligarquia prepotente.

Natal na sua quietude de cidade morta, se mantinha longe das notícias da Capital Federal, sem condições de nutrir convicções e formar uma opinião pública.

Pouca gente sabia da luta contra a Febre Amarela, a reforma, urbana de Pereira Passos e as medidas sanitárias de Oswaldo Cruz. Os ecos chegavam, até nós através dos parlamentares do Estado que procuravam os ouvidos privilegiados para dizer as coisas. Ou então, pelas raras e perdidas revistas que traziam as charges de J.

Labim/UFRN

Carlos e de Raul Pederneiras. Poucos sabiam das crônicas de João do Rio, impulsionados o "slang" - "O Rio civiliza-se".

Apesar da ameaça da febre e do "bota abaixo" das picaretas do prefeito renovador, a Capital Federal não deixava de imitar Paris, seus boulevares, seus hábitos, sua elegância.

As calçadas da Avenida Rio Branco se enchiam de uma recente sociedade que já começava a esquecer a rua do Ouvidor e suas vitrines, cortada ao meio pela iniciativa de Pereira Passos.

Enquanto isso, nossa cidade começava a mudar, tomando conhecimentos dos fatos que o regime republicano estava espalhando pelos quatro cantos do país.

Vivíamos a plena *belle époque*, os largos chapéus femininos, os modelos de vestidos, a pesada e solene indumentária dos homens, ofereciam um novo cenário social, aderindo às coisas que vinham diretamente dos costureiros franceses.

A solene e escura vestimenta masculina assemelhavam os homens do Poder. O retrato de Alberto Maranhão lembra as difundidas fotos do gaúcho Pinheiro Machado, com seus bastos e bem tratados bigodes, sua cartola luzidia, seu fraque fiel ao corte inglês e uma das mãos acomodada no colete ligeiramente desabotoado. Pinheiro Machado em sua "aplomb" e na extraordinária habilidade em atuar na política federal se tornara todo poderoso no país e o padrão em que se miravam os próceres de todos os partidos, embora nunca o permitissem chegar à Presidência da República, sua inocultável intenção.

Nessa época o cinematógrafo já fascinava e os sons estridentes das buzinas dos automóveis já começavam a encher as ruas com a sonoplastia desses dias cheios de surpresas.

Os jornais de Natal já se preocupavam com o gosto feminino e os exageros da moda que chegavam de fora alimentavam vaidades sem fim. Quando se referiam às mulheres, usavam a expressão "sexo egrégio" das crônicas de Gilberto Amado.

Para se calcular a ingenuidade desses pitorescos tempos, na imprensa local o "Jornal da Manhã", chegou a admitir a criação de uma "liga contra os chapéus femininos nos cinemas".

"A República", o jornal fundado por Pedro Velho, numa de suas crônicas diárias comentou não ser muito agradável ao expectador ficar nos teatros ou nos cinemas por trás de um "caramanchão", carregado de flores, frutas e folhas.

Labim/UFRN

Eram esses os chapéus femininos, estilo "art noveau" que em Natal ainda provinciana, chegou a provocar polêmicas entre os jornais da terra, sobre as cabeças femininas nas casas de espetáculos.

Um dos jornais da mulher, afirmou "quem deixará, portanto, de apreciar, sob a moldura escura de um grande chapéu, o embúrneo contorno dum rosto lactescente?..."

Eram formas de viver e de dizer que nos chegavam dos centros civilizados da Europa, através da Capital Federal, e motivavam as vaidades da sociedade que nasciam durante e logo depois dos amargos anos de guerra.

É nesse caldo de cultura, que começara nos últimos anos do século passado e prolongou-se às primeiras décadas do atual, que nasce uma gente para governar o Estado. Deu-se o cruzamento de duas famílias importantes economicamente – Albuquerque Maranhão e Pedroza, responsável por uma numerosa e brilhante prole que governaria o Estado por muitos anos, até 1918.

Senador Pedro Velho era o seu grande líder, médico, republicano histórico, responsável pela Proclamação da República no Rio Grande do Norte.

Acometido de cardiopatia grave, faleceu em Recife, no navio ancorado que o conduzia ao Rio de Janeiro, em procura de melhor atendimento médico. Durante o trajeto do navio ouvia ao fiel companheiro e amigo Domingos Barros, a leitura de algumas páginas dos romances de D'Annuzio. Quando deixou de viver não ultrapassara ainda cinqüenta anos de idade. A liderança passou então para o irmão Alberto Maranhão.

O engenheiro Augusto Severo largara uma posição privilegiada como deputado, indo para Paris, onde frustrou-se na tentativa de fazer o balão Pax sobrevoar a Torre Eiffel, sob sua direção. Incendiou-se, levando sua vida e seus sonhos de aeronauta, por volta de 1902. Outros irmãos não tiveram proeminência. Um deles, Joaquim Scipião, acomodado na comarca de Canguaretama, se envolvia entre os processos da Promotoria e sons do seu violoncelo.

Era uma família de pessoas cultas, sensíveis, alguns de rara energia, como Pedro Velho, que era um chefe incontestável.

Labim/UFRN

Machado de Assis já lançara o seu grande romance Dom Casmurro, deixando a grande dúvida sobre a fidelidade de Capitu, com seus "olhos de ressaca", no espírito dos leitores. Graça Aranha, 1902 , publicara o seu romance simbolista "Canaan", e Euclides da Cunha afirmava a literatura brasileira com a epopéia "Os Sertões". Era uma fase de grandes acontecimentos culturais.

A inteligência brasileira tinha seus maiores momentos na literatura, ilustrando essas famílias que sabiam governar, uma oligarquia que lembrava os déspotas esclarecidos, guardadas suas necessárias dimensões.

Na segunda década se caracterizava pelo entrechoque entre o popular e o privilégio. No Norte e Nordeste surgiram as lutas "salvacionistas" contra as oligarquias do Pará, Ceará, Pernambuco e Alagoas, e, por decorrência, o Rio Grande do Norte.

Alberto Maranhão governou o Estado por duas vezes. Quando da primeira, entre 1900 e 1904, diziam seus opositores que ele gostava muito de dançar nas festas de Palácio, era um jovem de vinte e seis anos e se justificava esse comportamento alegre. Criou uma lei que protegia os intelectuais e cientistas, editando suas obras, favores que alcançavam os brasileiros de outros Estados que fixassem residência aqui. Inaugurou o Teatro Carlos Gomes em 1904, estimulando a vida teatral.

Nascera à margem do Rio Jundiaí, no entreposto comercial de Macaíba e se formou em Direito no Recife, nos últimos anos do século que passara.

No seu segundo governo, entre 1908 e fins de 1913, já a maturidade dinamizou sua personalidade, não lhe faltando o entusiasmo para realizar uma grande administração, que marcou uma fase inexcedível na vida do Estado, e tornou-se um verdadeiro "mecenas", pelo amor que devotava às artes e às letras.

Apesar de tudo que fez, em fins do seu governo, surgiu a oposição do Capitão José da Penha, dando feições populares a luta política. Este jovem, eloqüente, vibrante, dedicou uma peregrinação política por todo Estado. Arregimentou multidões, roubando as conversas do entardecer dos salões do palácio para o meio dos populares fanatisados.

José da Penha não aceitava pessoalmente sua candidatura ao governo e insistia em indicar o nome de Lêonidas da Fon-

Labim/UFRN
seca, filho do Presidente Hermes da Fonseca, para assumir a missão. Escolheram seu nome contra vontade de seus correligionários.

Ferreira Chaves se agregara à oligarquia Maranhão e tornou-se o candidato do situacionismo. Foi uma luta árdua, radical, exasperada, que terminou num pífio tiroteio, numa das noites da Ribeira, em edifício defronte a Igreja do Bom Jesus das Dores, sobressaltando as tristes e desertas ruas desse bairro, fechando os cafés e recolhida a população que se amedrontara com os acontecimentos.

Redundou numa morte ocasional de um pobre transeunte que nada tinha a ver com esse entrevero.

Além da derrota eleitoral deu-se a triste rendição dos rapazes que acompanhavam o Capitão José da Penha nessa refrega, onde desperdiçavam a coragem e a veemência das palavras.

José da Penha, pelo vapor Bahia, dirigiu-se para o Recife, e de lá tornou ao Ceará para ajudar o Cel. Francisco Rabelo na luta contra os jagunços de Floro Bartolomeu, médico, sob a proteção dos poderes federais. Nessa sua missão foi atingido por um tiro de um cangaceiro, que o matou. Terminou assim essa bravura que lutara inutilmente pela república de seus sonhos.

Depois que tudo serenou, os professores do conservatório de Música resolveram prestar uma homenagem a Alberto Maranhão, numa tarde quente de outubro, pelas 15 horas, no "foyer" do teatro, quando foram ouvidas uma ária de "Fausto" de Gounod, uma serenata de Grieg e a "Tosca" de Puccini. Depois tudo voltou ao ritmo dos dias antigos.

Esses trágicos acontecimentos ecoaram em Natal sem perturbar a placidez das suas ruas.

Apesar desse quadro tumultuado, Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão tudo fez para levar ao povo grandes conquistas que o século prometia. Pleiteou e obteve empréstimo na França para dar impulso ao seu governo. Construiu uma usina elétrica, por volta de 1911, iluminando a cidade e estabelecendo os bondes elétricos para servirem à população. Cuidou do abastecimento d'água, removeu o lixo para incinerá-lo. Construiu um balneário na Ponta do Morcego e instalou câmaras frigoríficas na cidade.

Labim/UFRN

Não se descuidou da agricultura, instalando colônias agrícolas e iniciou um campo de demonstração agrícola no vale do Rio Potengi.

Além do Grupo Escolar Augusto Severo, na Ribeira, logo depois foi a vez do Grupo Escolar Frei Miguelinho, no Alecrim. Seu pendor pelas artes levou-o a construir o Conservatório de Música.

Preocupou-se com o ensino no Rio Grande do Norte, construiu a Escola Normal, cuja primeira turma de professores formada em 1910, recebeu das mãos do governador a doação do anel de grau.

A sua visão não se restringia aos limites da capital, vinte e três grupos escolares se distribuíram pelas sedes dos 36 municípios. Deu-lhes os nomes de políticos regionais e familiares, não esquecendo de prestigiar as grandes figuras da nossa cultura, denominando "Auta de Souza" a grande mística da nossa poesia, ao Grupo Escolar de Macaíba e "Nísia Floresta" ao grupo de Papari, e que hoje tem o seu nome no município.

Esses 23 grupos assistiam a 2.500 alunos, quando a nossa população não atingia 500.000 habitantes.

Fugindo aos estreitos limites da capital, Alberto Maranhão construiu uma casa de veraneio no "Monte", a que ele denominou posteriormente de Petrópolis. Desfez-se dessa residência e construiu no outro limite da cidade a residência onde seria posteriormente o Aero Clube, cercado de verdejantes campinas. Nesse amplo espaço da cidade determinou a abertura de largas avenidas que vieram a constituir os bairros de Petrópolis e Tirol, que se denominavam a Cidade Nova.

Graças a essas iniciativas dos primeiros anos do século, a Natal de hoje possui claras e belas avenidas traçadas por um governo de sensibilidade. Aproveitando a competência de Herculano Ramos, modernizou a arquitetura da cidade

Nas campinas da ribeira fez um belo parque defronte o Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão, mutilado pela insensibilidade de seus sucessores.

O ponto alto de sua segunda governadoria foi a reconstrução do Teatro Carlos Gomes, reinaugurado em 1912, nos moldes dos teatros franceses, mais amplo, onde se situava o "foyer" no segundo andar. E no alto de seu frontispício a imagem da

Labim/UFRN

"Arte", inspirado no original do artista francês Mathurin Moreau, que já ornava os altos dessa bela casa de espetáculo desde sua construção em 1904. Seus belos portões foram projetados e fundidos na fundição Val D'Osme, em Paris.

Não foi sem justificativa que o Prefeito La Guardia, de New York, passando por Natal nos anos de guerra, parou o carro e foi visitar o teatro. Olhou-o curiosamente e aproveitando a presença do Interventor Seabra Fagundes felicitou-o pela beleza do teatro, que é realmente um marco da maior importância da história da cultura de nosso Estado.

Essa reinauguração de 1912, deu a esse teatro uma reativação artística sem precedentes. A sociedade ouviu óperas e operetas, como Princesa dos Dólares, Viúva Alegre, Traviata, La Boheme, enchendo a cidade de alegria.

Não esqueceu a saúde do povo, edificando o hospital Juvino Barreto, no alto de Petrópolis, aproveitando a residência de veraneio que lhe encantou os olhos com a visão do mar. Hoje Hospital Universitário Onofre Lopes.

Tornou-se uma personalidade emblemática na administração do povo, um verdadeiro mecenas.

Ainda menino lembro-me de estranhos nomes ouvidos em casa, entre meus familiares, como Smido e Nicolino Milano, italianos, que foram maestros da orquestra do teatro que mais tarde eu viria a saber tratar-se de grandes músicos contratados por Alberto Maranhão.

A visão desse governador se localizou inconscientemente no meu trânsito diário pela avenida Junqueira Aires, olhando aquela longa balaustrada que viera da Europa com belo relógio, que marcou minha memória, com o tempo de minha ida e volta para o Grupo Escolar Augusto Severo, onde fazia minhas primeiras letras.

Desses passos diários me ficaram a nostalgia desses ritmos nos primeiros itinerários de minha vida.

Alberto Maranhão deixou o governo ao fim do mandato, passando-o ao seu sucessor Ferreira Chaves, depois de tumultuada campanha.

Ocupou, então, a Câmara de Deputados, onde permaneceu até a Revolução de 1930, terminou seus dias em condições modestas lá para os lados de Parati.

Labim/UFRN

Natal comemora 400 anos; aniversário que se apresenta como uma digna oportunidade de resgatar os restos mortais desse filho ilustre, recuperando-o do esquecimento.

A juventude precisa saber dessa história. Ela honra o que temos a contar desse homem público, que tanto amou e serviu à sua terra.

Labim/UFRN

CONHECER O MUNDO PARA ENTENDER SUA ALDEIA

Nestor dos Santos Lima

Natal, cidade onde nasci, há mais de três quartos de século, pelos meados de outubro de 1921, foi a minha escola, afora os meus oito anos de Recife de cuja vida universitária participei de 1945 a 1956. Natal forneceu-me os padrões de comparação para compreender o Brasil, por limitados que fossem tendo em vista a insignificância de meu estado, o Rio Grande do Norte com apenas cerca de 50.000 quilômetros quadrados no seio de um imenso país como o nosso Brasil cuja amplitude excitava minha imaginação mas me faltavam os meios para satisfazê-la, sobretudo de meios de comunicação naqueles longínquos anos de minha juventude. Estava limitado ao alcance das minhas pernas praticamente. E não poderia ir muito longe com elas. Com algum esforço pude chegar a Ponta Negra, à Redinha, a Macaíba, e muito mais tarde a São José de Mipibu, Lagoa do Bonfim e por aqui fiquei. Recife foi uma revelação. Era a grande cidade pra onde se ia de trem ou de navio. Fui de trem, numa viagem de 24 horas, sobre 400 km. Hoje se faz em 3 horas, de ônibus.

Passaram-se anos e a cidadezinha branca à margem direita do rio Potengi permaneceu gravada no meu imaginário como o único lugar do mundo digno de viver para quando chegasse minha hora de voltar das minhas andanças pelo universo que eu queria conhecer, nem que fosse como marinheiro daqueles navios que ocasionalmente entravam no estuário do Potengi, carregavam açúcar ou algodão, sal, peles de cabra e tudo o que fazia o comércio externo do nosso estado, e saiam apitando barra a fora.

A imutável imagem que eu guardava de Natal era aquele mar azul aquela entrada da barra enquadrada pela silhueta do forte dos Reis Magos na margem direita guardando a boca do Rio Potengi, enquanto pela margem esquerda as praias brancas da Redinha corriam a partir dos mangues de Igapó que vêm se reduzindo desde a tumultuosa chegada dos portugueses há 500 anos atrás.

Essa imagem me tranqüilizaria por muito tempo pois era algo imóvel num mundo em movimento no qual eu me inserira após minha inclusão no serviço diplomático brasileiro, não

Labim/UFRN
obstante minhas limitações intelectuais que até hoje venho lutando para superar.

Voltei várias vezes a Natal, para curtas estadas que pelo menos serviam para assegurar-me de que o Brasil permanecia na borda oriental do Atlântico Sul e que Natal nada mudara do seu perfil tradicional herdado dos primeiros capítulos da nossa história colonial. Temo que em breve, com os arranha-céus da Praia do Meio, e com essa idéia maluca de cruzar a barra com uma ponte colossal, morra definitivamente a tranqüilizadora imagem que acalentei por tanto tempo. Ainda bem que só tenho mais uma vintena de anos para sofrer impacto visual do efeito da realização dessa descabelada idéia dos improvisados urbanistas das novas gerações. Nessas curtas estadas tenho observado com resignação, os claros que a morte vem abrindo nas filas dos velhos amigos que já se foram. É o destino de quem vive um pouco mais, como é o meu caso. Mas mudanças de fundo, dessas só me daria quando viesse como vim jogado pela aposentadoria no grande e tumultuoso Brasil dos anos 1950, em plenos meados do século XX, quando já haviam passado quase 500 anos do longo amanhecer da nossa liberdade de conduzir nossas vidas fora dos padrões portugueses que nos tinham limitado por todo o período colonial e pós-monárquico já feito em pedaços deixando-nos frente a frente com os azares do nosso livre arbítrio, sem limites ou referências, como só acontece com os povos que ainda desconhecem sua história arriscando incorrer nos erros dos que não sabem de onde vêm e não podem imaginar para onde vão, como dizem os historiadores.

Sem dúvida, a minha volta a Natal, em 1985 me permitiu um bom momento de reflexão sobre a minha vida aventureira que se iniciara em 1951 com a partida para Belgrado para assumir o meu lugar junto ao poeta e embaixador Rui Ribeiro Couto, nas condições vagamente descritas na "Evocação de Ribeiro Couto" editada em Brasília, em 1998. Até então fora eu um imaturo jovem que, por competência pessoal, furara as barreiras tradicionais que fechavam o acesso ao Itamaraty a quem não pertencesse às elites dos estados mais influentes na República brasileira, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco e a Bahia, deixando a participação dos demais estados prejudicada por falta de contato com as elites

Labim/UFRN

federais além da falta de preparo para enfrentar as provas que amedrontavam os candidatos menos bem informados. A sorte e a circunstância como disse Veríssimo de Melo inspirado em Ortega y Gasset, me levaram de roldão a juntar-me à carreira diplomática brasileira. Se minha entrada no Itamaraty fora apressada e não pensada, uma vez admitido à Casa de Rio Branco logo visualizei que poderia realizar o velho sonho de conhecer o mundo para melhor compreender o meu país sobre o qual, logo que cheguei no México, em contato com Octávio Paz e o filósofo mexicano Zea, começariam a ser alinhavadas as primeiras idéias que vieram à luz na monografia " A Terceira América" com o beneplácito entusiástico do ensaísta Clodomir Vianna Moog, então no Conselho Cultural Latino Americano, sediado no México (1954). Naquela época eu já me havia purgado das ilusões disseminadas pelo marxismo que contaminaram todas as camadas das sociedades subdesenvolvidas particularmente os intelectuais dos estados mais pobres da nossa bamboleante federação, armada apressadamente sob o modelo da constituição americana de 1787 mas tornada ineficaz pela já identificada capacidade brasileira de legislar e imbutir no próprio texto as exceções que o inviabilizam, como estamos dolorosamente verificando nos periclitantes finais deste século. Naqueles anos dos meados do século XX ora findante, eu estava era, na verdade, interessado em acompanhar a trajetória do mundo comunista, como prioridade política para os cinqüenta anos que nos separavam do ano 2000, agora tão próximo. E minha partida em 1951 para Belgrado já fora dentro desse objetivo. Mas na verdade, a velocidade da expansão soviética ameaçava tornar-se uma realidade nos termos da ideologia e dialética marxistas que pretendiam ter aprisionado a história da humanidade dentro de seus aparentes sofismas ideológicos, dos quais era difícil se livrar, sem estudo e sem a própria experiência da área comunista. Ademais, a antiga Iugoslávia era um país da área temperada onde eu iria verificar os dados climáticos que o diferenciavam do Brasil, essencialmente tropical. Com a minha sensibilidade formada em clima equatorial, poderia captar essas diferenças e com elas, como parâmetros, compreender melhor especificidade do problema brasileiro de ser um país tropical frente o desafio os países temperados e seu rápido desenvolvimento e suas altas taxas de ren-

Labim/UFRN

da per capita. Afora isso, iria viver numa sociedade socialista em evolução final para uma sociedade comunista nos termos ideológicos dos marxistas. Mas durante aqueles anos despencaram as minhas últimas ilusões sobre a utopia socialista que se estraçalhava no muro que separava Iugoslávia das demais repúblicas da Cortina de Ferro. E o "Arquipélago Gulag" ainda ia aparecer no mundo ocidental para desfazer o monte de mentiras sobre um alegado liberalismo sobrevivente dentro da União Soviética. A impostura acabaria sob a luz lançada pelo livro de Solzhenitsyn nos porões da revolução soviética feita para salvar a humanidade dos males do capitalismo.

O meu estágio na Dinamarca, dez anos depois me desfizeram a ojeriza da monarquia, em todos nós instilada pelos líderes republicanos brasileiros que surpreendidos pelo êxito de sua conspiração militar contra D. Pedro II, temiam uma reação popular contra a instalação da república um modelo político cuja adequação à realidade brasileira está mostrando suas debilidades neste fim de século violento e atormentado pelo qual estamos passando atualmente.

Se os meus anos de Iugoslávia desfizeram minhas últimas ilusões sobre o marxismo e as revoluções nele inspirados, a minha temporada na Dinamarca, encurtada pelos efeitos externos da outra revolução salvadora, essa no Brasil de 1964, revelou-me os extraordinários efeitos benéficos do socialismo escandinavo, realizado sem violência nem ditadura, em monarquias constitucionais usando o imposto para minorar as disparidades sociais, em plena liberdade e com evidentes marcas de êxito inegável, verificável na ordem e paz que reina naquelas zona tranqüila de mulheres lindas e climas intragáveis para homens do trópico como eu, acostumado a mares azuis e sol forte todo o ano como se goza em Natal. Assim, a Dinamarca, pequeníssima em medidas territoriais (do tamanho do estado do Rio) sem recursos minerais mas dotada de um povo educado e extremamente capaz em tudo o que procura realizar, coerente em torno de uma língua suficiente para os seus 6 milhões de habitantes, com literatura próprias uma cultura extremamente refinada que serve a toda a população sem bolsões de misérias e capacitada a sobreviver os invernos gelados de sua natureza quase ártica, comendo bacalhau e frangos com gosto de peixe,

Labim/UFRN

porque alimentados por farinha de pescado. Lá percebi o que o elemento cultural pode fazer por um povo e passei a refletir sobre as lacunas culturais do Brasil atribuíveis certamente à indiferença com que as elites letradas olham pra os que não o são. Mas eu ainda não pertencia a uma Academia de Letras no Brasil onde eu vejo um balcão extremamente apropriado para lançar a Revolução cultural de que precisamos urgentemente. Na Dinamarca aprendi a estimar o papel estimulador do frio para disciplinar o consumo (notar a escassez de gordos, homens e mulheres, sobretudo a falta de nossas gloriosas abundâncias glúteas que escandalizaram quando ousam se apresentar naquela terra de gente magra, praias frias e de ventos gelados. Tudo resulta numa vida confortável para as maiorias, onde tudo funciona bem a tempo e a hora num modelo intransportável para nossas plagas tropicais ainda por muito tempo. Ainda dois estágios no exterior me impressionaram fundamentalmente porque passados em dois países semelhantes em vários aspectos, com o Brasil, a saber o México (1953-1956) e o Egito (1961-1963). Em ambos esses países, de passado remoto um, o México e remotíssimo, o outro, no Egito, chamou-me atenção o espaço e a importância que assumem a cultura, o patrimônio cultural no presente e no futuro daqueles países e na mobilização das forças do povo tocadas pela inspiração que lhes vem do passado chamado a mobilizar e motivar as energias do presente. É claro que a nossa cultura brasileira não dispõe de um patrimônio profundo e inspirador como ambos aqueles países. Nós somos uma nação construída sobre areia fina. Não há nada que buscar nas profundezas do passado brasileiro. E o pior é que tem havido um trabalho metódico para desacreditar os não poucos méritos na tradição ibérica de viés luso que está no nosso passado. Há mesmo um trabalho sistemático para negar-lhe o mérito de suas ações construtivas no passado. É preciso um trabalho cuidadoso de adentramento do nosso passado cultural com o fim de recuperar aquilo que merece nosso reconhecimento. Recuperar o que houve de positivo, e não foi pouco, senão corremos o risco de revelarmos nos faltarem bases para construir uma civilização com o que já temos iniciado, desde que começou o nosso lento amanhecer. Daí a importância de retirarmos o maior proveito das celebrações dos primeiros 500 anos de nossa história que espero seja aproveitada para ressaltar os acertos e não nos embrenharmos na

Labim/UFRN
escavação da nossa comédia de erros que deixaremos para outra oportunidade. México e Egito têm algo de comum com o Japão que foi para mim a maior experiência que atravessei para compreender o fato cultural como elemento dinamizador da vida de uma sociedade, o que nos faz muita falta.

No Brasil e em Natal, no último quartel do século XX

Eu sabia que pelas alturas de 80, o Itamaraty se aprestava a meter o cutelo no meu pescoço taurino, de que tanto me orgulhava, e a mandar-me para casa no gozo da merecida aposentadoria, depois de quase quarenta anos de serviços. Eu não via outro destino possível do que ir-me repousar em Natal, cidade em que eu pensava todos os dias, enquanto andava pelos caminhos do mundo, na companhia tranqüila da minha mulher, a doutora Aracy e da minha filha Clelia que sempre concordaram com as minhas às vezes estranhas escolhas de posto feitas dentro dos estreitos limites que me permitiam os azares da administração fria que nos comandava de longe. Não seria diferente essa última escolha, o esperava eu. Ledo engano...

Meti nos meandros da memória os deliciosos dias, dois anos passados na República Dominicana e no Caribe que me lembrava Recife dos meus tempos universitários e enrolei o esboço do que seria muito depois "Mutirão para o Suriname" publicado pelo Senado em Brasília em 1991 para suprir a falta de informação sobre o Suriname. Lá eu passaria seis anos à beira do rio Maroni observando uma sociedade projetada por holandeses e para holandeses e logo tomada por negros, asiáticos, indonésios, chineses, indígenas americanos de várias tribos e holandeses deixados naquelas paragens extra amazônicas do ombro da América do Sul. O que aprendi de algum valor veio no Mutirão. O resto são lembranças que trago comigo. Gostei do Suriname e dos surinameses, não posso negar, nunca pude detestar lugares que conheci nem gente com quem convivi. E em pouco tempo me vi de novo em Natal, na Praia do Meio, numa enorme casa que mandei fazer lá. Infelizmente, o vaticínio de Vianna Moog se realizaria a muito mais curto prazo que eu imaginaria: "Tu não vai agüentar a província. Eu não agüentei Porto Alegre".

Labim/UFRN

Da varanda da frente da nossa casa na Praia do Meio, observávamos a interminável e diária partida de futebol de areia na qual os contendores incontáveis se esforçavam para furar "gols" nas balizas dos dois grupos por sinal que reduzida ao mínimo e definidas por um guarda valas e uma parede de beques avantajados. Com aquelas barras não maiores de que um metro era muito difícil fazer "gol". Mesmo assim são intensamente disputadas e as equipes se revezavam sem parar. Minha mulher, cuja formação científica fez dela um incansável observador me dizia subitamente: "É curioso. Os jovens que se batem nessas infindáveis peladas neste sol rachante não são negros, embora o pareçam. Na verdade ou são índios ou mestiços de índios". Parei pra pensar e retorqui: "São os mesmos brasileiros que receberam aqui nestas praias em 1500 os primeiros portugueses e os comeram. Quanto progresso fizemos de 1500 para cá... Não é?". Depois quando voltamos a morar em Brasília, o que ocorreu mais cedo do que eu planejara, às pessoas que visitavam Natal e sabendo-nos potiguares elogiavam a cidade e seu povo amável hoje, eu recrutava: "Felizes vocês porque foram a Natal agora porque se tivessem chegado em 1500 nós os teríamos comido". Essas observações mordazes passaram a figurar no elenco das minhas reflexões sobre Natal e seu povo para situar num plano mais real as perspectivas das elites de extração européia que formam hoje a sociedade brasiliense, agora que a capital está ultrapassando sua fase pioneira e se estruturando no molde inevitável da sociedade "apartada" de que fala Zuenir Ventura em seus livros tão populares atualmente. Ademais, é muito útil ser provocador nesta matéria tendo em vista a necessidade de refletirmos seriamente sobre o 500º aniversário da inserção do Brasil no mundo moderno do século XVI e sua globalização. Trata-se agora de olhar para este lento amanhecer, como o livro de Celso Furtado desse título sugere, o Brasil em que estamos todos empenhados pelo menos os intelectuais efetivamente antenados para captar o florescer da nossa identidade nacional.

Valeu a pena para mim firmar-me em Natal na Praia do Meio e dali participar de novo da vida natalense quarenta anos após o começo das minhas caminhadas pelo mundo até além das fronteiras da nossa cultura latina que se estende diga-se "en passant" até onde se irradiou o alfabeto e a influência da língua e

Labim/UFRN
da cultura latina que nos legaram os portugueses, apesar da resistência dos nossos brasileiros nativos que cobriam as praias do saliente nordestino; no quadro desse choque cultural perderam-se os primeiros 200 anos para iniciação cultural da nossa gente nos rudimentos da época que se abria com a chegada dos portugueses. Só agora foi que compreendi a razão profunda do atraso do Rio Grande do Norte relativamente ao avanço cultural das outras capitanias, como Pernambuco e Paraíba e que continua marcando-nos no presente. Aí entramos de chofre na grande defasagem cultural do nosso estado pelas elevadas taxas de analfabetismo, pelo marasmo das atividades culturais e pelo inexistente sentido de cidadania que marcam as nossas classes menos favorecidas, viável nas nossas multidões apáticas incapazes de reivindicar os direitos que já lhes foram assegurados nas leis vigentes - mas que a minoria letrada teima em não expor aos seus olhos e às mentes empobrecidas dos nossos convidados pobres. Mas nisso está também incluído o atraso decorrente da longa subordinação política da Capitania do Rio Grande ao governo da Capitania de Pernambuco do qual só nos livramos durante a agitação decorrente da revolução de 1817 marcando no dia 3 de março daquele ano o fim da subordinação aos régulos pernambucanos que faziam gato e sapato do gado, das carnes e do sal norte-rio-grandense. Cessara o protetorado pernambucano sobre a vida e a economia do Rio Grande do Norte passados quase 300 anos desde a descoberta. Quanto à subordinação jurídica à Paraíba, constituiu-se a Comarca do Rio Grande finalmente a partir de 18 de março 1818. Muitas causas de defasagem cultural do nosso estado amarram-se na situação duas vezes colonial a que foi submetida durante esses 300 anos que antecederam a Revolução Pernambucana de 1817. O resultado foi o atraso cultural do povo, maiormente de extração indígena, potiguar, a mais feroz das tribos do nosso litoral, cujo maior talento era a briga de cassetes nos quais eram exímios e por isso mesmo foram abundantemente utilizados pelos portugueses como carne de canhão como bem o notou o velho Frei Vicente do Salvador na sua minuciosa história do Brasil de 1627. Disso tudo resulta o aspecto atual do povo nas nossas cidades e aldeias no interior, a construção acanhada das nossas casas a falta de sentido de cidadania, o vandalismo contra tudo que autoridade pública

Labim/UFRN
faz, correspondente ao profundo desprezo que os governantes estaduais e municipais mostram em tudo que se refere ao povo, por exemplo o contraste em Natal no cuidado com asfalto para os automóveis e o descuido total pelas calçadas usadas pelos pedestres, refletindo a falta de cidadania que não exige e o desprezo dos governantes pelos pedestres. O alinhamento das ruas de Natal, que os proprietários das casas destróem para facilitar o trânsito de seus automóveis, deixando as ruas e calçadas descontínuas, desniveladas, mal calçadas, pelo sentido que tem o poder municipal de que o povo paga imposto, mas não merece consideração, porque não lhes foi ensinado na escola ou nos comícios políticos o conceito de cidadania e o de comunidade; só se fala do interesse da permanência da classe no poder na próxima eleição e nas promessas eleitorais inatingíveis. O conceito de comunidade, de cidadania e de direitos e deveres do cidadão que faz base do exercício da vida política numa democracia são cuidadosamente evitadas e raramente mencionados, para que não seja destruído o edifício da paz pública estagnada, que beneficia os setores dominantes e a classe de apaniguados que lhes dá sustentação em troca de bons empregos e polpudas aposentadorias.

Morando na Praia do Meio, de frente para o mar, significa dar as costas para o bairro de Santos Reis, o setor onde se continuou o núcleo da população indígena original do porto de pesca das rocas, primeira vítima dos abusos econômicos dos portugueses através do confisco de peixes para alimentação dos soldados do forte dos Reis Magos. Sobre os restos do porto de pesca fica hoje o mercado de peixe a favela do Maruim, o porto da Petrobrás, os depósitos de combustíveis da Praia do Meio e o bairro de casas baixas e gente pobre que vai do rio Potengi até o sopé dos arranha-céus da Ladeira do Sol que enfeitam de modernidade a linha do horizonte da hodierna Natal. Dali da minha casa eu visualizava aquela massa de telhados coloniais quase compacta de casinhas de pé direito abaixo de três metros abrigando uma operosa população de pretos, índios, mestiços e brancos, pobres de meios mas ricos de inventividade como são os pobres, sobre os quais a polícia exercia severa vigilância quase sempre usando de meios abusivos, porque é polícia para pobres, logo autorizada aos maiores abusos, como pude presenci-

Labim/UFRN
ar alguns casos e intervir usando minha condição de advogado. Na verdade era um excelente ponto para observar a situação do que fora há 4 séculos, um simples porto de pescadores potiguares, hoje cidadãos de segunda classe da comunidade (será que somos uma comunidade, em Natal). Pelo menos aquele grupamento o era, do que fiquei convencido com o tempo. Lá minha mulher, por ser branca, era mal vista, porque "essa muié não é daqui", diziam à boca pequena: Ela não gostou nem um pouquinho dessa discriminação!

Nesse cenário, inscrevi-me, de novo, passados quase quarenta anos fora do Brasil. Cochichava-se que eu voltara sueco que queria limpar as praias. Quando eu saíra de Natal, em 1947, aquilo era um rosário de praias brancas, poucos coqueiros e muita areia. Agora já era a fronteira oceânica de uma cidade atacada pelos ventos do turismo. Bem cedo aquelas lagunas azuis iriam ficar cheias de águas pretas, poluídas pelos barraqueiros que logo se instalaram para aproveitar o turismo e sujar tudo em troca, com restos de peixes, fezes, dejetos, urina, cascas de caranguejo e lixo, pois o mar era o último depósito de tudo. E a Prefeitura nada via, as elites intelectuais não advertiam o Governo nem os intelectuais se movimentaram, pois era uma elite desocupada, descomprometida com a terra e com o povo da terra, voltada para o exterior, se não para as elites do sul, ignorantes de tudo tocante ao que nos cercava. Interessante: notei em todo o Brasil que eu andei, em Brasília, em Natal, há uma ignorância pasmosa sobre a vegetação que nos cerca.

Parece que as elites nem sequer moram nos lugares onde vivem; nunca vi um desprezo tão grande pelo meio em que vivemos e vamos acordar agora nos 500 anos para verificar o quanto já desertificamos o nosso território, minha gente!

Aconteceu que a minha casa na Avenida Café Filho com a rua Capitão-mor Gouveia, cujas primeiras semanas foram tranqüilas, subitamente começou a ser objeto de um tresloucado projeto da dama que dirigia como hoje a prefeitura de Natal para transformar a praia de Iemanjá em Zona turística com barracas imitando as da Bahia. Muito bem como todo governante nordestino, a dona da prefeitura esqueceu que o nordestino faz suas necessidades no chão pois para governante nordestino povo não tem necessidades fisiológicas. E acertou em cheio; as concen-

Labim/UFRN
trações de bêbados e farristas que passaram a utilizar as barracas da D. Wilma passaram a concentrar suas descargas mal cheirosas na própria praia ou em torno do aconchegador muro de dois metros da casa da esquina, em frente, a do autor. A poluição orgânica dos bêbados e dos farristas, a poluição sonora de desbragados e poderosos aparelhos eletrônicos de todas as tais barracas e mais os dos bêbados automobilistas que enchem seus carros de aparelhagem eletrônica para fazerem barulho durante toda a noite, porque não tem horários de funcionamento a zona instalada em frente a minha casa. Pouco tempo depois tive de seguir o melancólico exemplo de todos os residentes da Praia do Meio: fugir. Tratei de encontrar para onde. O horizonte final de Brasília, onde me esperava a casa onde resido atualmente. Mas muita água ainda tinha que passar debaixo da ponte antes que a minha última mudança tivesse lugar. Enquanto isso não desistiria de trabalhar para mudar o pântano em que me encharcara voltando para Natal. Mas o problema era o mesmo de Lenine: QUE FAZER?

Fui pensar, porque no RGN não há autoridade pública para este tipo de problemas, sobretudo para quem ficar de fora de polarização entre as três últimas oligarquias que se disputam o poder local: os Alves, os Melos e os Maias todos três encimados por altos postos no Executivo e no Legislativo, três com a mesma estrutura de comunicações, rádio, televisão e imprensa, armados dos apaniguados a quem prometem cargos no Governo e apoios populares dos que enganam em segui-los na sua constante busca do poder. E note-se: parece haver um acordo mútuo pra não se hostilizarem mutuamente. Permanecemos assim em 1500, baixo três centros de poder, e não mais um só donatário, o João de Barros. Somos uma democracia engolida por três pólos de poder e sem saída à vista. Mas o problema da poluição da Praia do Meio crescia com o lançamento de dejetos ao mar e pelas bocas do esgoto que se derramavam nas praias usadas pelos não cidadãos, os incultos e os analfabetos que apesar disso, para mim, continuam cidadãos, embora não o saibam. Porque os cultos, os alfabetizados de Natal se divertiam em espatifar garrafas a tiros, na beira das praias urbanas, tornando-as infreqüentáveis sem sapatos. Num momento de inspiração, lembrei-me da técnica jesuítica: ensinar pelo exemplo. Eureka!!! Achei. E parti para luta. Tinha que

seguir a teoria jesuítica, dando exemplo, sob uma escolha extra de prioridades, como manda o livro vermelho de Mao Tse Tung, sobretudo concentrar-se no objetivo que sensibilizaria a todos, homens, mulheres e crianças. Daí por diante, todos os dias via-se um homem com uma camisa vermelha, uma lata a tiracolo, escrita GARI VOLUNTÁRIO percorrendo as praias do Morcego, dos Artistas, de Iemanjá e Praia do Forte, colhendo cacos de vidro, sem se importar com o que os outros diziam ou pensavam de mim.

Passei o primeiro mês fazendo as minhas colheitas de cacos de vidro nos três quilômetros da Praia do Meio dialogando sempre com curiosos que me seguiam, as mulheres que me interrogavam e os céticos que me provocavam. Os velhos pescadores me perguntavam por que o doutor está pescando caco de vidro: "Prá botar em cima do muro?", "Pra vender?" "Eu sentia que a curiosidade aumentava com o espetáculo diário e com o meu silêncio, que era outra palavra de ordem de um GRANDE LÍDER. General De Gaulle. Nada como o silêncio para acentuar a autoridade". Até um simples pescador compreende o pensamento do grande líder francês. Eu sabia que incomodava o que eu estava fazendo; nos altos círculos intelectuais da cidade pelo telefone da Academia de Letras um confrade me inquiria sobre o disparate de um Embaixador, mesmo aposentado estar colhendo cacos de vidro nas praias da cidade. E veio comentário de Veríssimo de Melo, meu amigo de muitos anos e Secretário-Geral da Academia "Uma andorinha não faz verão, Nestor". Não esperou muito tempo pela resposta. Na praia uma moça bonita aproximou-se de mim e perguntou: O Senhor é Embaixador mesmo? Não; fui, respondi. "E está apanhando cacos de vidro, para quê? A ela disse. "Para ver se dou uma lição ao Governo de como se começa a resolver um problema. "Eu vou tirar algumas fotografias do Senhor se não tiver inconveniente". Nenhum, posso lhe assegurar. Passadas duas semanas, pararam em minha casa enormes caminhões da Globo com equipamento mirabolante. Vinham certificar-se se era tudo verdade. E era. Passadas duas semanas o programa "Fantástico" abriu às 20:00 com a manchete: "um embaixador aposentado limpa as praias de Natal colhendo cacos de vidro". Se seguiram as imagens que haviam feito. Não pedi "cachet" apesar dos rios de dinheiro que pagam para mostrarem as carnes glúteas da Tiazinha.

Labim/UFRN

Mudei-me de novo de Natal em 1991 para Brasília. Minha mulher me voltou a falar: "Só em Natal fui discriminada por isso voto por Brasília". E nós fomos. Voltei em 1993. Muita coisa tinha mudado. As barracas imundas que poluíam as areias e o mar, tinham desaparecido devido à intervenção da Marinha solicitada por mim ao Almte. Didier. Permaneceram as barracas horríveis da D. Wilma, sem latrinas para os bêbados e os farristas. Mas lá ouvi que está programado retirá-las de uma vez. Mas andando pela praia, um velho pescador aproximou-se e me perguntou: "Cadê os cacos de vidro, embaixador? Acabaram, como o senhor queria?" – Exato. Agora, em 1999, fui tomar um mergulho na baía que cerca todo o paredão do rochedo negro do Morcego, onde se situam grandes restaurantes que antes jogavam esgoto na baiasinha. Notei a água azul, impecável. Indaguei dos moleques que me acompanhavam. Água limpa hein? O esgoto não cai mais para este lado? O molequinho foi franco: Doutor, agora não há mais merda por aqui". Fui confirmar com o pessoal da Peixada da Comadre" a quem muitas vezes entregara memorandos sobre a implantação dos coletores da CAESB. Estão lá sim. Os coletores tinham sido implantados e agora os excrementos colhidos são expulsos para longe pela unidade de compressão dos esgotos da Praia do Meio. Ouvi encantado essa boa notícia que serve para provar que nem tudo está perdido neste Brasil de tantos problemas.

Nestor dos Santos Lima
Cadeira nº 17 da Academia Norte-rio-grandense de Letras
Brasília 18 de novembro de 1999

Labim/UFRN

A OBRA LITERÁRIA DE MURILO MELO FILHO

João Wilson Mendes Melo

Acontece que o escritor tem sido esmagado pelo super jornalista diante dos seus feitos no campo dos acontecimentos da alta política e da maneira como conseguiu comunicá-los aos contemporâneos, com a precisão que requeriam e que por isso servirão para a História Política de algumas dezenas de anos.

Somente por essa razão – o que já é muito – os que o homenageiam pela sua admissão na Academia Brasileira de Letras não falam dos seus livros, mas de suas entrevistas com líderes universais, de seus comentários judiciosos e aprofundados nos temas, de tudo enfim que chegava ao seu posto de escuta, na revista Manchete, e que ele transmitia aos seus ávidos leitores.

Não se omite nenhuma das suas realizações jornalísticas nos quatro cantos da terra: mais de vinte horas de vôo para uma entrevista de duas ou três horas com chefes de Estados de nações distantes, para colher suas opiniões ou suas palavras de ordem sobre os problemas internacionais que a todos interessam na grande cidade-estado universal que já se esboçava. E no espaço-Brasil seu esforço em colher o pensamento da elite política foi imenso, num passado tão próximo que seus reflexos ainda aguardam o futuro para demonstrar seu valor.

Foi, assim, efetuada a necessária justiça e os seus comentadores, críticos, ensaístas ou prefaciadores foram originais no sentido de que é escasso o reconhecimento de valores pessoais e mais raro ainda sua proclamação e elogios.

A Academia Brasileira de Letras lidera, indiscutivelmente esse reconhecimento e o favorece com o Prêmio de chamá-lo para o seu meio. A *imortalidade* de Murilo Melo Filho já estava assegurada porque jornalismo é literatura que ele constrói e divulga.

O que cumpre acrescentar, porém, é que ao lado desse *curiculum vitae*, ele escreveu obras de interesse político e econômico, sobretudo, consubstanciadas em livros que em poucos anos, alguns deles, ultrapassaram a décima edição.

Esse informe é suficiente para que Murilo Melo Filho figure entre os que compõem a intelectualidade brasileira, com uma particularidade enriquecedora: é dedicada ao social. Isto com o

Labim/UFRN

realismo ou naturalismo, sem a via comum do romance, vale dizer sem outro personagem que não seja o Brasil. Deste, sim, ele fez a vida e a paixão, identificando os caminhos do que considerou uma ressurreição milagrosa. São os livros, o "Progresso Brasileiro" e "O Modelo Brasileiro" como final feliz da vitória sobre as dificuldades vencidas, o que constitui, pela Filosofia da História, o elemento de valorização das conquistas coletivas que ele revela em "O Desafio Brasileiro". Tudo isso baseado na observação e experiência pela visão ao vivo em centenas de viagens pelo Brasil, de dezessete viagens à Europa, dezoito viagens aos Estados Unidos da América do Norte e seis viagens pela América do Sul e Caribe, quando, cumprida a missão jornalística ou enquanto ela, se dedicava a ver e a interrogar em todas as esferas sociais, para constituir uma História Oral, formar a sua concepção para melhor olhar o Brasil e a ele se dirigir em seguida.

Não conhecendo sua formação jurídica, bacharel em Direito, como até pouco tempo todo bom brasileiro, poderíamos concluir da leitura dos três livros citados que se trata de estudo aprofundado de alguém da classe dos economistas, então em pleno prestígio no país e na América do Sul, sobretudo. E esses substanciais estudos mereceram uma espécie de Imprimatur, nos prefácios de Antônio Delfim Neto, João Paulo dos Reis Veloso e Mário Henrique Simonsen.

Resulta muito evidente desses livros que o caminho apontado pela experiência e pela nova ciência econômica, com as inovações acrescentadas pela CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina, órgão das Nações Unidas) era, nas circunstâncias vigentes, a melhor alternativa. O autor "tenta mostrar que existe uma esperança: a da queima de etapas, pois se a década de 40 marcou a entrada do Brasil na era do aço, se a de 50 representou o nosso ingresso no mundo do petróleo e se a de 60 foi do automóvel, a de 70 seria a da tecnologia, a de 80 da comunicação e a de 90 a da informática.

Demonstra textualmente que "até os primeiros dias de 1957, o Brasil não figurava, no mapa mundial, como produtor de veículos. Então, apenas a Fábrica Nacional de Motores se dedicava à nacionalização progressiva de automóveis de carga. Quinze anos depois somos o maior parque autoveículo da América do Sul e um dos doze maiores do mundo".

Labim/UFRN

Já preconizava também que "tudo deve ser feito pelo ideal de uma boa distribuição de rendas".

Nos campos político e social Murilo Melo Filho se destaca em "Cinco Dias de Junho" com Arnaldo Niskier, R. Magalhães Jr. e Joel Silveira e "Reportagens que abalaram o Brasil" com Carlos Lacerda, Samuel Wainer, Francisco de Assis Barbosa, João Martins, David Nasser, Edmar Morel, Justino Martins e Otto Lara Rezende, além de "O Assunto é Padre", com Raquel de Queiroz, Josué Montelo, Adonias Filho, Cassiano Ricardo, Gustavo Corção, Hélio Silva, Octávio de Faria, em "Testemunho Político" (1997) e "Crônica Política do Rio de Janeiro", no recente 1998, também em parceria de opiniões e pontos de vista.

Há pontos altos nas conclusões do acadêmico Murilo quando constata que "a revolução industrial do século XVIII foi européia e a revolução cibernética do século XX é americana".

Contém em sua obra lições que não podem ser esquecidas pela sua ainda hoje atualidade: "nunca como agora os brasileiros precisam conhecer tanto a realidade do país. Temos oscilado entre o otimismo crônico, do tipo de Afonso Celso ou futurista de Zweig, passando por *slogans* como os da Marcha Para Oeste. Dá um grito de alerta quando observa a "América Visual" dos palácios modernos e esplendorosos, "diante da América visível de 160 milhões de pobres" "até agora mais ou menos quieta, mas que poderá rebelar-se algum dia em amplos movimentos de protesto e indignação para fazer-se vista e ouvida. Conformados com 300 anos de indiferença, descaso e desamparo, esses milhões de criaturas que apenas sobrevivem nos guetos urbanos ou nos feudos rurais, poderão de uma hora para outra – como advertiu Arciégenas, fazer-se ouvir, e no dia em que isto acontecer haverá uma fogueira consumidora, ou então um halo de luz". (Arciégenas é um filósofo colombiano falecido recentemente aos noventa anos de idade).

Sua obra literária também contempla o regional e em dois livros, "O Nosso Rio Grande do Norte", e "Memória Viva", estuda com a profundidade necessária sua terra Natal que ele viu e vê de bem perto pelo contato constante que nunca perdeu e que viu de longe, do alto a que o levou o viajante que foi e a que o elevou o profissional da comunicação. Nesse estágio, a apreciação elogiosa do pequeno rincão, nas suas belezas e no seu aspecto humano, tem valor excessivamente multiplicado e confiável.

Labim/UFRN

A obra literária de Murilo Melo Filho está, assim, pelos seus livros, entre as mais valiosas do ideário cultural do Brasil, completando aquelas que são básicas para conhecimento do nosso país e que Nelson Wernec Sodré provavelmente incluiria no seu "O Que Devemos Ler Para Conhecer o Brasil".

Observe-se o estilo do autor, que agrada e convence, num vernáculo que confirma o valor das regras que defendem a pureza do idioma.

Se hoje é justo pensar assim sobre a obra desse intelectual conterrâneo admitido no colégio dos imortais, o futuro que sempre vê com mais isenção os valores passados, haverá de consagrá-lo, com certeza.

Labim/UFRN

A MULHER NORTE-RIO-GRANDENSE NA LITERATURA BRASILEIRA

Maria Eugênia Montenegro

Sem sombra de dúvidas, Nísia Floresta Brasileira Augusta foi a mais notável escritora do Brasil. Nascida Dionísia Pinto Lisboa a 12.10.1810 em Papari-RN, hoje município de Nísia Floresta.

Foi precursora do feminismo em nossa pátria, abolicionista e republicana, educadora, escritora, ufanista do seu país, discípula de Augusto Comte.

Casou-se duas vezes. Quebrou todos os tabus da época, ao abandonar seu primeiro marido, casando-se em seguida com seu amado e inesquecível Manoel Augusto de Faria Rocha, do qual enviuvou-se. Após passar alguns anos no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, fundou no Rio uma escola para meninas – o Colégio Augusto – onde começou a prepará-las para sua emancipação política e social. Do Rio viajou para Europa. Brilhava nos salões literários da França, como amiga de Augusto Comte, Victor Hugo, Alexandre Herculano. Escreveu vários livros, dentre eles, Opúsculo Humanitário, Conselhos à Minha Filha e outros que foram traduzidos para o italiano e o francês. Viajou por vários países, deixando gravadas suas impressões de viagem. Morreu em Rouen na França, a 24.04.1883. Viveu vinte e oito anos na Europa. Seu corpo foi transladado para a sua cidade natal, numa tocante homenagem que lhe prestaram seus conterrâneos.

Nísia foi a flor rebelde de três sangues borbulhantes, que lhe legaram no amálgama das raças, a audácia, a sede do desconhecido, sempre a percorrer países, a conhecer povos e costumes. Foi uma bela e sedutora mulher.

Em Auta de Souza, tivemos o reverso da medalha. Poeta angelical e mística, que nos transporta às celestiais moradas, através de seus versos maviosos, sem dúvida, um dos mais belos da poética brasileira. Seu livro Horto é um santuário de beleza, misticismo e suavidade no dizer de Olavo Bilac... balbúcios de preces entre espirais suaves de incenso. "Vejamos sua lira:

Ajoelha, ó minhalma, abraçando o madeiro,
Em que morreu Jesus, o teu celeste amigo!

Labim/UFRN

A seus pés acharás o pouso derradeiro
O derradeiro amparo, o derradeiro abrigo!

****

Ao morrer quero ir assim,
Sustendo meu coração.
Saudades da vida? Sim.
Saudades do mundo? Não!

Na História da Literatura Brasileira constam os nomes de quatro poetisas da terra potiguar, cujos poemas estão classificados dentre os cem melhores sonetos brasileiros. São elas: Palmira Wanderley, de Natal, Carolina Wanderley, Ana Lima e Angelina Macedo, de Assu. Seus versos:

De Palmira (romântica)

Tento fugir do teu olhar
Me enveredo no atalho
dos escolhos.
Evito a luz do luar
Para não te ver...
E caio, sem querer,
No luar dos teus olhos...

De Carolina:

Assu

Terra bendita, onde abriguei ditosa
Da minha infância as ilusões fagueiras,
Coroada qual rainha majestosa,
Das verdes palmas da carnaubeira

Terra gentil que acolhes carinhosa
Nas oiticicas deusas altaneiras,
Bandos de aves gasís, que em voz maviosa
Cantam ao sol as irradiações primeiras

Labim/UFRN

Se eu, um dia, trêmula velinha,
Presa à mágoa que aos poucos me definha,
Ao teu solo volver, berço risonho,

Agasalha-me ainda com ternura,
Como outrora, nos dias de ventura
Agasalhaste o meu primeiro sonho.

Ana Lima imortalizou-se com seu soneto – Meu Sonho e Angelina Macedo com o seu doloroso soneto Resignação.

Zila Mamede, a poeta modernista, bucólica e telúrica, a enaltecer o mar e Miriam Coeli, poeta humanística de grande beleza espiritual.

Se estas poetas se sobressaíram no panorama nacional, ainda temos outras que, certamente, enriqueceriam qualquer antologia como a fabulosa Sinhazinha Wanderley, teatróloga, musicista, compositora, educadora, musa do Assu. Ainda dessa cidade, Alice Wanderley, esse buquê de flores da frondosa árvore genealógica de Gonçalo Lins Wanderley, que plantou em sua cidade a arte e a cultura.

O Rio Grande do Norte está de parabéns pela plêiade de estrelas que iluminam o céu literário da terra potiguar.

AINDA PALMYRA E CAROLINA

As duas musas da poesia potiguar. Duas rosas que enfeitavam os salões do Palácio Potengi, nas tertúlias literárias, na década de 1920. Lídimas filhas de Calíope, com estilete e papel na mão, a gravarem pedaços de suas almas românticas.

Palmyra, a rosa "La France", com o seu perfume suave e lírico e a meiga Carolina, a lembrar a "Palmeiron", a rosa branca e pura a despetalar ternura e misticismo nos versos límpidos, como as águas das cascatas cristalinas e borbulhantes.

Foram membros fundadoras da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Ambas, de vasta cultura. Palmyra, autodidata e Carolina, normalista, mestra e educadora renomada, com grande sensibilidade cívica, que transmitia aos alunos, através de peças teatrais e poesias. Eram primas e amigas inseparáveis.

Labim/UFRN

Deixaram vários livros. Carolina, no seu livro Alma em Versos, gravou a bela dedicatória: "À Palmyra, os versos de minha alma". Josué Silva fez um panegírico à sua pessoa. São dele as palavras: "Carolina Wanderley é uma poetisa de fina e maviosa expressão lírica..." "...é uma poetisa de profunda sensibilidade espiritual..." "há em seus versos moldados de feição clássica, uma expressão de arte e amor". O escritor ainda fala do Assu – sua terra natal – acariciada pelas ventarolas dos carnaubais e fertilizada pelas águas lustrais do Poassá, fonte de inspiração para os poetas do Assu. Certamente, foi ao beber as famosas águas que escreveu os magníficos versos como Grito Dalma e Não Voltou. Quem sabe, este foi dedicado ao grande amor de sua vida que ali deixou ficar?

Se Carolina era doce e tímida, Palmyra era o reverso da medalha: altaneira, alegre, confiante, comunicativa.

Marcaram época nas tertúlias literárias do Palácio Potengi. Palmyra, exímia declamadora, a brilhar nos recitais de poesia, também conferencista, a defender causas sociais e religiosas, verdadeiras peças literárias de teor filosófico e poético, a poesia presente na prosa, como se esta fosse um próprio poema.

Seu primeiro livro de versos foi Esmeraldas, elogiado pela crítica. Escreveu a Festa das Cores-opereta-infantil; Neblina na Vidraça, Minha Canção Auviverde, Espelho Partido, Rosa Mística em versos e outros.

Contudo, consagrou-se com o seu Roseira Brava, que teve repercussão nacional. A crítica assim se manifestou:

Palmyra é a própria Roseira Brava da nossa terra. Foi além da palmeira espelhando suas rosas, para suavizar nossa vida. João M. Furtado.

Enquanto a irmã religiosa leva a terra para o Céu, a poetisa traz o céu para a terra. José Américo.

Um sabiá que tivesse as penas de ouro. Andrade Muricy.

O maior poeta feminino do Nordeste: Tristão de Atayde.

E que feliz és tu, alma ansiosa. Abres de verso em verso, rosa a rosa. Alberto de Oliveira.

Palmyra Wanderley-Roseira Brava, Musa do Norte, patativa escrava da gaiola do sonho. Hermes Fontes.

Teve dezenas de apreciações as mais louváveis, dentre elas as de Luís da Câmara Cascudo, Nilo Pereira, Medeiros e Albuquerque, João Pinheiro, Múcio Leão etc.

Labim/UFRN

Recebeu com este livro a menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1930.

Ao visitá-la certa vez, na sua residência, ofereceu-me um exemplar de Roseira Brava, com a dedicatória que muito me sensibilizou:

"Para você, Maria Eugênia, cuja convivência é um encanto, pela beleza de sua inteligência, pela luminosidade do seu espírito, pelo seu valor intelectual, pela bondade imensa de seu coração, homenagem de estima e admiração de Palmyra". E mais abaixo: "Que as rosas da roseira brava e tão sem cheiro, recebam de seu encanto espiritual, o aroma que elas não têm."

A nossa amizade foi sincera e espontânea. Apesar dos anos, ainda aparentava aquele encanto da juventude com seus cabelos louros e olhos azuis.

Foi casada com o Sr. Raimundo de França, o qual amou até o fim dos seus dias.

Já a meiga Carolina, eu a conheci, já alquebrada pelos anos, doente, tristonha e solitária. Não se casou. Deixou o seu coração no Assu. Ao visitá-la, falava de sua inteligência e ela, com voz trêmula a me dizer: A minha inteligência!... De que me valeu, de que me serviu? Eis-me aqui solitária e triste a esperar a morte".

Duas Musas, duas amigas inesquecíveis.

Labim/UFRN

HUMANISMO E MEDICINA

Iaperi Araújo

Durante muitos anos, a Medicina sempre foi considerada uma profissão ligada aos aspectos mais relevantes do ser humano, por ser uma ciência eminentemente voltada para a Deontologia e a Ética.

A Deontologia é definida como a ciência do dever e a Ética, a ciência da conduta humana. Dessa forma, compreende-se a razão pela qual, mesmo com o tecnicismo, o médico tendo arraigada na sua formação esses princípios legados pelas características divinas de sua profissão, mantinha-se como profissional de uma boa formação humanística.

O século XX atropelou os conceitos de Deontologia e Ética que foram sendo considerados anacrônicos em vista dos avanços tecnológicos que a partir da Segunda Guerra Mundial e mais precisamente após a década de 60, sucederam-se muito rapidamente ao ponto de ser difícil, para qualquer profissional, tomar ciência de todos os avanços tecnológicos da Medicina.

Confirmavam-se as previsões do Prof. Eudes Moura de que até o final do século, na Medicina, os profissionais conheceriam cada vez mais de menos coisas, reduzindo-se o universo do conhecimento ao extremamente necessário.

Nesse esquema, o humanismo da profissão médica, cada vez mais tornava-se uma matéria anacrônica e sem importância para o exercício profissional.

Distante os tempos de médicos cultos e com um importante embasamento cultural. Aonde os Jorge de Lima, Guimarães Rosa, Pedro Nava, e tantos outros que nos legaram importantes lições de convivência entre ciência e arte?

Importante afirmar ainda, que a Medicina desde sua instituição, 490 anos antes de Cristo já tinha essa conotação. A arte médica era sua habilidade. A ciência era seu conhecimento. Se compreendermos habilidade como cultura, entendimento, é certo que desde os primórdios, a Medicina sempre foi embasada na cultura dos seus profissionais, para que o médico soubesse aplicar sua ciência em benefício do ser humano tendo como consciência a Deontologia e a Ética.

Labim/UFRN

Não foram poucos os exemplos de médicos que souberam dignificar sua profissão com acentuado humanismo em sua formação cultural e técnica, ao ponto de existir o aforismo de que a Medicina é a mais humanística das profissões liberais pois trata do homem em seus aspectos mais relevantes: A vida e a morte.

No Rio Grande do Norte, são muitos os exemplos de profissionais da Medicina que reforçaram essa dualidade. Homens como Luís Carlos Lins Wanderley, nascido no Assu, quando ainda Vila Nova da Princesa em 30 de agosto de 1831, o primeiro norte-rio-grandense a se formar em Medicina (Bahia, 1857), Comendador da Ordem Imperial da Rosa, poeta, teatrólogo e romancista. Publicou o primeiro romance do Rio Grande do Norte, "Mistérios de um moço rico" em 3 tomos de 1873 a 1883. Deputado provincial em seis biênios, Diretor da Instrução Pública em 1866. Médico do Partido Público. Vice-Presidente, assumiu a Província em 1886. Faleceu em Natal em 10 de fevereiro de 1890.

Marcos Bezerra Cavalcanti, nasceu em Natal em 22 de outubro de 1854. Médico doutorado no Rio em 1878. Cirurgião. Professor Universitário, fundador e Presidente da Academia Nacional de Medicina. Faleceu no Rio em 9 de outubro de 1932. Fora o primeiro norte-rio-grandense catedrático de Medicina.

Pedro Velho de Albuquerque Maranhão nasceu em Natal em 27 de novembro de 1856, médico formado no Rio de Janeiro em 1881. Inspetor de Saúde Pública, professor de História no Ateneu. Abolicionista, fundou o partido republicano no Estado, sendo aclamado Presidente com a Proclamação da República. Foi deputado, governador, senador e chefe político de prestígio. Faleceu a bordo do vapor "Brasil" no porto do Recife em 9 de fevereiro de 1907.

Manuel Segundo Wanderley nasceu em Natal em 6 de abril de 1860. Médico em 1886 na Bahia, professor no Ateneu, inspetor de Higiene, Diretor do Hospital de Caridade, deputado estadual em 1906. Publicou versos. Escreveu para o teatro. Segundo Câmara Cascudo "é a mais viva expressão da escola condoreria no Estado". Uma seleção de seus poemas foi publicada em 1910 e 1923 sob título "Poesias". Faleceu em Natal em 14 de janeiro de 1909.

Aurélio Pinheiro nasceu em São José de Mipibu em 28 de janeiro de 1882. Doutor em Medicina pela Bahia, jornalista e crí-

Labim/UFRN
tico literário, residiu no Amazonas, fixando-se posteriormente em Niterói. Autor de romances e críticas: "Desterro de Humberto Saraiva" ganhou prêmio da Academia Brasileira de Letras. Publicou ainda "Gleba Tumultuária "Macau" e "A margem do Amazonas". Faleceu em Niterói em 17 de novembro de 1938.

Rafael Fernandes Gurjão nasceu em Pau dos Ferros em 24 de outubro de 1891. Médico no Rio em 1912, foi clínico, industrial e comerciante em Mossoró. Prefeito do município, dirigiu o jornal "O Mossoroense". Deputado estadual e federal de 1922 a 1930. Governou o estado de 1935 a 1937 quando assumiu a interventoria federal até 1943, o mais longo período de governo da história dos Estado. Faleceu no Rio de Janeiro em 11 de junho de 1952.

Januário Cicco nasceu em São José de Mipibu em 30 de abril de 1881. Doutorado na Bahia com a tese "Do destino dos cadáveres" em 1906, reorganizou o atendimento hospitalar no Estado com a adaptação da casa de veraneio do governador Alberto Maranhão no monte de Petropólis para ser o Hospital de Caridade Juvino Barreto. Criou a Sociedade de Assistência Hospitalar que se encarregaria de construir a Maternidade de Natal, depois Maternidade Januário Cicco. Instalou a Escola de enfermagem e planejou a futura Faculdade de Medicina. Publicou romances e ensaios. "Eutanásia" seu principal livro foi publicado pelos Irmãos Pongetti Editores em 1937. Mereceu uma Segunda edição pela Nossa editora de Pedro Simões. Publicou ainda "Notas de um médico de província" e alguns textos resultantes de discursos como "Puericultura do Ano 2000" e "De como se higienizaria Natal". Foi da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Morreu em Natal em 1 de novembro de 1952.

Onofre Lopes nasceu em São José de Mipibu em 7 de julho 1907. Formado em Medicina pelo Rio de Janeiro. Cirurgião, fez parte do corpo clínico do Hospital Miguel Couto, antigo Juvino Barreto e hoje Onofre Lopes. Sucedeu Januário Cicco na Sociedade de Assistência Hospitalar, com a missão de dar continuidade a obra do seu fundador. Dirigiu o Hospital Miguel Couto e a Maternidade Januário Cicco. Fundou a Faculdade de Medicina e diversas outras Escolas superiores. Fundou a Universidade do Rio Grande do Norte, federalizada em 1961. Foi Reitor por mais de 11 anos. Presidiu a Academia Norte-rio-

Labim/UFRN

grandense de Letras. Sucedera Januário Cicco na cadeira que tinha como patrono o Padre João Maria. Seu discurso de posse "O padre e o médico" editado, mostra sua visão sobre a Medicina como sacerdócio e o caráter humanístico da profissão que abraçou. Faleceu em Natal em 13 de julho de 1984.

Muitos outros profissionais da Medicina se notabilizaram pela formação humanística traduzida não somente na efetiva participação na vida cultural do Estado, mas principalmente pela forma como exerciam a profissão, contabilizada como um sacerdócio para servir e fazer o bem.

Somente na Academia Norte-rio-grandense de Letras, vale acentuar os nomes de José Tavares da Silva, notável cirurgião e orador, que publicou diversos trabalhos inclusive uma coletânea de discursos que marcaram importantes instantes na vida cultural da Cidade. Raul Fernandes nasceu em Mossoró em 1909 e faleceu no Rio de Janeiro em 1987. Professor universitário, publicou diversos trabalhos, inclusive ligados ao tema do cangaço como "A marcha de Lampião" já reeditado algumas vezes e Grácio Barbalho, importante pesquisador da música popular brasileira que publicou um clássico sobre "O popular em 78 rotações".

Nomes que formam uma constelação intelectual e que são exemplos para os profissionais da Medicina que se entusiasmam com a tecnologia e seus avanços, sem se preocuparem com o caráter humanístico da profissão que abraçam e que foi exercida durante séculos por homens que primavam pela formação intelectual, como forma de melhor entender o ser humano e melhor praticar a arte hipocrática como divino dom de mitigar as dores e restaurar a saúde.

IAPERI ARAÚJO *é médico e professor universitário. Escritor e artista plástico. Publicou mais de 40 trabalhos entre livros e plaquetes. Eleito para a cadeira 23 que tem como patrono Antônio Glicério e como último ocupante o poeta Jayme dos G. Wanderley.*

Labim/UFRN

BRASIL 500 ANOS

Pery Lamartine

Na minha atividade profissional, participei de alguns grupos, de turistas, visitando o Reino Unido. Numa dessas ocasiões, durante a realização do roteiro, foi feito uma parada e pernoite numa pequena cidade do País de Gales. O motivo daquela interrupção foi para visitar um suntuoso templo construído na época da chegada, ali, do Cristianismo. Na visita, quando acompanhávamos o guia, um jovem Sabará, a Congonhas do Campo, também temos igrejas muito antigas, até com mais de 400 anos. A resposta do guia foi imediata e contundente: "Amigo, 400 anos aqui, para nós é novo..." O jovem desconcertou e com certeza entendeu quanto é recente a história da colonização do Brasil, comparando com outras partes do Mundo.

Mas como cada terra tem a sua própria história, devemos nos contentar com que temos e cuidar para que ela não se perca no emaranhado burocrático dos nossos governantes.

Os 400 anos das igrejas de Ouro Preto, Sabará e Congonha do Campo já é um considerável período da nossa História que será, naturalmente, notado, especialmente agora que estamos caminhando para comemorar os 500 anos do Brasil. Será uma comemoração simpática e acredito que uma grande maioria dos brasileiros estão ligados sobre o assunto. Não e uma data somente festiva, mas serve para que façamos uma reflexão sobre o andamento da nossa história e daí tirarmos uma lição que nos norteará para as decisões políticas futuras que viermos a tomar. Alguém já disse: "Um país que não tem memória também não tem futuro". Devemos levar a sério esta máxima para que tenhamos cabeça de colocar o Brasil no lugar certo e assegurar o seu amanhã.

Natal 27/fev/2000

Labim/UFRN

COSME CATIMBÓIA

Pery Lamartine

Já o conheci na casa dos 65 bem vividos. Um crioulão acima de 1,70 de altura, tórax volumoso e pernas arqueadas igual a dos vaqueiros. Sofria do que lá chamavam de "cravo", na sola dos pés, o que lhe conferia um andar vacilante e meio desaprumado. Grisalho, quase careca, barba rala e um bigode sem nenhuma expressão. Mantinha um mutismo constante e um semblante carregado mesmo estando de bom humor. Quando falava emitia um som grave, rouco e espremido, aquela voz encontrada na raça negra. Parece que não apreciava a vida. Como todo sertanejo daquela posição social, trajava calça de mescla azul, camisa clara usada por fora das calças e as fraldas na frente, emendadas com um nó. Raramente usava chapéu, talvez porque se dedicava mais a trabalhos domésticos (cozinheiro) do que na lavoura, mas quando fazia, era um velho chapéu de massa de abas caídas jogado sobre a cabeça sem nenhum requinte.

Uma rotina anual da nossa fazenda consistia em levar a vacaria, no período do inverno, para os fundos dos cercados a fim de aproveitar as pastagens francas da estação e colher leite abundante a custo zero. Naquele ano, de bom inverno, seguindo a tradição da fazenda, a vacaria foi deslocada para os fundos do maior cercado acompanhada de uma equipe de dois ordenadores, um queijeiro e um cozinheiro (Cosme Catimbóia, indicado pelo nosso primo Ramiro Monteiro Dantas da Fazenda da Saudade - ribeira do Espinhara). Pessoalmente fui incorporado a equipe, "para se aprimorar na arte de fazer queijo de manteiga do Seridó", dizia minha mãe. Todos os utensílios necessários a fabricação dos queijos assim como os da cozinha, foram enviados num carro de bois e naquele mesmo dia Cosme Catimbóia, que já havia ido antes, preparou um jantar especial para nossa chegada. Como cozinheiro era eficientíssimo, ao quebrar da barra" chamava os ordenhadores e os servia café preto, quentinho e araomático, para a equipe iniciar os trabalhos. Enquanto o leite não chegava do curral, ia tomando as providências na cozinha para a primeira refeição do dia: e café com leite recém fervido.

Labim/UFRN
Nessa altura, o feijão para almoço, servido normalmente às 10 horas, já estava fervendo numa panela de barro em trempes com fogo de lenha seca de caatingueira. Apesar de toda aquela improvisação, o ambiente era tranqüilo, silencioso e o sossego só se alterava com visita semanal do comprador dos queijos ou dos vaqueiros, em serviço, que por ali transitavam. Quando o sol esquentava as seriemas faziam aquela algazarra nas imediações e nos alertava do que o dia estava chegando na metade, um marcador do tempo que a natureza oferecia para controlarmos as nossas atividades cotidianas.

Cosme Catimbóia revelou-se um mestre cuca de primeira linha. Dominava perfeitamente o trivial sertanejo e conhecia como ninguém o segredo de preparar as carnes de caças de forma a perder o almíscar e torná-las saborosas. Foi naquela época que saboreei a carne de tejuaçu, que lembra a carne de galinha. Saboreei outras caças: tatus, mocós, marrecas, que iam sendo trazidas pelos vaqueiros que nos visitavam Cosme Catimbóia homem cheio de bons predicados tinha lá os seus porres eram duradouros. Certa vez tive que ir liberá-lo na Delegacia de Polícia de Caicó por alterações dadas no baixo meretrício, onde normalmente ele ia aos sábados.

Naquele ano o inverno foi curto e abreviou o retorno da vacaria com toda equipe; no fim de maio já estávamos de volta à Sede da Fazenda. A equipe foi desfeita e Cosme Catimbóia se despediu prometendo retornar no ano seguinte. Esta foi a última vez que o vi. Regressou à sua região, o grancho, na ribeira do Espinharas e sumiu na bruma do tempo.

A Cosme Catimbóia, pelos muitos bons pratos de carne de caça que me ofereceu, vai aqui os meus tardios agradecimentos e as minhas homenagens pelo seu saber.

Labim/UFRN

AO CADÁVER DESCONHECIDO

Jurandyr Navarro

O Sol, gerador da energia calorífica e emissor de raios benéficos, faz aflorar da Terra sáfara jardins encantadores. O "nada se perde e nada se cria, tudo se transforma", na expansão lapidar do sábio, não deixa de ser um corolário científico.

Diz o Evangelho que uma semente, lançada em solo bom, germina e dá bons frutos. O calor radiante dos raios solares prepara a boa terra, como também elementos sedimentares participam da sua saúde.

O cálcio e o fósforo não fazem parte, igualmente, dessa composição química? A camada sedimentar não é um imenso ossuário? Donde se forma ele senão dos cadáveres enterrados e insepultos dos animais?

Ossos humanos, quantos não se transformaram em montes de pó, durante tantos e tantos milênios, desde o período quaternário!

Que metamorfose, a morte gerando vida!

Ela não passa do vegetal para o animal e deste para o mineral, que, por sua vez, retorna ao reino das plantas, recomeçando o vital ciclo?

Antoine Lavoisier não dissera que tudo é transformável? Na planta clorofilada, não se eleva pelo caule, com a seiva bruta, o halo de um organismo decomposto?

E a interrogação de Young, por tantos mencionada: "Qual a argila, solta ao ar, que já não teve vida?"

E, tangida pelo vento, para todas as latitudes, como mensageira do pólen fertilizante, pode engravidar a perfumada flor, e alimentar o pássaro, que canta a sua liberdade, librando docemente as asas, ou gemer a agonia de um instante, derramando amarga lágrima.

A rosa vermelha do amor, do mais comovente conto de Oscar Wilde, não foi, numa noite, alimentada pelo sangue do coração do melódico rouxinol?

Da morte da semente não surge a vida palpitante? O bastão de Aarão bíblico, há muito ressequido pela morte de suas células, não vicejou, numa certa madrugada. Ficando luxuriante,

Labim/UFRN

brotando viçosas folhas? A flor de beleza esplêndida, que desnuda a sua formosa corola, pela filogenia, não foi raiz habitando o charco?

Não canta o cisne ao morrer, como que saudando uma nova vida? Não predissera Ésquilo que a sua poesia sobreviveria à sua morte? Byron não declarou que o próprio ar que respiramos, saturado ainda está do espírito de Atenas?

A estátua de Memnon, no Egito, quando beijada pelos raios luminosos da aurora, não desferia acordes melodiosos, como que dizendo ter também vida? O cometa Halley, com sua cabeleira flamejante, clareando os espaços siderais, intuindo à musa Urânia que existe Deus, não fora antes, pelas teorias cosmogônicas, um pedaço de astro apagado? Não teve Argos, mesmo decapitado por Mercúrio, os seus 100 (cem) olhos ressurgidos por Juno, que os espalhou na cauda colorida do pavão?

E que dizer da tragédia de Orfeu, com sua cabeça decepada pela perfídia passional, sendo lançada às águas correntes do Hodre, e, mesmo assim ananimada, em tristonho e compassado clamor, descendo rio abaixo, os seus lábios amorosos não deixaram de chamar pelo nome de Eurídice... persuadindo, dessa forma, que o Amor – que é a Vida, supera a sombra da Morte!

Samuel, já depois de morto, "não elevara do túmulo a sua voz profética", vaticinando a derrota e a morte do rei Saul?

Já dizia o estro de Goethe:

"O que foi, torna a ser. O que é, perde existência.
O palpável é nada. O nada assume essência".

Para Pascal, o cortejo dos homens, em milênios de história, não é considerado o mesmo homem, que subsiste sempre?

Como se o coração humano, mesmo depois de morto, ainda palpitasse dentro da Terra, imortalizado, para a vida e para o amor, tal as estrofes; últimas do soneto de Luiz Guimarães Filho:

.....

"E quando um dia fores, comovida,
Branca visão que entre os sepulcros erra,
Visitar minha fúnebre guarida,

O coração que todo em si te encerra,
Sentindo-te chegar, mulher querida,
Palpitará de amor dentro da Terra".

Labim/UFRN

Tudo nasce, tudo morre, tudo renasce. Há um morrer e um viver contínuos, como as alternâncias dos dias e das noites.

Aqui os olhos da fabulosa Medusa petrificando, com a maldição da morte, a todos que os fitassem; ali, a Serpente de Bronze, no deserto, curando das mordidas letais dos áspides e dando a vida aos que a contemplassem; acolá, o romano Lucrécio fazendo a apologia da amargura, do pessimismo e da morte; e, alhures, o tebano Píndaro cantando a fortuna, a felicidade e a vida...

Saulo, cego pela Luz da Vida, na estrada de Damasco, não se converteu em Paulo para poder enxergar? A alma do cristão não é uma alma transformada? Não fora ela uma alma-cadáver, ressuscitada por Jesus?

Teve, portanto, de nascer de novo, na expressão evangélica. E a interrogação de Eurípedes: – "Quem sabe, se viver não é morrer e se morrer não é viver?"

No dizer de Augusto Comte e Chestefield, não são os ouvidos governados pelos mortos? Não fossem estes, que seria da civilização daqueles? Donde sua religião, sua moral, sua lei, sua ciência, sua vida...

Devemos utilizar, como vivos, o valor dos mortos, ensinanos o autor de A Vida Intelectual (Serttilanges, 1940).

Não é a isto que os cientistas políticos chamam de poder difuso? Invisível, aparentemente, porém, atuante?

Nessa linha de pensamento, tinha razão Debierre, discípulo da Escola Antropológica do Direito Criminal, quando afirmou que a idéia e a ação do homem vivo não pertencem à sua vontade; mas, ao morto, seu avô que, da tumba, onde se tornou poeira, é que o dirige.

Não foi divulgada exaustiva pesquisa bioquímica, em que cientistas renomados chegaram à conclusão de que a origem da vida se deve à argila úmida?

E não foi de tal matéria que Júpiter mitológico criou a mulher para se vingar do homem, por ter este recebido o fogo do Céu, de Prometeu?

Jesus misericordioso, ao curar o cego e o mudo, não havia mistura da saliva com barro, tocando-os aos olhos e à língua daqueles doentes de nascença, antecipando de vinte e um séculos o diagnóstico da Ciência atual?

Labim/UFRN

A Bíblia não já revelara que na semana da Criação Deus fizera o homem de barro, daí o seu nome Adão, e que seria pó e ao pó reverteria, embora se referisse apenas à matéria?

Numa imagem do seu pessimismo, Humberto de Campos idealizou ter sido a Vida criada pela Dor e pela Morte. Esta dera o barro e aquela, a água, esculpindo-se, assim, a estátua viva do homem. Depois, as duas brigaram e resolveram desfazer a obra criada. E a água, doada pela Dor, fora retirada da figura humana, através dos olhos, como que chorando, presumo, e a Morte saiu carregando, nas costas, a lama que sobrara...

Daí, pode-se complementar o destino humano: a lama, carregada pela Morte, secaria e se transformaria em pó. O tal pó do célebre Sermão de Vieira – o pó que sobe, pela vaidade, e o pó que desce, pela humilhação, e que o vento leva... que é o homem.

Do dilúvio mitológico, ordenado por Jove, supremo deus do Olimpo, somente sobreviveu, da raça humana, um casal: Deucalião e Pirra. Espantados com a solidão do mundo despovoado foram eles ouvir o oráculo de Têmis. Disse-lhes a deusa, travestida em pitonisa, depois de molhar os lábios na fonte Castália, no Parnaso, para vaticinar a sua predição: - "Cobri vossas cabeças, desatai o cinto de vossas vestes e atirai para trás os ossos de vossa grande Mãe".

Obedientes à sentença oracular, começaram eles, depois de breve reflexão, a jogar pedras para trás. Das atiradas por Deucalião nasciam homens; e, as lançadas por Pirra se moldavam em perfis femininos...

Não se aplicará à Mãe-Terra, Cíbele, o significado da inscrição da estátua da deusa Saís: – "Eu sou tudo – o passado, o presente e o futuro?"

Não é a nossa Mãe-Comum a mais antiga das deusas?

Já nos detivemos a examinar, por instantes, as macrocélulas de um bago de laranja, as pétalas perfumadas de uma rosa e o doce olhar de uma criança?

Tais encantos naturais, queira ou não o nosso orgulho fátuo, são produtos da Terra, de mau cheiro e de micróbios repleta, tornados limpos e admiráveis pelo sopro divino.

Está no Fausto, do poeta maior da Germânia: –"... não julgue desairar-se em repartindo por suas mãos o adubo ao chão que o nutre".

Labim/UFRN

Ao conceder sepultura aos mortos argivos, ao apelo de Etra, sua Mãe, e das suplicantes, portadora do ramo verde, Teseu declarou: – "Regresse cada qual àquilo de que saiu; torne o espírito ao Éter, volte o corpo à Terra".

Na abstração gibraniana, a Terra será útero e túmulo até que as estrelas se apaguem e o Sol se transforme em pó.

O homem, filho prodígio da Natureza, por vezes com suas irracionais agressões, envenenando as sus fontes vitais, nos rios; incendiando florestas, destruindo montanhas e sepultando cachoeiras, parece querer matar a própria mãe, como o fez Orestes, da Odisséia e personagem de tragédia grega.

A coroa de louros, no dizer de Lacordaire, só cingia frontes feridas. Aos bravos, tal privilégio.

E o cadáver desconhecido, todo retalhado pelo frio bisturi da Ciência, que prêmio lhe caberá?

Depois de aceso desempenho, o herói do campo de batalha recebeu a palma da vitória e a glória, em vida; regozijando-se, ao lidar a taça do triunfo! E, quando morto, na acesa luta, a gratidão do seu povo.

Qual a sensível recompensa do cadáver desconhecido? Para ele não houve regozijo, nem o pesar da família... o beijo de Mãe, o pranto de uma Filha...nem derramaram o tinto ou o róseo vinho na terra que lhe cobriria o corpo, se herói troiano fosse.

O bem que ele tem feito à humanidade, ajudando a desvendar mistérios da natureza humana, credencia-o a receber a coroa afetiva do nosso reconhecimento.

No seu mutismo, não é ele um professor eloqüente? Gabriel d'Anunzio não falava do "canto sem voz", do Silêncio, inspiração de tantos gênios?

Respeitamos, pois, os nossos mortos, porque a Vida... renasce da Morte! E desta, a Vida Eterna!!!

O cadáver desconhecido, que é uma espécie de cobaia, esticado silente, na loisa fria dos anfiteatros e dos anatômicos das nossas Universidades, deve ser respeitado, quando dele nos servimos para investigação científica, por ser ele o nosso irmão.

Por ele, ninguém verteu uma lágrima de saudade. A chama bruxuleante de uma vela não clareou o seu olhar turvo, na escuridão do seu último alento. Não recebeu o seu corpo hirto o

Labim/UFRN
perfume das pétalas do alvo lírio, nem a purpúrea rosa. E a sua alma não teve a invocação de uma prece derradeira.

Tal Polínice, da tragédia de Sófocles, foi-lhe negado o direito de sepultura para descansar, do sono da morte, num sombrio cemitério... como "tranqüila adormecera de Heitor a sombra", no sagrado bosque de Tróia.

Labim/UFRN

HOMENAGEM A MURILO MELO FILHO NA ANL

Nilson Patriota

Senhor Presidente
minhas Senhoras e meus Senhores:

Incumbiu-me o confrade Diógenes da Cunha Lima, mui digno Presidente desta Casa, da tarefa de saudar, em nome dela o conterrâneo (e também confrade), o intelectual, o jornalista, o acadêmico, o amigo, o notável homem de letras que é Murilo Melo Filho.

Recebo a incumbência com elevado orgulho e simpatia, podendo declarar ao homenageado que, à iniciativa desta Casa também se associam o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, a Prefeitura Municipal do Natal, o Instituto Histórico e Geográfico, a Fundação José Augusto e o Conselho Estadual de Cultura, o que lhe dá caráter de Sessão Extraordinária solene, com a qual se procura honrar largamente um conterrâneo, um homem público.

Homenagens assim, sobretudo as culturais, acadêmicas, têm – e em quaisquer circunstâncias haveriam de ter – um significado necessário, legítimo, essencial.

Afinal de contas, essas homenagens públicas são a forma apropriada que o conjunto das forças telúricas formadoras e unificadas da sociedade, desde épocas remotas encontrou para expressar sua gratidão e dizer seu "Muito Obrigado" ao filho ilustre, que pelo trabalho, a honradez e a inteligência veio a galgar os elevados patamares da ilustração em seus múltiplos aspectos, contribuindo com a importância de seu nome para valorizar a história da cidade, vila ou povoação onde nasceu, honrando assim, em dilatado círculo, os seus concidadãos, desde o mais importante ao mais modesto.

Nós brasileiros de hoje, somos a contemporaneidade do Acadêmico Murilo Melo Filho, e é nossa a obrigação de honrá-lo em seu triunfo. Só assim fazendo, estaremos contribuindo para que a posteridade, que há de se basear no testemunho dos que viveram no passado, possa com segurança dar continuidade à história de tal homem, dimensionando-o com as exatas medidas

Labim/UFRN
por ele alcançadas em sua experiência existencial, em seu labor de vida.

O homem, quando grande, não preocupa apenas o seu próprio tempo, mas muitos outros tempos, repercutindo, de acordo com a densidade de seu peso moral e seu valor, nas décadas vindouras e séculos seguintes. À sombra refrescante e acolhedora de sua projeção humana e cultural, virão se abrigar as gerações futuras, a fim de auferirem o alento de que carecerem para instrução e preparo duma existência progressivamente melhor.

Com toda a certeza, senhoras e senhores, aqui estamos diante de um desses homens grandes, cujo intelecto e espírito desde muito ultrapassam os limites restritos de seu próprio tempo, e já se projetam, não só pela imortalidade acadêmica, mas ainda mais pela perenidade dum exemplo e a construção de uma obra, na relatividade do espaço e do tempo. Só Deus pode saber aonde ele chegará!

Amigo fraternal de muitos dos que aqui se encontram, sendo que, de alguns o é desde a infância, o Acadêmico Murilo Melo Filho tem sido, no decorrer dos anos, uma de nossas glórias, de nossas admirações mais constantes, vez que há muito se tornou modelo para os que aspiram subir na vida usando a inteligência, a obstinação, a persistência, o respeito às instituições e o amor ao trabalho.

Vendo-lhe a face jovial, os pequeninos olhos vivazes, sorridentes, o porte esbelto, de movimentos lépidos, rápidos, o sorriso franco, fraternal, o vigoroso aperto de mão, que fala de lealdade e impõe confiança, jamais ocorreria a alguém que não o conheça bem, pensar que este homem, que embora já maduro ainda nos parece tão moço, possa ostentar em sua ficha profissional a inacreditável façanha de prestes se achar de comemorar sessenta anos de trabalhos intelectuais e de tarimba jornalística.

Mas esta é a verdade.

Desde os anos Quarenta, imiscuindo-se em pequenos jornais natalenses, como ***O Diário*** *e* ***A Ordem***, Murilo fez-se jornalista. Aqui, na terra potiguar, ganhou o cabedal de experiência com o qual se transportou, cinco anos depois, para o sul do País. Em ali chegando, devagar foi ele conhecendo os novéis colegas dos grandes órgãos e imprensa, e conquistando, passo a passo, a palma de profissional competente, e, como tal, sendo convida-

Labim/UFRN
do a trabalhar em muitos dos melhores veículos noticiosos existentes naqueles seus primeiros tempos de Rio de Janeiro.

No Rio, para onde primeiro seguiu, o Jornalista Murilo Melo Filho inicialmente trabalhou no ***Correio da Noite***, revigorando sua experiência e fazendo novas amizades no ambiente nem sempre amistoso e pouco romântico das redações.

Em 1950, já bastante conhecido, e reconhecido, tido, já então, como um dos melhores do ramo, foi incumbido pelo ***Diário da Noite***, importante órgão da imprensa carioca, de cobrir na Europa o Congresso Eucarístico. Era a primeira das muitas viagens que em seguida viria a fazer ao Velho Mundo, e ele a realizou embarcando num cargueiro grego em que teve como companheiros de aventura Dom Avelar Brandão, Dom José Tavares e Dom Helder Câmara – uma garantia espiritual como poucas...

Grande impressão causaram a Carlos Lacerda, que se preparava para fundar a ***Tribuna da Imprensa***, as reportagens enviadas da Europa por Murilo, que assim acabou sendo por ele convidado a integrar a equipe do novo jornal, em que permaneceria oito ou nove anos junto ao homem que, no Brasil, verdadeiramente fez e entendeu de jornalismo político e de combate.

Jornalista, como vemos, atuando na linha de frente da grande imprensa brasileira, Murilo Melo Filho esteve presente aos importantes e graves acontecimentos que, a partir da redemocratização do País e do suicídio do Presidente Vargas, agitaram a vida política e administrativa brasileira.

Entre aqueles que como ele estiveram no ***front*** dos acontecimentos cobertos pela imprensa no País e no exterior, de 1950 ao ano presente, alguns já pertencem ao mundo dos mortos, porém muitos outros ainda se encontram em atividade. E assim, em louvor a uma época de grandes jornalistas, que se destacaram pela competência e o profissionalismo, citarei aqui alguns nomes, todos foram companheiros do nosso homenageado:

Carlos Castelo Branco, Vilas Boas Corrêa, Hermano Alves, Ledo Ivo, Odilo Costa Filho, Nertan Macedo, Zuenir Ventura, Stefan Baciu, Araújo Neto, Amaral Neto, Luís Garcia, Aluízio Alves, Luís Lobo e Sebastião Neri, que recentemente nos visitou.

Depois de haver trabalhado lado a lado com os grandes nomes da imprensa brasileira, na redação de diversos veículos de circulação nacional, chega a vez do jornalista Murilo Melo Fi-

Labim/UFRN
lho se encontrar com Adolfo Bloch, a quem se ligou e posteriormente associou-se.

Há anos fazendo parte da ***Revista Manchete***, empreendimento iniciado por Bloch, o Dr. Murilo Melo Filho tem demonstrado, à sociedade, sua capacidade jornalística mas também a de gerir negócios, lidar com questões econômicas, ocupando cargos de grande importância naquela empresa que sempre nos fará lembrar os esforços da construção de Brasília, a expansão industrial brasileira, e portanto, o milagre econômico do Governo Kubitschek.

Vivaz e brilhante, atuando sem interregno nas várias fases do nosso passado recente, escrevendo ele próprio dezenas de capítulos da tumultuada história política brasileira, o jornalista Murilo Melo Filho fazendo e editando a história excitante e atual de nossa gente, tornando-se, desta forma, escritor e historiador dos mais atualizados desta fase contemporânea.

O Acadêmico Murilo Melo Filho é, portanto, um homem realizado naquilo que buscou, na profissão que abraçou, na carreira que seguiu e na qual continua atuante. Suas conquistas são amplas e múltiplas nos planos familiar, profissional e intelectual.

Mas não importa o quanto de compensatória e gratificante tenha sido até hoje sua existência no burburinho das metrópoles brasileiras (de onde, vez por outra, tem sido levado, por força de sua profissão, aos confins do planeta, aos anfiteatros internacionais marcados pelos acontecimentos que mudaram e deram novo rumo e diretrizes ao mundo), o fato é que o Acadêmico Murilo Melo Filho continua sendo o mesmo Murilo de sempre: um rapaz de Natal, nascido em 1928, no seio de uma família tradicional, e que, dada a exigüidade do campo de trabalho em sua terra, teve de emigrar, aos 18 anos de idade, ainda quase menino, para "fazer" a vida numa grande cidade.

Mas todo esse provável impacto e toda essa transformação do estilo de vida, decorrente de sua mudança de Natal para o Rio e Brasília, não conseguiram alterar sua estrutura psicológica, sua natureza afável e concentrada de homem nordestino. E assim, ele tem até hoje demonstrado ser um grande e fiel norte-rio-grandense que, por necessidade ou por destinação, talvez, tem passado a maior parte de uma profícua existência, distante de sua terra natal, embora imensa tenha sido a sua saudade, conforme no-lo demonstra e nós deduzimos e sabemos.

Labim/UFRN

Toda vez que leio, na tradução de Bandeira, o poema ***Ode à Pátria***, de Eduardo Ritter Aislán, sinto nas palavras daquele bardo excepcional uma certa correlação com a saudade e o sentimento de ternura que imagino sejam enfrentados por Murilo em cada retorno seu a Natal, à doce intimidade com a terra amorável, com a família, com seus habitantes. É como se eu tivesse a ouvir a murmurar de sua voz repetindo, na comoção da saudade, os versos e as estrofes do grande lírico:

"(...) Volta o cinzel azul de meus anseios
A cinzelar com ouro
As ondas do mar pátrio
Nas praias sossegadas da memória.
E voltam a legar
Sua atônita brancura
Os áridos caminhos que a puerícia
Incorporou à vida
E a franjar, com eflúvios
De nardos e de cardos,
Pátria, tua presença imperecível".

Pátria, no sentido primário e genérico que lhe é dado pelos dicionaristas: a cidade, a vila ou a aldeia natal, a terra dos nosso pais.

É como se, ao látego da saudade, fosse ressurgindo ante seus olhos, meu ilustre e caro Murilo, a infância encantada na despreocupação das brincadeiras ao sol, a incomparável adolescência no amor da doce namorada, no orgulho das primeiras conquistas profissionais, e – quem sabe? – na brevíssima mágoa que, às vezes, geme no coração, pelo fato de tão cedo ter partido sem haver desfrutado, como normal seria, da "vida que poderia ter sido e que não foi", embora uma outra existência, mais promissora e até mais interessante haja, alhures, substituído aquela que não pôde ser saboreada, porquanto pelas contingências excluída.

Natal dos anos Quarenta, com seus bonitos prédios públicos, seu casario claro, suas praças e jardins, seus sítios de mangueiras, seus bosques ainda incultos, mas de luxuriante verdor, recendendo a cravina, a flor de resedá, a campinas floridas, a malvões, a cravos, a açucenas; com seus frutos maduros e doces, cheirando a araçá, a goiti, a sapoti, a manga.

Labim/UFRN

Natal como era sonora! Natal – dos pregões matinais!

Ah, doce Natal dos nossos anos dourados que se foram!

Sussurra ainda em meus ouvidos a voz emotiva e suave da poetisa Palmira Wanderley a declamar os versos de sua ***Pitangueira***, enquanto as sombras parcialmente envolviam o lençol de dunas alvíssimas, e naquele domingo, do alto da balaustrada de Petrópolis, víamos as águas oceânicas submergindo no langor da tarde morrente de agosto:

"(...) A pele é fina, a carne é veludosa,
Vermelha como o sangue, perfumosa
Como se humana a sua carne fosse.
Do fruto, às vezes roxo, como espargo,
A polpa tem um travo doce-amargo,
– O sabor da Saudade, amargo doce".

"Por essa época – lembrava há alguns anos, o inesquecível amigo, o acadêmico Veríssimo de Melo – Natal ainda pertencia ao ***Royal Cinema***, aos cafés literários, como o ***Magestic,*** onde poetas e boêmios desenvolviam atividades culturais".

Antes mesmo dos anos Vinte e Trinta, os poetas boêmios como Jorge Fernandes, Virgílio Trindade, Ferreira Itajubá, Barreto Sobrinho, Nascimento Fernandes, Ponciano Barbosa e outros, reuniam-se no ***Café Breu***, na Praça João Maria. Depois mudaram-se para Ulisses Caldas, onde pontificava no ***Magestic*** o nosso primeiro modernista.

"Ah! Eu sou a remanescença dos poetas
Que morreram cantando...
Que morreram lutando...
Talvez na guerra contra o Paraguai!"

Quem jamais haverá de esquecer estas memórias!? Quem nunca poderá relegar ao ouvido tamanha ruminação mental, tão panorâmica e sentida revivência daquilo que amou, que ama e continua amando dentro de si como a pureza mais pura de um período de vida, duma época da existência em que os sonhos e as ilusões diluíam-se tão lentamente como o passar do tempo de então?!...

Labim/UFRN

Natal há de ter vivido na retina do jovem emigrado como um bruxuleio duma chama, como uma inspiração a alimentar a lembranças, a trazer à tona a nostalgia da vida que ficara em Natal. Principalmente na Natal de sua infância, adolescência e mocidade.

Mas também na Natal, que os americanos do norte transformaram em bulício, arrancando-a do sono secular em que jazera entre o rio plácido e verde e o plectórico oceano; a Natal revelada, justamente, nos anos Quarenta, como importante entreposto do arsenal de guerra das potências ocidentais contra o Eixo; a Natal que só então se desfaz de seus anelos, de suas singularidades provincianas e, incrédula perante si mesma, encontra-se com o seu destino depois de alguns anos em que a mão de Giácomo Palumbo abriu, com o apoio do então jovem prefeito Omar O'Grady, os amplos espaços de Tirol e Petrópolis, que então haviam recebido traçados que eram expansões urbanísticas em forma de largas avenidas por onde os passos da vida citadina haveriam de seguir rumo à metrópole natalense dos anos Dois Mil!

Revendo na memória aquela época de tão gratas lembranças, de tão suaves paisagens, imagino o jornalista Murilo Melo Filho após um dia de intenso trabalho, no Rio de Janeiro, recolhendo-se ao lar e deixando-se envolver pelo silêncio de suas meditações e queridas saudades. Imagino-o pensando nas coisas amadas e boas de sua província distante, enquanto a impressão da ausência lhe dá a sensação de isolamento e enche-lhe de nostalgia o sensível coração. Quero acreditar que em algumas dessas ocasiões ele teve de ter sido embalado pela singela estrofe de Ferreira Itajubá, que tão bem se ocupara da inocente louvação de sua humilde província do início do século:

"Natal é um vale branco entre coqueiros...
Logo que desce a luz das alvoradas,
Vão barra afora as velas das jangadas,
Cessam no rio as trovas dos barqueiro (...)"

Senhor Presidente, minhas Senhoras e meus Senhores:

Quando da recepção que fez a Murilo Melo Filho, por ocasião de sua posse nesta Casa, o preclaro mestre e acadêmico

Labim/UFRN

Alvamar Furtado de Mendonça – com a clássica visão analítica que desde muitos anos lhe granjeou a merecida fama de brilhante expositor e orador dos bons – deleitou-nos com memoráveis revelações acerca da mocidade do homenageado. Sobre Murilo, Alvamar teceu, com desvelo e precisão, comentários para nunca serem esquecidos, numa vívida demonstração de que desde cedo nele acreditou, dado o empenho com que o viu obstinar-se que na conquista dos ideais pelos quais almejava.

Sobre sua vida de rapaz em Natal, e acerca de sua partida, tão jovem ainda, para o sul do País, onde decidira tentar a sorte na profissão que abraçara – o jornalismo – o mestre Alvamar declarou:

"Filho mais velho de uma honrada família, cujo pai rádio-telegrafista prestara inestimáveis serviços durante a guerra (...) [Murilo] embarcou para a então capital [da República], levando experiência dos jornais da terra, com sua vocação e sua vontade inabalável de vencer longe de seus pagos.

Foi-se [Murilo] num sábado de carnaval quando o ruído das cuícas e dos pandeiros ritmavam a alegria do povo nas ruas.

Portava uma pequena mala e o coração transbordando de saudades do que ficara de sua infância e adolescência plantadas na terra para sempre.

Era um personagem a mais no fabulário dos rapazes nordestinos na luta pela vida nas grandes cidades".

Quem melhor do que o mestre Alvamar poderia resumir essa histórica e ao mesmo tempo emocionante despedida do jovem imberbe, do filho de família que se desliga do afago dos pais e dos irmãos, da ternura da paisagem nativa, decidido a partir para longe, com o firme intuito de encontrar a sorte e "fazer" a vida, enquanto dentro do peito o coração freme, sofre e anseia?!

Aquela foi, sem dúvida, a verdadeira ruptura do cordão umbilical do jovem provinciano com a amorável vida em família, com os seguros limites de sua terra natal, a terra estremecida de seus primeiros sonhos e amores.

Não é necessário ser adivinho para se deduzir que a situação do jovem Murilo de início não foi uma das mais tranqüilas no Rio de Janeiro, para onde se transportou em busca da realização de seus ideais.

Labim/UFRN

O bonito de tudo nessa história é que ele se esforçou, lutou e venceu. Hoje, podemos situá-lo na categoria dos homens que se empenharam para dar seu recado com a densidade que marca, de forma indelével, o que se diz ou faz.

Há quatro ou cinco anos Murilo Melo Filho chegou a esta Casa pela vontade unânime de seus membros. Há pouco, subiu os patamares da Academia Brasileira de Letras, uma confraria de homens seletos, homens que constituem a própria nata do que há de mais expressivo no campo da inteligência no cenário nacional.

Nesta Casa, o Acadêmico Murilo Melo Filho ocupa a cadeira da qual é patrono o imortal poeta Ferreira Itajubá. Anteriormente esta cadeira esteve ocupada por figuras meritórias como a do saudoso professor Clementino Câmara e a do inesquecível advogado e jornalista Nilo Pereira, ambos escritores de alto valor e inegáveis qualidades.

Por Nilo Pereira – a quem a admiração comum pelo poeta Ferreira Itajubá me ligava – tive a honra de ser recebido nesta Casa, quando cheguei para ocupar a cadeira que tem como patrona a saudosa educadora e historiadora Isabel Gondim.

Nilo Pereira, que era jornalista, aqui foi sucedido por Murilo Melo Filho, também jornalista.

Embora lamentando o desaparecimento de Nilo Pereira, que foi mestre e foi amigo, senti-me feliz ao ter Murilo Melo Filho como seu sucessor, honrando o patronato de Itajubá.

Primeiramente pelo seu elevado grau de merecimento, e depois porque se tratava de um conterrâneo dos mais apaixonados por esta cidade que eu tanto amei e amo.

Na brilhante oração que proferiu, ao tomar posse nesta Academia, disse Murilo:

"Estou entrando nesta Casa nem muito cedo, nem muito tarde, nem muito moço nem velho ainda, mas naquela idade ideal e adequada a receber, como recebo nesta noite, a recompensa acadêmica".

Ela preenche os sonhos de quem, como eu, não tem nem nunca teve pretensões políticas, nem ambições de fortuna ou de riquezas pessoais, embora reconheça em quem as tem e possui, como conquistas justas, honestas, razoáveis e legítimas.

Labim/UFRN

"Não tenho mais idade nem tempo para ser um homem rico. Resta-me, então, viver de alegrias e felicidades, como as que me são dadas neste momento".

Tão declarado e reconhecido tem sido o seu trabalho, tão árdua e persistente a sua batalha, tão generosa a contribuição que trouxe ao jornalismo e às letras nacionais, que Murilo Melo Filho não temeu enfrentar os obstáculos que geralmente separam de suas pretensões o postulante à imortalidade acadêmica.

Chega Murilo Melo Filho à Casa de Machado de Assis no momento em que aquela augusta instituição vive um de seus grandes períodos, administrada por um homem culto e prudente, por um jornalista que é também um grande homem de letra, Arnaldo Reskier. Ali Murilo sucedeu ao emérito general e acadêmico A. de Lyra Tavares, que teve uma ligação emocional com o Rio Grande do Norte, vez que sua genitora, dona Rosa Amélia de Lyra Tavares, conforme documento constante dos arquivos do Instituto Histórico, nasceu em Macaíba, terra de gloriosos vultos brasileiros.

Na ABL, o Acadêmico Murilo Melo Filho teve a recepção que é dada àqueles que merecem chegar por seu valor aonde chegam. Acolhido naquele círculo de eruditos com honras e louvores, há de levar à Academia sua contribuição para o engrandecimento da cultura brasileira. Para tanto não lhe falta motivação, e grande é seu tirocínio, seu talento.

Homem simples, amigo de seus amigos, o Acadêmico Murilo Melo Filho não deixou sem resposta as mensagens endereçadas por confrades e instituições norte-rio-grandense a ABL. Eis um exemplo:

"Estimado Enélio: Fiquei honrado e feliz com o seu ofício para a Academia. Quero afirmar minha gratidão com você, um dos responsáveis por todo esse processo que agora me trouxe a ABL".

Que minhas últimas palavras sejam dirigidas a dona Norma, esposa do homenageado, aos filhos do casal, aos irmãos e irmãs, primos, primas, parentes e amigos, para lhes dizer: Obrigado por terdes criado em vosso seio familiar um homem tão magnânimo e digno, uma figura tão humana e tão nobre quanto tem sido, é e haverá de ser, sempre, este vosso mui ilustre e

Labim/UFRN
honrado acadêmico Murilo Melo Filho, perante o nosso futuro e a nossa História.

***

Discurso proferido pelo Acadêmico Nilson Patriota, em 16 de julho de 1999, em Sessão Extraordinária Solene em homenagem ao Acadêmico Murilo Melo Filho por sua posse na Academia Brasileira de Letras.

Formação da Mesa: Governador Garibaldi Alves Filho, Acadêmico Diógenes da Cunha Lima, Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Desembargador Rafael Godeiro, Presidente em Exercício do Tribunal de Justiça do Estado, Ministros José Augusto Delgado e Francisco Fausto Medeiros, Deputada Ana Catarina Alves, Dra. Wilma Faria, Prefeita de Natal, Vice-Almirante Márcio Montella Assumpção Taveira, General de Brigada Ruthênio Ferreira do Vale, um Coronel representando o Brigadeiro Juniti Saito, Professor Cláudio Emerenciano, Presidente do Conselho de Cultura e Acadêmico Enélio Lima Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Horário da Sessão: 20:00 horas.

Labim/UFRN

II

História

Labim/UFRN

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL: REALIDADE E FANTASIA

Olavo de Medeiros Filho

Ultimamente, os veículos de comunicação têm dado informações a respeito de um hipotético acontecimento ocorrido no Rio Grande do Norte: o Descobrimento do Brasil pelo capitão-mor Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril de 1500.

São apenas três os documentos epistolares conhecidos que tratam da chegada de Pedro Álvares Cabral à terra brasileira, *cujos autores foram testemunhas oculares do evento:* a Carta de Pero Vaz de Caminha, de 1° de maio de 1500, dirigida ao rei D. Manuel, o Venturoso; a carta da mesma data, endereçada ao referido rei, de autoria do *Mestre João*, físico e cosmógrafo da esquadra cabralina; e a *Relação do Piloto Anônimo*, redigida por um dos membros da tripulação, que descreve toda a viagem daquela armada desde a saída de Lisboa até a volta ao Tejo.

O original da Carta de Pero Vaz de Caminha, que viajava com destino a Calicute, foi descoberto em 1773, por Seabra da Silva, na torre do Tombo. A referida Carta nos fornece informações seguríssimas sobre a localização geográfica da costa percorrida e visitada pelo Capitão-mor Pedro Álvares Cabral, ocorrência que se verificou na Bahia.

No dia 21 de abril de 1500, 3ª feira, foram avistados os primeiros sinais de terra. No dia seguinte, pela tardinha, horas de vésperas (entre 15h e ao anoitecer), foi divisado um monte "mui alto e redondo", ao sul do qual viam-se outras serras mais baixas. O Capitão-mor batizou o monte (cuja altitude atinge 536m) de Monte Pascoal. À terra, Cabral denominou de Terra de Vera Cruz. Aquelas serras, ao sul do Monte Pascoal, correspondem atualmente às elevações de Itamaraju, a trinta quilômetros do referido monte. Estavam à distância de 660 ou 670 léguas da ilha de São Nicolau, do arquipélago do Cabo Verde, "segundo os pilotos diziam", isto é, os pilotos que participavam da viagem.

À época do descobrimento, vigorava a légua marítima equivalente a 5.920m. Dezesseis léguas e 2/3 formavam um grau terrestre. Portanto, aquelas 660 ou 670 léguas correspondiam a um percurso de 3.907 a 3.966 quilômetros. A distância entre a

Labim/UFRN

ilha de São Nicolau e o local do avistamento do Monte Pascoal correspondia, na realidade, a 700 léguas de 5.920 metros, conforme apurou o Contra-Almirante Max Justo Guedes (Mapas nºs. 1 e 2 - Derrota da Frota de Pedro Álvares Cabral, incluídos no seu livro "O Descobrimento do Brasil").

No outro dia, 23, a esquadra ancorou bem defronte à foz de um rio, identificado como sendo o Rio do Frade, topônimo já mencionado em 1587.

Em 24 de abril, 6ª feira, pela manhã, os doze navios e os mil e quinhentos homens comandados por Cabral, foram "ao longo da costa, com os batéis e esquifes amarrados pela popa, *contra o norte*, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso onde ficássemos, para tomar água e lenha". "E sendo nós pela costa *obra de dez léguas donde nos levantamos*, acharam os ditos navios pequenos um arrecife com um porto dentro, muito bom e seguro, com uma mui larga entrada, e meteram-se dentro e amainaram, e as naus arribaram sobre eles; e um pouco antes do sol-posto amainaram, obra de uma légua do arrecife, e ancoraram em onze braças".

Continua a descrição de Pero Vaz de Caminha: "Entraram todas as naus dentro; e ancoraram em cinco ou seis braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão formosa e tão segura que pode estar dentro dela mais de duzentos navios e naus". Tal fato sucedeu a 25 de abril, sábado. O local corresponde à parte meridional da chamada Baía Cabrália, a enseada da Coroa Vermelha, em forma de concha, onde deságua um rio, antigamente conhecido como Rio Brasil (1502), Rio de Santa Cruz (1587), e Rio Doce (1616), atualmente chamado de Rio Mutari, que forneceu água abundante à esquadra.

No dia seguinte, 26 de abril, domingo da Pascoela, em um ilhéu grande, hoje denominado de Ilhéu da Coroa Vermelha, naquela mesma enseada da Coroa Vermelha, na costa da Bahia, ocorreu a celebração de uma missa.

A 27, a 2ª feira, o Mestre João de Faras, da Galícia, utilizando-se de um astrolábio e ajudado pelos pilotos do Capitão-mor e de Sancho de Tovar, respectivamente, Afonso Lopes e Pero Escolar, determinou, em terra firme, a latitude daquele Porto Seguro. Encontraram 17 graus de latitude sul, muito aproximada da medição atualmente determinada: '16º20'. A latitude foi

Labim/UFRN
tomada em terra à altura do sol ao meio-dia. Em 1º de maio, Mestre João escreveu ao Rei D. Manoel, o Venturoso, dando conta de sua atuação.

Uma segunda missa foi celebrada, no continente, sobre um altar armado ao pé da cruz mandada chantar por Pedro Álvares Cabral, no dia 1º de maio, à margem esquerda do atual rio Mutari, cerca de 300 metros (dois tiros de besta) além da embocadura.

Descrevendo a extensão da terra encontrada, Vaz de Caminha assim informou: "Esta terra, Senhor, me parece que *da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta, que contra o norte vem*, de que nós deste porto houvemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa". Aquela ponta divisada ao sul é a atual Ponta Corumbaú, que já foi conhecida como Cururumbabo (1587). A outra ponta, ao norte, é a ponta de Santo Antônio. Distam cerca de 120 Km, entre as duas extremidades.

Finalmente, no dia 2 de maio, a esquadra comandada pelo Capitão-mor Pedro Álvares Cabral prosseguiu sua viagem para Índia, que era o seu local de destino. Saindo do Porto Seguro, a armada de Cabral abriu, talvez em rumo nordeste e, já afastada da costa, inverteu o rumo aproveitando o alísio de sudeste, para, aos poucos, buscar ventos de oeste favoráveis à rota para o Cabo da Boa Esperança.

Entre os anos de 1503-1504, foi elaborada uma carta geográfica conhecida como a Carta de Kunstmann II, reproduzida no Atlas de Kunstmann, pertencente à Biblioteca Nacional de Munique, Alemanha.

Interessando diretamente aos episódios relacionados com a chegada de Cabral à Bahia, encontram-se na referida Carta os seguintes topônimos, todos eles pertencentes à geografia baina: Porto Seguro, Barreiras Vermelhas, Rio de Brasil (rio de Santa Cruz, 1587; rio Doce, 1616; hoje rio Mutari), *Barosa* (terras barrosas) e MONTE PASCOAL.

Labim/UFRN

Os primeiros autores que se ocuparam do registro de fatos relacionados com a história pátria, também nos dão conta do local onde chegou a esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral. Assim, Pero de Magalhães Gandavo, em sua *História da Província Santa Cruz*, obra impressa em 1576, ao tratar da Capitania do Porto Seguro nos dá notícia do porto, "onde entrou a frota quando esta Província se descobriu. E porque então lhe foi posto este nome de Porto Seguro, como atrás deixo declarado, ficou daí a Capitania com o mesmo nome; e por isso se diz Porto Seguro".

Na *"Informação da Missão do Padre Cristóvão Gouveia às Partes do Brasil – Ano de 1583"*, faz-se referência à "vila Santa Cruz, que foi o primeiro porto que tomou Pedro Álvares Cabral no ano de mil e quinhentos, indo para Índia; e por ser bom o porto, lhe chamou Porto Seguro".

Gabriel Soares de Souza, em seu *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, também nos dá notícia da vila de Santa Cruz, erguida no mesmo Porto Seguro, local onde aportou a esquadra cabralina: "Neste Porto de Santa Cruz esteve Pedro Álvares Cabral, quando ia para Índia, e descobriu esta terra e aqui tomou posse dela, onde esteve a vila de Santa Cruz".

O problema da exata localização dos pontos histórico-geográficos visitados pela esquadra cabralina foi objeto de interesse por parte das autoridades governamentais, à época do presidente Vargas.

Em 1940 o Governo Federal designou uma comissão de estudos e pesquisas, da qual fizeram parte quatro membros: um representante do Ministério da Guerra, Cel. Leopoldo Nery da Fonseca; um representante do Ministério da Marinha, Comandante Luís Alves de Oliveira Belo; um representante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Engenheiro Cristóvão Leite de Castro, e um representante da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, Capitão-de-Fragata Antônio Alves da Câmara. A finalidade da Comissão seria a de realizar estudos, para determinar o local preciso onde fundeou a esquadra trazida pelo Capitão-mor Pedro Álvares Cabral.

Labim/UFRN

A Comissão utilizou-se do navio hidrográfico da Marinha de Guerra *Rio Branco*, cujo comandante era Capitão-de-Corveta Alberto Carvalhal, confirmando-se em tudo as informações, secularmente aceitas, escritas por Pero Vaz de Caminha e por Mestre João!

O autor LENINE PINTO, em seu controvertido livro REINVENÇÃO DO DESCOBRIMENTO, defende ferrenhamente a hipótese de que o litoral norte-rio-grandense foi o "ponto de desembarque de Pedro Álvares Cabral"... O referido trabalho foi fruto de cinco anos de pesquisas por parte do autor!

Segundo Lenine Pinto, o Monte Pascoal seria o Pico do Cabugi, no município de Lages-(RN); o Porto Seguro corresponderia às nossas praias dos Marcos, no atual município de São Miguel do Gostoso, litoral setentrional do Rio Grande do Norte; o chamado Marco de Touros, chantado pela expedição de 1501, na qual vinha o italiano Américo Vespúcio, transforma-se pelas deduções de Lenine Pinto em um hipotético padrão de pedra, chantado por Pedro Álvares Cabral; a ilhota de Coroa Vermelha, na Bahia, converteu-se em uma das duas ilhas: de Punaú ou Pisa Sal, "à cavaleiro da praia dos Marcos". Sobre o Mestre João, Lenine Pinto descreve-o como "um personagem bizarro", lançando dúvidas sobre a sua competência profissional...

Finalizando esta retrospectiva histórico-geográfica, lamentamos que o novo livro de Lenine Pinto não convença em seus argumentos. ***Primeiramente***, o litoral percorrido por Cabral desde o surgimento do Monte Pascoal, dez léguas até o Porto Seguro, corria no sentido Sul-Norte, e não Leste-Oeste, como é o caso do litoral setentrional do Rio Grande do Norte. ***Segundo***: o Pico do Cabugi somente pode ser avistado do mar, no trecho do litoral entre Caiçara e Ponta do Tubarão. Portanto, Cabral teria avistado o referido pico, em um litoral orientado no sentido Leste-Oeste. ***Terceiro***: do local do avistamento do Cabugi, se a esquadra tivesse seguido para o Norte (dez léguas), estaria se afastando

Labim/UFRN

da terra, penetrando cada vez mais no oceano. ***Quarto***: Lenine confunde seguidamente o local de avistamento do Monte Pascoal, com o outro local de desembarque, o Porto Seguro. ***Quinto***: não existe nenhuma ilha defronte à praia dos Marcos, que possa ser confundida com a ilhota onde foi celebrada a primeira missa. ***Sexto***: o território norte-rio-grandense não fica atingido por aquela latitude de 17°, determinada por Mestre João, em cuja medição foi ele auxiliado pelos pilotos das naus de Cabral e de Sancho de Tovar.

Em informações prestadas ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 12 de agosto de 1998, o Contra-Almirante Max Justo Guedes afirma: "Se Cabral chegasse com naus a S. Miguel no dia 22 de abril, lá teria, obrigatoriamente permanecido até o início de setembro para prosseguir para o sul". Tudo isso, por causa das correntes marítimas que teria Cabral de enfrentar, na sua intenção de navegar para a Índia...

A Bahia foi o cenário da chegada da esquadra cabralina, não tendo tido o Rio Grande do Norte a menor participação naqueles memoráveis acontecimentos históricos...

Labim/UFRN

TOUROS – A BASE FÍSICA PARA A CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO

Nilson Patriota

Ao ser criado em abril de 1833, o Município de Touros contava com 45 núcleos demográficos, quase todos por demais rarefeitos. Alguns desses núcleos eram incipientes povoações, arruados e sítios em que já existia população permanente. Percorramos um pouco a história de alguns desses aglomerados, dentre os vários que foram relacionados no mapa censitário do Juiz de Paz Joaquim Xavier Velozo, artífice por excelência da emancipação política de Touros, a qual aconteceria logo após a instalação da freguesia do Bom Jesus dos Navegantes, uma vez que a lei que a desmembrou da de Estremoz, em 5 de setembro de 1832, já estabelecia as divisas territoriais que serviriam de base física ao novo município.

Na época de sua criação, a povoação do porto dos Touros estava em situação privilegiada perante os outros quarenta e quatro aglomerados que a circundavam. O fato de possuir um porto com ancoradouro seguro, por onde podia receber manufaturas e escoar produtos primários, principalmente açúcar e algodão, além de coco e peixe seco, dava à povoação de Touros, posição de destaque e até mesmo de liderança perante seus vizinhos, já que o único caminho viável, existente naquela época e na região, era o oceano. De Touros, ou melhor, de seu porto, dependiam as povoações centrais ou agresteiras, e até mesmo as marítimas, cujos ancoradouros não ofereciam segurança e vantagem quanto o seu.

As povoações centrais ou agresteiras eram Boa Cica, Pureza, Tabúa (do Maxaranguape), Geral, Saco, Poços, Cana Brava, etc., e as marítimas ou litorâneas, Barra do Maxaranguape, Maracajaú, Pititinga, Zumbi, Pedra, Rio do Fogo, Cajueiro, São José, Gostoso, Reduto, Canto da Ilha de Cima, Canto de Baixo, São Bento do Norte (ou Caiçara), Jacaré, Galinhos, etc. Estas povoações tiveram desenvolvimento demorado, mas constante, porque não conheceram a fome que, de tempos em tempos, avassalava os sertões, liquidando com gentes e animais, e assim mantiveram suas populações isentas de grandes baixas, a

Labim/UFRN

não ser em casos de epidemia, como o cólera morbo na metade do século XIX. Conservaram, salvo raríssimas exceções, as denominações primitivas e até mesmo a topografia original.

Touros tem história rica e agradável, uma boa literatura e alguns poetas. O Pe. Manoel da Costa, que foi vigário, anos 20, na paróquia de Touros, era propenso a que Ferreira Itajubá, o maior de todos os nossos vates estaduais, tivesse nascido na povoação de Morrinhos, Touros, onde viviam seus parentes, chegando com seus pais à Natal em 1878. Mas, assim como Touros, Natal não abre mão da glória de lhe ter servido de berço. Tão grande é o interesse de se fixar o nascimento de Ferreira Itajubá em Natal, que o poeta Diógenes da Cunha Lima não regateou para adquirir a casa da Rua Chile, nesta capital, onde cinco anos após a morte do Poeta, seus amigos colocaram uma placa afirmando que ali tinha ele nascido. A divergência existe e vai continuar até o dia em que a certidão de nascimento de Itajubá, ou mesmo seu batistério, for localizado em algum cartório ou paróquia do Estado.

Ao escrever o preâmbulo de seu livro *Terra Natal,* nosso poeta maior, Ferreira Itajubá disse, sobre Touros:

Ali, os visitantes encontram hospitalidade franca: o sono é mais demorado e tranqüilo no alpendre da casa; o sonho, mais prazenteiro na rede de algodão; e a sinfonia matutina do passaredo acompanha a sonoridade angélica das virgens, agradecendo a Deus a esmola da vida, aos primeiros raios do sol. Ali BRANCA nasceu ao langor suavíssimo de um domingo de maio.

BRANCA, personagem central do famoso poema *Terra Natal,* foi toda a inspiração de sua vida. Segundo afirma, era uma moça tourense, que morre de saudade ao ter seu noivo partido para o exílio na distante Amazônia. Lembrando o passado, no poema o Poeta deplora:

Tempos que não vêm mais! Como tortura a gente
Ver no campo das messes as plantas desnudadas,
As ruínas em que o amor floresceu sorridente
E o violão se calou das cantigas cantadas!

Labim/UFRN

Ao ser criado, o município pegava da Barra do Maxaranguape, ao sul, e ao pontal de Guamaré, vizinhanças de Macau. Pelo interior suas divisas eram os rio Ceará-Mirim, o Riacho Seco e o Camurupim. Compunha-o vários núcleos populacionais. Vejamos a situação desses núcleos derredor de Touros, um século após a criação da municipalidade, ou melhor, 102 anos depois, baseando-nos em informações estatísticas e censitárias do ano de 1930, quando todos eles ainda integravam o território tourense.

Boa Cica – O lugar onde surgiu a povoação e atual distrito de Boa Cica, foi doado, em 19 de setembro de 1782, como data de sesmaria, ao capitão José Barbosa Gouveia e Melo. Englobava a importante lagoa da Emboacica (atual Boqueirão), fazendo testada com a sesmaria do porto dos Touros, e tendo três léguas de comprido por uma de largo.

Em 1930, tinha 798 habitantes, feira semanal, aos domingos (mantida até o presente). Desde o final do século passado teve cadeira de instrução rudimentar do Estado e duas capelas, uma delas erigida no presente século (1905) pelo capitão Cândido Barbosa da Câmara, que também contou com o concurso dos fiéis. O templo é dedicado a Nossa Senhora da Conceição.

Pureza – Em 1930, contava 1.400 habitantes e 180 fogos. Antes de se chamar Pureza teve a dominação de Pau-Ferro. O nome Pureza para aquele sítio foi sugerido pelo Dr. João Ignácio Fernandes Barros, Juiz de Direito da Comarca de Ceará-Mirim, para quem era de grande importância a fonte perene até hoje ali existente. Por isso, propôs que a referida fonte se chamasse Pureza, tanto pela qualidade de suas águas cristalinas, que se supunha fossem medicinais, quanto em homenagem à Nossa Senhora da Pureza, de quem era devoto.

Em visita à fonte de Pureza estiveram, desde o início deste século, importantes personalidades do nosso Estado. Selecionamos 4, das mais características, por suas qualidades políticas e intelectuais. Em 1903, o Dr. Alberto Maranhão, em 1904, o Dr. Juvenal Lamartine, em 1921, o Dr. Antônio de Souza, e em 1927, o Dr. José Augusto de Medeiros. Todos eles como sabemos, foram governadores do Rio Grande do Norte.

Sobre a fonte de Pureza, em 1920, o poeta tourense Luís Patriota (1901-1978), escreveu:

Labim/UFRN

Não há quem passando ali, pelo povoado,
ou pela redondeza,
seja dia ou seja noite, que o não vença
o desejo alvoroçado,
a curiosidade intransigente, imensa,
de conhecer a fonte de PUREZA.

.....

Nada existe sobre a terra, ou sob o sol, de mais poesia,
onde nossa alma se extasie e enleve,
do que esse espelho de cristal,
enorme, incandescente, natural,
que a palheta mais forte não copia,
nem a pena mais artística descreve...

Ali nasce o rio Maxaranguape, e corre 42 quilômetros de oeste para leste, desaguando no oceano Atlântico através de uma barra. Até às primeiras décadas deste século, o Maxaranguape prodigalizava riquezas para mais de 40 engenhos de Touros e de Ceará-Mirim, fortalecendo a economia de ambos os municípios.

Em 1926, em visita ao Estado, onde veio pesquisar inscrições petroglíficas fenícias, o antropólogo e filólogo Ludwig Schwennhagen, conhecedor do idioma tupi-guarani, deu a tradução do termo indígena Maxaranguape, que seria *Riacho das Almas Felizes*, por sinal muito poético.

Não há dúvida de que a mais preciosa curiosidade natural de Pureza é o seu olho d'água, ou fonte natural, brotando abundante e constantemente em meio a um círculo de altas pedras ensombradas por árvores centenárias. Sua água cristalina, mantendo um nível de dois metros de profundidade, pouco mais ou menos, tanto de dia quanto de noite conserva a mesma temperatura tépida e agradável.

Junto ao olho d'água do pau-ferro ou fonte de Pureza se estabeleceu o povoado homônimo, como também o engenho *Maxaranguape,* de Joel Christino de Medeiros. Com o crescimento da povoação, que foi elevada ao predicamento de cidade, a fonte ficou cada vez mais envolvida pelo casario, ganhando, inclusive, instalações modernas visando o turismo.

Labim/UFRN

Quando o olho d'água passou a se chamar Pureza, o nome se estendeu ao povoado e, conseqüentemente, à região circunvizinha.

Tabúa (do Maxaranguape) – Em 1930 possuía 40 fogos, população em torno de 280 moradores. Capela construída pelo coronel Possidônio Gomes da Silva e dedicada a São Pedro.

Saco – Na mesma época possuía 459 moradores e 68 fogos. Muitos sítios, coqueirais, dois engenhos e uma capela que até hoje tem como padroeira Santa Luzia. Com a denominação de Santa Luzia o antigo Saco cresceu, progrediu e tornou-se um dos distritos mais importantes de Touros. Não há dúvida de que também se emancipará, tornando-se município.

Geral ou Porto Geral – Já em 1930 possuía sítios e engenhos. Sua capela, de invocação a Nossa Senhora da Conceição, é de antiguidade discutível, mas já tem mais de cem anos. Nela rezou missa o Padre Isidoro, abolicionista convicto, que possuía uma herdade com casa no Geral.

Situada ao poente da lagoa do Jiqui, a povoação do Geral é banhada pelo rio do mesmo nome (o atual Maceió). À época a que nos referimos, tinha população de 124 habitantes e 25 fogos.

Apesar do crescimento populacional, sua decadência parece latente. Em épocas passadas foi núcleo de produção açucareira, o que é visível na própria constituição de sua população, que ainda conserva as principais características físicas do negro que laborou no eito da engenhoca de fazer aguardente e rapadura. Sua capela, várias vezes reedificada, encontra-se descaracterizada.

Maracajaú – Nos anos 30, contava com 360 habitantes e 85 fogos. Povoado aprazível, praia de grandes pescarias, com jangadas, tresmalhos e currais de apanhar peixe. Proximidades do cabo de São Roque. Capela dedicada a São João Batista. Na atualidade vem experimentando bom desenvolvimento. Sítio com atrativos de praia de veraneio e de turismo.

Pititinga – Praia de comerciantes e pescadores. Em 1930 já tinha 565 habitantes e 78 fogos. Capela consagrada à Nossa *Senhora dos Navegantes. É outra comunidade que atualmente* experimenta algum progresso. A principal atividade econômica é a pesca. Tem pequeno comércio e está sendo descoberta pela

Labim/UFRN
atividade turística. Oferece uma das melhores pousadas para recreio e fins de semana de toda orla norte. Assim como Maracajaú, já não faz parte do Município de Touros.

Em 1817, Pititinga foi testemunha da tragédia do padre João Damasceno Xavier Carneiro, paraibano, que nomeado visitador diocesano para o Rio Grande do Norte e o Ceará, acabou fazendo amizade com os participantes do movimento revolucionário de 1817, entre eles André de Albuquerque Maranhão, romântico chefe revolucionário, ao lado de quem se encontrava na ocasião em que ele foi ferido, deposto, preso e recolhido ao calabouço da Fortaleza dos Reis Magos onde, abandonado, veio a falecer.

O padre João Damasceno Xavier Carneiro tornou-se sacerdote quando já se achava maduro em anos, pois antes tinha sido casado. Ao ficar viúvo, resolveu realizar o antigo desejo de se ordenar, abraçando com afinco a causa da Igreja. Acusado de participar da Revolução de 1817, encabeçada no Rio Grande do Norte por André de Albuquerque, o padre João Damasceno teve a mesma sorte dos demais prisioneiros que, postos a ferro, foram embarcados na escuna *Foguete* e mandados ao Recife para serem julgados.

Segundo a historiadora Isabel Gondim, o fato assim se passou*: "Os prisioneiros foram aguilhoados dois a dois, sendo companheiro do padre Damasceno o Capitão-mor André de Albuquerque Maranhão, das Estivas. Fazendo-se à vela com os prisioneiros, a pequena embarcação, pelo seu mau estado, ao embate das ondas não obedecia ao governo do leme e decaía para o norte, não obstante o esforço da tripulação. O frágil barco em longas horas, quase desarvorado, devido aos ventos contrários, quando achava-se na confrontação da praia de Pititinga, município de Touros, cerca de doze léguas ao norte de Natal, exausto de forças, não podendo resistir ao forte impulso do jogar das ondas de encontro* ao *barco, o padre Damasceno veio a desfalecer e não tardou a morrer. Era 25 de julho de 1817" (...) "O comandante do barco, por conta própria resolveu fazer o enterramento do padre na praia, cujo local ficara assinalado pelos habitantes do povoado da mesma praia.*

Quando os ânimos serenaram e a política assumiu fase diversa, o seu filho, padre Joaquim Manoel, conseguiu ser vigá-

Labim/UFRN

rio da freguesia de Estremoz, da qual o povoado de Pititinga era parte paroquiana, e ali, com pessoas habilitadas, foi à procura dos ossos do extinto, afinal encontrados".

Levados para Estremoz, os ossos do padre João Damasceno foram sepultados com pomposos funerais na capela-mor da igreja local. Anos depois, *"com a ruína da igreja de Estremoz"* – diz a inesquecível mestra e historiadora – *"os restos mortais do padre João Damasceno desapareceram*".

Zumbi – povoação de praia com cadeira rudimentar de instrução pública já no século passado. Em 1930, tinha 568 habitantes e 81 fogos. Atualmente pertence ao município de Rio do Fogo, onde se destaca como um dos principais distritos. Grandes pescarias, bom comércio, veraneio e turismo.

Pedra – Pequena povoação com 55 fogos. Capela dedicada à Nossa Senhora das Dores. Pedra entrou em declínio.

Rio do Fogo – Em 1930, povoação de pescadores. Grandes pescarias. Bom comércio e 808 moradores distribuídos em 105 fogos. Capela em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes. Grande atração turística em seus *parrachos* (arrecifes a quilômetros da costa, que durante a baixa-mar formam piscinas naturais de grande beleza, freqüentados pela população local e por turistas). Ali se realizam pescarias e passeios domingueiros. Os *parrachos* são alcançados por botes ou jangadas.

Ao se referir aos *parrachos,* o poeta tourense José Porto Filho (1887-1958) assim cantou:

"Parracho Seco" de águas aniladas,
És o encanto de um povo bravo e forte,
Tens a magia de lendas encantadas,
És o primor dos mares deste Norte.

Em frente à costa – branca e altaneira,
Orlada de coqueiros verdejantes,
Onde se adora a Santa Padroeira,
A milagrosa Mãe dos Navegantes.

Tens um lençol de linda maravilha
No panorama de tuas serras pretas,

Labim/UFRN

Águas que lembram a cândida baunilha,
Águas que imitam a flor das violetas.
De ti nos afastamos com saudade,
Levando-te presente na lembrança,
Porque tu dás prazer à mocidade,
Parracho verde – lago da esperança.

Nos últimos anos, Rio do Fogo obteve bom desenvolvimento populacional. Como os demais municípios litorâneos, tem economia precária, baseada na pesca. Desmembrado de Touros, tornou-se município com a mesma denominação, tendo como seu primeiro prefeito, Túlio Paiva.

À margem do rio Punaú, num belo recanto do nosso litoral, reside Antônio Paiva, homem inteligente, agradável e conservador. É figura estimada, de prodigiosa memória, para a qual as amizades são bens inalienáveis.

De alguns anos a esta data, Antônio Paiva vem demonstrando interesse pela atividade turística, e por isso fundou à margem do rio Punaú (Rio das Borboletas), num recanto debruado por esbeltos coqueiros, um elegante hotel destinado ao turismo. À sombra acolhedora do coqueiral, Antônio pode ser encontrado ao lado de amigos, que o visitam para com ele rememorar fatos passados ou distraírem o espírito em companhia de quem sabe conversar como poucos.

Cajueiro – Praia de pescadores com 559 habitantes em 1930, e atualmente bastante desenvolvida. Bom comércio, grandes pescarias. Possui capela e uma excelente pousada dedicada ao turismo. Na atualidade, transforma-se em praia de veraneio e de turismo.

São José – É a pátria do valoroso coronel Antônio Florêncio Pereira do Lago (1825-1892), responsável pela retirada de Laguna, um dos mais impressionantes feitos de nossa História Militar em todos os tempos. O coronel Antônio Florêncio Pereira do Lago é o patrono do Grupo Escolar mais antigo da cidade de Touros.

Criado por decreto de 5 de outubro de 1927, o "Antônio do Lago" foi concluído na administração de Joel Christino de Medeiros, e inaugurado, solene e festivamente, a 15 de abril de 1928, com a presença do Governador José Augusto de Medeiros, que esteve em Touros com essa finalidade.

Labim/UFRN

Em fins do século passado, a povoação de São José contou com duas cadeiras da instrução pública estadual, sendo uma masculina e outra feminina. Na terceira década do presente século a população de São José era de 496 habitantes e 60 fogos. Capela dedicada a São Sebastião.

Reduto – Em 1930 era um povoado à beira mar com 760 habitantes e 40 fogos. Terras frescas, lagoa piscosa e coberta de tabúa. Bom porto e ancoradouro. Capela dedicada a São Sebastião.

Com a recente instalação do Município de São Miguel de Gostoso, desmembrado de Touros, o distrito de Reduto foi incorporado ao território da nova municipalidade.

São Bento do Norte – Em 1930, a povoação de São Bento do Norte tinha 810 habitantes e 150 fogos. Estava bem desenvolvida, para a época. Capela dedicada à Santo Antão Abade, com patrimônio de gado e sítios de coqueiros. Dita capela esteve, no início do século, prestes a ser soterrada pelos morros. Cadeira de instrução rudimentar do Estado. Feira aos domingos.

São Bento progrediu e tornou-se município florescente. De seu território foi desmembrado o Município de Caiçara, praia famosa por suas grandes pescarias, sobretudo a do "voador". Nos últimos anos, porém, tem sido violenta a ação do oceano sobre as ruas próximas da praia. Num trabalho contínuo, as ondas marinhas destruíram muito do que foi realizado pelo trabalho de operosas gerações. Porém, obras de engenharia ali realizadas, contiveram a ação demolidora do oceano sobre Caiçara. Não se sabe, porém, até quando.

No passado, tanto quanto no presente, o mar de Caiçara foi considerado o melhor pesqueiro da costa norte/noroeste do Estado. Pois ali se realiza a pesca do "voador", peixe este que foi um dos principais fatores de progresso econômico daquela antiga povoação há alguns anos elevada a cidade.

Ainda hoje, na época da pesca do "voador" cresce muito o número de embarcações no porto de Caiçara. Partindo de várias praias do litoral do Estado e dos Estados vizinhos, os pesqueiros ancoram na enseada, contribuindo com suas equipagens para aumentar o rumor das ruas e bares da cidade, enquanto aguardam o início da safra do pescado.

Labim/UFRN

A pesca do "voador" é feita em alto mar, mas no auge da safra, e dependendo da abundância de peixe, também se realiza nas águas próximas da costa. De um ponto estratégico da praia um arrais localiza a mancha característica da presença do cardume que corre em certa direção. Logo os pescadores são avisados, aprestando as embarcações para a largada. Ao se aproximarem do cardume, os pescadores conduzem suas embarcações na direção oposta ao vento, derramando óleo de cozinha nas águas, para atrair os peixes. Antigamente esfregavam nas bordas do bote uma pasta fabricada com intestinos macerados de peixe. Àquela pasta mal cheirosa chamavam de "engodo". E isso era o quanto bastava para atrair o cardume, já que o olfato do "voador", o conduzia fatalmente à armadilha que lhe fora preparada.

Mal sentiam o odor acre e oleoso das entranhas de peixe deteriorado, os "voadores" começavam a saltar alvoroçadamente das águas. Suspensos no ar por suas barbatanas que mais parecem asas, investiam, aos milhares, sobre o lastro do barco, parecendo mariposas alumbradas. A partir desse momento, eram dezenas, centenas, milhares de "voadores" caindo na embarcação, enchendo, alastrando e abarrotando todo o espaço disponível.

Aos pescadores compete assistir ao espetáculo e apanhar os peixes que se doavam, enchendo com eles muitos cestos, samburás e porões.

Métodos mais modernos para apanhar o maior número possível de "voadores" num curto espaço de tempo, há muito são adotados. Levados para a praia, os "voadores" passam a ocupar um grande número de mulheres e crianças que desempenham a tarefa de extrair-lhes as entranhas e expô-los ao sol para secar. Isto feito, aos milhões são armazenados em garajaus de embira de carnaúba e exportados por mar ou por terra para a hinterlândia nordestina, onde são consumidos pelas camadas populares das cidades, povoações sítios e fazendas.

Na praia de Caiçara, proximidades ao farol, está situado o esplêndido hotel-pousada de Mário e Fátima, um casal ítalo-brasileiro, que depois de residir na Itália (pois ele é italiano), resolveu viver no paraíso. Visitando e comparando a beleza das praias do litoral norte, Mário e Fátima optaram por Caiçara, onde têm

Labim/UFRN

domicílio e recebem amigos e turistas. O hotel-pousada, de Mário e Fátima, notabiliza-se por seus hóspedes ilustres. Um deles, o célebre artista plástico italiano, Silvio Crespi, autor dos clássicos, universalmente famosos, *Sperduta nel carnevale* e *Il grande ulbero della vita.*

Jacaré – Povoado próximo de Morrinhos – terra de Ferreira Itajubá. O povoado de Jacaré, várias vezes soterrado pelos morros, foi outras tantas vezes reconstruído pelos seus habitantes. Um dia, porém, estes se cansaram e o deixaram definitivamente sob as dunas. Por isso, há muito Jacaré já não existe, a não ser na memória dos netos e bisnetos daqueles que no passado ali viveram, lutaram, sonharam e morreram.

Em 1930, Jacaré tinha 625 habitantes, 102 casas e uma capela consagrada à Nossa Senhora das Dores. Próximo de Morrinhos e de Galinhos, Jacaré foi um pequeno núcleo populacional animado pela pesca do "voador". Possuiu comércio ligado à indústria da pesca.

A figura mais ilustre de Jacaré foi o poeta Luís Patriota, ali nascido no ano de 1901. Luís Patriota publicou *Livro D'Alma* e *Poema das Jangadas.* Faleceu em Natal.

Galinhos – Tinha 805 habitantes em 1930. Tornou-se município. Praia aprazível, de clima quente, seco e restaurador, tem na indústria da pesca seu suporte econômico mais antigo e no turismo o mais recente. Seu território, como os demais aqui citados, foi desmembrado de Touros. Ainda hoje a pesca do "voador" é ali praticada, e o produto é vendido dentro e fora do Estado.

Capela consagrada a São Pedro.

Cana Brava – Na época a que nos reportamos contava 943 habitantes. Engenho, currais de gado e sítios. Nasce aí, no olho d'água "Çuaçu-Mirim", o rio do mesmo nome, mudado depois para Jiqui, atualmente chamado Maceió, que em Boa Cica forma a lagoa do Boqueirão, e a de Jiqui, na localidade "Souza", banhando em seguida a cidade de Touros onde, através duma barra, deságua no oceano.

Em 7 de junho de 1783, o território hoje ocupado por Cana Brava foi doado em forma de data de sesmaria ao capitão Antônio Teixeira Coelho. "Três léguas de comprido pegando da lagoa da Bebida das Pedras, na lagoa da Emboacica, pelo riacho da Cana Brava, buscando a nascença do dito riacho que deságua

Labim/UFRN

na lagoa, contestando com a data do alferes João José Machado, filho do sogro de Caetano Machado Barreto". Em Cana Brava nasceu o poeta tourense José Francisco de Brito, autor do livro "Cisco da Praia" , onde registra:

Touros, eu vi-te, dormindo
À beira-mar, sedutor...
Era noite, e o mar bramindo,
Beijava teu seio lindo
Num longo idílio de amor!

Canto da Ilha de Cima – Em 1930 já era povoação, e aparece na relação de Joaquim Xavier Velozo como núcleo habitacional com poucos habitantes.

Canto de Baixo – Nos anos Trinta contava 855 moradores. Povoação à beira-mar, dedicada à pesca. Pequena agricultura e alguma criação de gado.

Gostoso – Atual município de São Miguel de Gostoso. Em 1930 tinha 995 habitantes e 110 fogos. Pesca, agricultura e comércio, desde então. Capela consagrada a São Miguel.

Barra do Maxaranguape – Povoado na foz do rio do mesmo nome, com 121 habitantes e 60 fogos, em 1930. Capela consagrada à Nossa Senhora da Conceição.

Antiga povoação de Touros, a Barra de Maxaranguape cresceu, progrediu. Alçada ao predicamento de cidade, atualmente é município da faixa leste do nosso litoral.

Tem na pesca um forte componente de seu desenvolvimento, e no turismo um dos mais recentes aportes econômicos.

Caraúbas – Tinha 489 habitantes e 90 fogos. Antiga povoação de pescadores, cercada de coqueirais. Já no início do presente século começou a ser visitada por pessoas influentes, que a transformaram em estação balneária para atender veranistas dos municípios próximos da capital. Tem capela dedicada à Nossa Senhora da Guia.

Estas povoações, entre as 44 constantes do mapa censitário do Juiz de Paz Joaquim Xavier Velozo, foram a base sobre a qual se edificou o município de Touros no ano de 1833. Todas elas possuíam moradores e eram conhecidas nas últimas décadas do século XVII. Em 1680, os moradores da costa representaram ao

Labim/UFRN

Senado da Câmara de Natal, e seus interesses foram preservados. Eles queriam liberdade para pescar na costa e colher sal nas salinas, e estavam sendo proibidos por sesmeiros que se julgavam donos absolutos da região. Foram vitoriosos, porque na opinião do Governo-Geral, sediado na Bahia, praias e salinas eram bens naturais que pertenciam ao povo.

Labim/UFRN

III

Novos Acadêmicos

Labim/UFRN

Labim/UFRN

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS DE HYPÉRIDES LAMARTINE

Hoje é um dia especial para minha pessoa. Considero este momento como sendo o ponto alto da minha caminhada no rumo das letras. Ser admitido na Casa de Câmara Cascudo, onde estão reunidos os expoentes da cultura potiguar, é uma honra para qualquer pessoa que esteja envolvida com o movimento cultural da terra.

Luís da Câmara Cascudo, esse extraordinário homem de cultura, mesmo vivendo na província, teve força para estudar o homem nordestino, o seu ambiente, a cultura popular, pondo todo esse manancial à disposição dos estudiosos do assunto, através dos inúmeros livros que publicou. O mestre Américo de Oliveira Costa, escrevendo sobre Cascudo, assim se expressou: "Cascudo parece, hoje, ter-se constituído como um tipo de escritor cuja raça estaria em extinção... escritor com qualquer coisa de monástico, nas suas tarefas e nos seus hábitos quotidianos..." Mas, como ninguém é eterno, a hora de Cascudo chegou; naqueles momentos de tristeza e pesar, o escritor Oswaldo Lamartine assim se manifestou: "E agora, a quem vamos perguntar as coisas?"

Cascudinho, como era conhecido na intimidade, mesmo havendo deixado uma vasta obra publicada, ainda ajudou a fundar a ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS, com seus patronos e entre eles estava ANTÔNIO PEDRO DANTAS, escolhido para a Cadeira 33, a qual estou assumindo agora, na vaga do último ocupante, Prof. Oswaldo de Souza.

TONHECA DANTAS, como era conhecido, descende do pioneiro do Seridó Caetano Dantas Correia; nasceu no Sítio Carnaúba de Baixo no dia 12 de junho de 1870 e faleceu em Natal no dia 07 de fevereiro de 1940, tendo sido sepultado no Cemitério do Alecrim. Esse extraordinário músico, apesar da sua origem no meio rural, fez uma brilhante carreira como compositor e instrumentista. A sua principal composição, conhecida internacionalmente, é ROYAL CINEMA, uma valsa no estilo vienense. Quando foi composta, ele se encontrava residindo em Belém do Pará. Consta que um ricaço paraense, chamado Virgílio Chermont,

Labim/UFRN
encomendou a música para homenagear a namorada durante uma festa. Foi um sucesso a apresentação, porém o título Royal Cinema só foi dado aqui no Rio Grande do Norte, depois do seu retorno. Tonheca teve inúmeras outras composições e algumas criações para o teatro. A peça OS CISNES foi apresentada no teatro em Belém com grande sucesso. Foi uma feliz escolha o nome de TONHECA DANTAS para esta Academia, representando a cultura musical do Rio Grande do Norte.

O nosso Estado tem dado grandes valores na música cuja atuação ultrapassa as fronteiras. Além de Tonheca Dantas destacam-se Moisés Mandel, Oriano de Almeida, este membro desta casa, considerado o maior intérprete de Chopin na sua época, e o Prof. Oswaldo de Souza. Este homem, de vasta cultura musical, pesquisador da música folclórica do Centro e Nordeste do Brasil, também fez incursões na área da museologia. Nasceu em Natal, no dia 01 de abril de 1904. Terceiro filho de Cícero Franklin de Melo e Souza e D. Dionísia Câmara de Souza. O pai era funcionário do erário do Estado e a mãe de "prendas domésticas" como se dizia na época; ela era pianista e costumava ensaiar na casa da sogra D. Mariquinha, onde havia um belo piano alemão. Nessas oportunidades, o menino Oswaldo costumava ficar ao lado da mãe enquanto ela executava peças ao piano. Eram as primeiras manifestações do interesse musical reveladas por Oswaldo. Aos 10 anos de idade, enquanto freqüentava as aulas da Profª. Amélia Benevides, paralelamente estudava música com a sua genitora. Mãe e filho entrosavam-se muito bem, porém, vez por outra se desentendiam durante as aulas de piano, pela rapidez com que o garoto memorizava o texto musical, dispensando a partitura, o que D. Dionísia não admitia.

No período de 1914 a 1918, a família foi residir na cidade de Areia Branca. O Sr. Cícero Franklin assumiu a "Mesa de Rendas" local. Nesse período as aulas de música foram interrompidas até quando puderam mandar vir um Piano do Rio de Janeiro. Mesmo assim Oswaldo teve que voltar para Natal, onde ficou interno no Colégio Diocesano Santo Antônio (funcionava no convento ao lado da Igreja), naturalmente por falta de um estabelecimento de ensino a altura, em 1918, Oswaldo saiu do internato e as aulas de piano recomeçaram, tendo como professora a Sra. Maria Cicco e depois Cristina Roselli. Ambas achavam que o ta-

Labim/UFRN
lento musical do jovem Oswaldo seria melhor aproveitado num ambiente de ensino mais desenvolvido que só havia no Rio de Janeiro. De 1920 a 1922 Oswaldo freqüentou o Colégio Americano Batista do Recife, retornando naquele ano a Natal. Aqui, enquanto se preparava para o vestibular na Faculdade de Direito do Recife, tomava aulas de música com o prof. Luigi Maria Smido, maestro da Orquestra do Teatro Carlos Gomes (hoje Alberto Maranhão). Foi naquela época que o jovem Oswaldo tentou as suas primeiras composições musicais, algumas valsinhas "Champonianas", no dizer do seu biógrafo, Claúdio Pinto Galvão. As composições foram apresentadas ao Maestro Smido, que ficou surpreso tendo em vista a pouca escolaridade musical do Aluno. O Maestro chegou à conclusão de que estava diante de um músico em potencial. Em 1924 prestou exame para a Faculdade de Direito do Recife, e para satisfação dos pais e desgosto dele, foi aprovado.

Na Faculdade sentia-se um estranho, apesar de haver encontrado lá alguns conhecidos de Natal, entre eles o acadêmico Luiz, filho do Cel. Francisco Cascudo, com quem passou a se relacionar. No final do primeiro semestre, ainda não havia se adaptado, mas as palavras das professoras de piano de Natal – que achavam o Rio de Janeiro o melhor ambiente para os seus estudos de música – não lhe saíam da cabeça. Começou a se formar na sua mente a idéia de transferência para aquela capital onde achava poder freqüentar paralelamente os dois cursos: Direito e Música. Antes do final do ano letivo, pediu transferência e, quando chegou a Natal para as férias, já levava toda a documentação necessária. Os pais receberam com apreensão aquela novidade, porém terminaram concordando e em junho de 1925 o jovem Oswaldo chegava ao Rio de Janeiro, onde iniciara uma nova etapa de vida. Lá chegando, fez contato com o Prof. Lorenzo Fernandez, da Escola de Música Figueiredo Roxo, que o preparou para admissão ao Instituto Nacional de Música e indicou o Prof. Arnaldo Gouveia para as aulas de piano. Em janeiro de 1926 compareceu para exame e mesmo estando muito tenso foi aprovado com uma boa colocação; naquele mesmo ano concluiu o curso de teoria musical.

Na Cidade Maravilhosa não se descuidava dos estudos (cursando Direito e Música). Mesmo assim, freqüentava o meio artís-

Labim/UFRN
tico no velho Teatro Lírico, onde conheceu e privou da amizade de Lírio Panicalli, que lhe proporcionou a oportunidade de assistir a memoráveis espetáculos. Comparecia à Casa Viúva Guerreiro, na rua da Carioca, onde conheceu Chiquinha Gonzaga, esta já com a idade avançada. Teve a oportunidade de freqüentar o cinema Odeon, onde ouvia Ernesto Nazareth tocar valsas e chorinhos saudosos.

Na pensão onde residia, conheceu a Sta. Elza Hoening, uma jovem de origem alemã, aficionada da aviação. Por influência dela chegou a voar e pensar em tornar-se aviador. A notícia chegou a Natal, provocando a ida dos pais ao Rio de Janeiro para dissuadi-lo da idéia.

No ano de 1932 Oswaldo concluiu o Curso no Instituto Nacional de Música, mas só recebeu o Diploma em 1933. Agora profissionalizado, passou a dar aulas para se manter. O Curso de Direito já havia abandonado desde 1928. A partir daí sua vida profissional tomou um ritmo mais acelerado. Mesmo residindo no Rio de Janeiro, fez algumas visitas a Natal para rever os pais e colher temas musicais nordestinos usados no seu trabalho.

No período em que cursava o Instituto compôs algumas músicas para piano, entre elas Prelúdio e Um Romance sem Palavras. Em 1928, o seu antigo professor Smido, na época residindo no Rio de Janeiro, tomou a iniciativa de publicar a valsa Triste Enlevo. Foi a sua primeira música publicada. Estava com a criatividade estimulada e novas músicas iam brotando naturalmente: Quebranto, Sereia do Mar, Renda de Bilro; motivos afro-brasileiros como Cativeiro, Batuque, Mozambo e outras, sempre inspiradas no folclore nordestino. Em visita a uma fazenda da família, em São José de Mipibu, colheu algum material da vida no campo que transformou em músicas com títulos curiosos: Rês Falteira, Retiradas, Meu Amor está Mal Comigo, Ô Mamãe Deixe Eu Ir, e outras. As suas músicas mais gravadas foram: Pingo d'água e Querer Bem Não É Pecado.

Havia no Rio de Janeiro um certo cantor popular chamado Jorge Fernandes; foi o primeiro a gravar músicas de Oswaldo de Souza e com ele fez uma turnê pelo interior do Brasil.

A desistência do curso de Direito muito desagradou aos pais; por essa época, estudava medicina na Bahia o irmão Octávio e para acomodar as coisas Oswaldo mudou-se com "armas e

Labim/UFRN

bagagem" para Salvador. Por falta de ambiente de trabalho naquela capital, resolveu retornar para o Rio de Janeiro em 1934, levando junto o irmão. Nessa capital, recomeçou a dar aulas de piano e através de um anúncio de jornal, passou a lecionar para um casal de estrangeiros em Monsieur e Madame Valle. Foi quando deflagrou a intentona comunista de 1935; no dia da aula compareceu ao apartamento em Copacabana e teve a surpresa de ser recebido por agentes da polícia civil; foi levado preso para interrogatórios e em seguida liberado. Tempos depois soube que o casal era responsável pelo dinheiro enviado pelo governo russo para financiar atividades subversivas na América Latina. Com o decorrer do tempo foi se tornando mais conhecido e isso o levou a conviver com artistas importantes da época, como a cantora Mara Ferraz a quem acompanhou em programas da Rádio Tupy. Conviveu também com Stelinha Egg, Dorival Caymmi, Maria Sylvia Pinto e outros nomes de igual valor.

O primeiro recital de Oswaldo de Souza aconteceu no dia 28 de novembro de 1939, no Salão da Associação Brasileira de Artes, hall do Palace Hotel, na Av. Rio Branco. O espaço ficou lotado e muitas pessoas de pé. O Recital foi um sucesso, tanto pelo desempenho do pianista como pela voz de Mara Ferraz, que cantava composições dele. O Correio da Manhã não economizou elogios ao recital.

Já decorria 1940 quando recebeu um convite do Governo do Estado de São Paulo, através do Prof. Cândido Mota Filho, para realizar pesquisas folclóricas no Estado, objetivando o documentário filmado, tendo sido o primeiro trabalho de vulto naquela área feito por Oswaldo. Ao retornar ao Rio de Janeiro teve de ir a Belo Horizonte, acompanhado de Mara Ferraz, onde realizou dois recitais com o maior sucesso. O Governo de Minas Gerais, através do Secretário Israel Pinheiro, convidou-o para ir a Diamantina. Lá ele passou nove dias colhendo modinhas tradicionais da cidade, entre elas "Peixe Vivo".

Aqueles dias passados em São Paulo mudaram o curso da sua vida. Por sugestão do amigo Cássio M'Boy fez contato com o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e aceitou tornar-se o zelador do Convento e Igreja dos Jesuítas na Vila Embu, um sóbrio monumento do século XVII que havia sido restaurado pelo SPHAN e que pertencia à Cúria Metropolitana

Labim/UFRN

de São Paulo. Ao assumir encontrou, nas dependências do Convento, jogado pelo chão e sem nenhuma conservação, um valioso acervo de raras peças sacras. Logo teve a idéia de organizar ali um museu. Pôs mãos a obra, mesmo sem nenhum recurso, só improvisação. O trabalho resultou num sucesso, foi bem recebido pela população que visitava o museu constantemente, assim como pessoas vindas de outros estados. Nesse Cássio M'Boy, Mário de Andrade, Manotti del Picchia e Anita Malfatti. Foram quatro anos de permanência à frente do Museu do Convento, até que aconteceu um choque entre o Dr. Luiz Saia, Chefe do SPHAN, e o Cardeal de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. O SPHAN decidiu devolver o Convento, terminando melancolicamente o período de Oswaldo em São Paulo.

Com o encerramento do Projeto Museu do Convento Embu, Oswaldo partiu para a Bahia acompanhado do cantor Marino Gouveia, onde fariam apresentações; era a preparação para outro projeto mais ambicioso: um giro pelo países do sul (Uruguai, Argentina e Chile). Na Bahia fez uma apresentação em Salvador no dia 22 de Junho de 1948, no chegou a Salvador onde ficou a serviço da Secretária, subordinado à Superintendência Musical, na época chefiada por um cidadão americano (Marshall Lewins) com quem fez um roteiro pelo interior. No decorrer, concluiu que estava à mercê de alguém que não havia compreendido a sua missão e mesmo assim fazia prevalecer a própria vontade. Retornaram a Salvador e lá veio a saber que o americano estava indo embora e que ele seria o indicado para substituição. Assumiu o cargo e apesar da falta de verbas, teve apoio da Sra. Ester Mangabeira, esposa do Governador, conseguindo através dela meios para reiniciar o trabalho. Partiu para o médio São Francisco, visitando Bom Jesus da Lapa, Carinhanha, Santa Maria da Vitória, Sítio de Mato, Remanso e finalmente Juazeiro. Regressou à Salvador, levando uma preciosa bagagem, muitos papéis e anotações com músicas coletas durante aquele itinerário. Naquela capital, depois de prestar contas da sua, viajou para São Paulo, onde o esperava a Sta. Maria de Lourdes Friedrich de França, com quem viria se casar em abril de 1952. Nunca tiveram filhos.

Em São Paulo, além do casamento, teve de assumir a restauração da Faz. Santo Antônio, em São Roque, uma antiga

Labim/UFRN

construção do Século XVII, pertencente a Mário de Andrade. Surgiu ainda um programa na TV-Record sobre a música brasileira que assumiu e desempenhou com competência durante sete meses. O programa "Retrato Musical do Brasil" foi encerrado por desentendimento com o Diretor da TV, que não admitia música erudita na programação.

Ainda em São Paulo teve a oportunidade de encontrar o natalense Dr. Humberto Dantas, que o colocou em contato com o então Governador do Rio Grande do Norte, Dr. Aluízio Alves. Desse encontro surgiu um convite para vir a este Estado fazer o inventário e tombamento dos bens históricos e artísticos aqui existentes. Visitou Natal em junho de 1961 pronto para trabalhar e o que viu exigia providências imediatas. Transferiu-se para esta Capital sem demora, ficando aqui como representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Antes, porém, de deixar o Rio de Janeiro fez uma conferência na ABI sobre música popular o médio São Francisco. Falou para uma platéia seleta e a diplomata Livínia Machado, na oportunidade, cantou as suas músicas com grande sucesso.

O representante do IPHAN iria ter, aqui no Rio Grande do Norte, muitos problemas a resolver, especialmente aqueles que contrariam os interesses de uma população pouco sensível a assuntos culturais. Foi o caso do marco de Touros, que estava sendo destruído pela ação da ignorância popular. Para manter a integridade do Marco, era recomendada a sua remoção para Natal; isso só foi possível com proteção policial. O trabalho no Estado cobria todo o território, tombando e restaurando monumentos históricos tais como: o forte dos Reis Magos, a Casa da Câmara e Cadeia de Vila Flor, a Cadeia de Acari, o Sobradinho da Rua da Conceição; raridades iconográficas de São José de Mipibu, Extremoz, São Gonçalo do Amarante, Caicó e Acari. Na área musical, encontrou o poeta assuense Renato Caldas, com uma canção "Casa Abandonada" e uma melodia "Cantarola" do domínio público. Harmonizou alguns benditos e louvações e foi buscar no fundo das suas lembranças, uma melodia que teria ouvido quarenta anos atrás, do cantador potiguar Fabião das Queimadas, com o título "Só voga quem tem dinheiro". O encontro com Fabião deu-se nos idos de 1922, quando ainda não havia gravador e ele não estava preparado para captá-la.

Labim/UFRN

Quando definitivamente em Natal, foi convidado a associar-se ao Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Norte, cuja posse se deu no dia 28 de fevereiro de 1964. Ano seguinte recebeu a medalha Vital Brasil conferida pelo Governo de S. Paulo pelos bons serviços prestados àquele Estado e em 22 de outubro de 1968 tomou posse na Cadeira 33 desta Academia.

Meus Senhores!... aí está uma retrospectiva condensada da vida desse homem de cultura que foi Oswaldo de Souza. Sua dedicação às artes foi total, desde as primeiras manifestações de vontade própria. Enfrentou com paciência a resistência da família que havia reservado para ele um curso de Direito e submeteu-se a uma vida solitária em terras estranhas, para conseguir os seus objetivos musicais. Foi um vitorioso e prestou à cultura brasileira relevantes serviços, defendendo, fixando e divulgando o patrimônio musical do nosso sertão, que certamente se perderia sem o seu trabalho. À museologia deu também a sua contribuição, preservando um riquíssimo acervo iconográfico que ainda existe nas igrejas do Brasil Colonial, por onde passou.

Com esta ligeira exposição do patrono Tonheca Dantas e do primeiro empossado na cadeira nº 3, o maestro Oswaldo de Souza, chego à Academia Norte-rio-grandense de Letras, nesta noite, graças à compreensão de seus pares. Como disse de início, é um dia todo especial para minha pessoa. Cabotino seria falar sobre mim mesmo. Essa parte ficará a cargo do acadêmico Prof. José Melquíades, a quem insistentemente convidei para me saudar. Seu estilo já é conhecido de todos e só nos resta ouvi-lo para a coroação desta agradável cerimônia de posse. Encerro, aqui, a minha parte agradecendo a paciência que todos tiveram em me ouvir.

MUITO OBRIGADO.

Em 27 de abril de 2000

Labim/UFRN

SAUDAÇÃO A HYPÉRIDES LAMARTINE

José Melquíades

Nossa Academia de Letras, nesta noite, eleva-se às alturas, num vôo sereno e tranqüilo, como visibilidade plena: recebe um intelectual conterrâneo que também é aviador. Das asas de Ícaro ao **14-Bis** de Santos Dumont, a história da aviação já deu muitos avanços e também já sofreu muitos desastres. A imprudência de Ícaro foi não ter seguido as instruções do seu pai: desviou a rota e se aproximou do sol. As asas de pena grudadas aos ombros com cera de abelha derreteram-se e ele caiu no mar Egeu.

Tivesse essa aventura acontecido no Brasil e logo diriam que era invenção de português. Santos Dumont, por sua vez, teve grande sucesso em Paris na luta travada com o "mais pesado que o ar", e bem que poderia realmente ser chamado de "o pai da aviação", não fossem os irmãos Wrights lhe terem tomado algum espaço. Os americanos, que aprenderam a beber a cerveja com os alemães, embriagados de megalomania, pensam que são os donos da verdade e senhores absolutos do mundo. O deus deles está colocado no dólar e por isso pensam também que podem comprar o céu.

Já o nosso macaibense Augusto Severo, no avanço com a dirigibilidade, não teve lá muita sorte com a Pax. A auspiciosa saudação clerical que a Igreja dirigia aos irmãos: **pax vobiscum** – não o acompanhou favoravelmente e o Pax explodiu nos céus de Paris. Tivessem os destroços sido arrebatados aos céus, como o foram Elias e seus cavalos levados por um turbilhão de vento, então teríamos a repetição do **Glória in excelsis**. Como o Pax precipitou-se ao solo, tivemos o desastre. Era isso que os romanos chamavam **dies nefasti** – dias funestos. Pery Lamartine preferiu vôos mais baixos e mais seguros, no comando de alguns pipers – **J-3, culvet cadets** ou **teco-tecos**.

Até agora se tem saído muito bem, tanto no ar, quanto em terra firme, desde o tempo em que, por sorte, escapou de ser bombardeado no Baependi e, posteriormente, fez o primeiro solo, em 1945. Lembremo-nos de que nas teofanias gregas, os helenos chamavam Zeus de **nefelegereta** (de **nefas** – nuvem; e **bates** –

Labim/UFRN
que anda) e o chamavam assim por que acreditavam que o pai dos deuses reunia-se em assembléia sobre as nuvens. Os gregos foram os pais da sabedoria ocidental e também os padrastos de algumas tolices.

Valendo-se dessa hipérbole, Rabelais, no século XVI, criou nas nuvens, um povo imaginário com o nome de **nefelibata**. Nas pegadas de Rabelais, o simbolista português Eugênio de Castro usou o termo **nefelibata** com certo desprezo aos bárbaros que habitavam aqui debaixo das nuvens, o que também é outra tolice. Pery Lamartine jamais esposou idéias tão extravagantes e tanto se sente bem sobre como sob as nuvens. A prova disso é sua agência de passagens aéreas muito bem sucedida, assim na terra como no céu, e muito bem protegida por San Tiago de Compostela, que é o protetor dos turistas. Nos seus vôos regulares, jamais lhe passou pela cabeça embarcar passageiros para o além. Todos vão e voltam sãos e salvos; dão graças a São Tiago e podem contar o que viram aos que ficaram.

Desse modo e com esse sucesso, Pery Lamartine é o primeiro piloto a pousar em nosso campo acadêmico, em cúmulos esparsos, atacando o motor **a pleno**. Enquadra-se numa realidade autêntica, dentro dos padrões nacionais, uma vez que a capital da nossa República obedece ao plano piloto projetado por Lúcio Costa entre a Asa Sul e Asa Norte.

Nascimento

Hypérides Lamartine nasceu em Caicó, no dia 2 de maio de 1926, dia de Santo Atanásio. Era vigário de Caicó o Cônego João Clementino de Mello Lula e juiz de direito Dr. Silvino Bezerra Neto. Costumavam, na época, os padres batizarem as crianças com o nome do santo do dia. Apesar de Santo Atanásio ter sido um grande bispo e um grande teólogo da Igreja a quem se atribui a autoria do credo **Quicumque vult** aprovado no Concílio de Nicéia, o mesmo que rezamos hoje com a presença de Pilatos, mesmo assim Santo Atanásio é pouco conhecido no Brasil de Nossa Senhora Aparecida.

Desse modo, pois, Hypérides, seu nome de batismo, é um desafio à tradição do nosso cristianismo doméstico. O padre que

Labim/UFRN
o batizou talvez desconhecesse também as qualidades e os defeitos de Hypérides, o pagão ateniense contemporâneo de Demóstenes a quem associou contra a invasão Macedônica empreendida por Alexandre. Se pelo menos soubesse que o nome Hypérides vem da raiz **hipp** da qual nasceu o cavalo e também nasceram Filipe e o hipopótamo, ambos do mesmo gênero, jamais teria ungido a testa com os santos óleos repentino um nome tão profano quanto Hypérides.

O que é certo mesmo é que nenhum padre nos livrará de uns tantos cavalos batizados que relincham na redondeza de nossa intimidade e nos azucrinam troteando no hipódromo de nossa vizinhança. De qualquer modo, o Hypérides ateniense teria sido aluno de Platão e teria freqüentado sua Academia, o que já é um passo para imortalidade. Era também de Atenas Dédalo, o pai de Ícaro, o verdadeiro pai da aviação porque foi ele quem engendrou as asas de cera para que ele e o filho se fixassem ao ar a fim de livrarem-se do cativeiro lhes imposto no labirinto pelo rei Midas. Também se atribui a Dédalo a invenção dos **Autômatos**, estátuas capazes de ver, ouvir e andar. Nesse caso, Dédalo foi o precursor da aviação e também do robor. Infelizmente, os autômatos de hoje são meros fantoches de gabinetes políticos.

Dentro dessa tradição henêlica, Hypérides Lamartine vincula-se bem à imortalidade temporária adquirida em eleição pacífica, concebida na Academia Francesa e repassada para a Academia Brasileira de Letras na tradução do latim **ad immortalitatem**, o que nós outros ingenuamente alimentamos de bom coração.

NO CURSO DA VIDA

Pery Lamartine é um sertanejo autêntico. Procede daquele Caicó tradicional, a primeira Povoação do Seridó, esse Seridó que já nos anos do seu nascimento se orgulhava de possuir 800 fazendas como sempre se orgulhou de seus vaqueiros corajosos, rastejadores audaciosos, enfrentadores de touros bravios e matadores de onça. Esse clima e essa tradição influenciaram fortemente o escritor seridoense nos temas dos seus livros, como **Velhas Oiticicas, a Fazenda de Timbaúba** e grande parte de **O Aeroplano**.

Labim/UFRN

Mesmo no comando de vôo, Pery nunca se libertou do linguajar matuto usado na meninice entre rios e serras do seu amado sertão. E lá está grafado na **Epopéia nos Ares**. Ao manejar uma decolagem com um Catalina, depois de comandar a redução de potência na Baía da Guanabara, "afrouxando os nervos, os músculos retesados", sentiu que "o monstro de aço" era, em suas mãos, um "dócil animal bem adestrado". Arrancar um Catalina da água diz ele, era como "segurar um novilho pelos chifres". Para surpresa sua, junto às Pirâmides do Egito, numa estrada empoeirada, viu "um jegue" bebendo cerveja na boca da garrafa, virtude que os "jegues" do seu sertão jamais tiveram. Aqui em Goiânia, o máximo que já aconteceu foi o dono de um bar conseguir que um goiamum segurasse um copo com as patas, o que já é muito para um crustáceo decápode.

Pery Lamartine ficou perplexo ao ver o "jegue borracho" a caminho das pirâmides. Os burros de sela de Serra Negra estão isentos desse vício mesmo que o dono se embriague aos sábados. Heródoto nos lembra que os egípcios identificavam as 2 pirâmides construídas pelos irmãos Quéops e Quefrén com o pastos Filits e seu burro *Nicon*, uma repulsa à memória desses 2 faraós que escravizaram seu povo durante 106 anos.

E por falar nesses burros famosos, que enriqueceram as páginas da história universal com tanta inteligência, meu caro Dr. Diógenes, esse animalzinho que São Francisco chamou irmão (os que falam são remanescentes de Esopo), convém lembrar que os nossos primeiros bondes implantados pelo governador Alberto Maranhão eram puxados a burros. Os jumentos serviam de motor. O acelerador, um chicote de couro cru. Quem inaugurou a primeira partida foi exatamente o então deputado Juvenal Lamartine, avô de Pery, sentado ao lado do governador. Os curiosos corriam atrás do bonde, olhavam para o governador e gritavam: *viva o burro*!...Era o burro a vapor.

Já os gregos, imitadores dos egípcios em muitas bobagens como adoradores de animais e mitos absurdos, inventaram a adoração do asno no culto chamado *onolatria*, a adoração do burro. Acreditavam que no corpo do asno havia partes medicinais. Ignoro que esse diagnóstico fosse do agrado de Hipócrates. O que sei é que em Esopo a inteligência asnática ainda hoje serve de exemplo aos assessores de gabinetes. Há exemplos

Labim/UFRN
mais sublimes. Por exemplo, Pery Lamartine, ao contemplar as pirâmides do Egito, na memória dos dois jumentos famosos, o de Nicon e o *jegue borracho*, tudo que lhe restou na memória dos monumentos faraônicos tão elogiados pelos turistas e tão ignorados pela sua razão-de-ser, tudo que lhe restou de consolo foi a nostalgia do angustiado Augusto dos Anjos, em versos duros, quando decantou o céu do Egito, nesses termos:

Noite no Egito. O céu claro e profundo
Fulgura. A rua triste. A lua cheia
Está sinistra. E sobre a paz do mundo
A alma dos faraós anda e vagueia.

Vaga no espaço um silvo solitário
Troam Kinnors. Depois tudo é tranqüilo
Apenas como um velho estradivário
Soluço toda noite a água do Nilo.

Kinnor Solésia era a velha lira dos hebreus, agora afinada com o violão de Tonheca Dantas e o piano do nostálgico Oswaldo de Souza. Essas recordações harmonizadas fazem a festa na noite de hoje.

SEUS ESTUDOS

Pery Lamartine fez o curso primário em Serra Negra, terra de seu avô paterno. Serra Negra também oferece alguns fatos pitorescos. Por exemplo, conta Cascudo que lá Francisco Pereira teve a fama de solteirão octogenário. Em vez de se complicar com mulheres levianas preferia criar boi e matar onças, valorizando o chifre de criação, que na Bíblia é símbolo de força. A região também celebrizou-se com a história de uma escrava negra. Contou Juvenal Lamartine a Câmara Cascudo que essa preta velha era escrava de Manoel Pereira Monteiro e fora devorada por uma onça quando apanhava lenha na serra. Daí por diante, os habitantes passaram a chamar o lugar de **serra negra**. Essas onças estavam muito em voga na tradição do Seridó, entre Caicó, Serra Negra e Currais Novos. Pery Lamartine, no seu livro **O**

Labim/UFRN

Aeroplano, escreveu que a serra do Teixeira era palco de aventuras do afamado Cazuza Sátiro, grande caçador de onça. Em Caicó e Serra Negra, nos séculos passados, havia mais onça do que na África selvagem: a única diferença é que no **safari** não há vaqueiros. Essas onças entraram também na tradição dos cantadores de viola, tão ao gosto de Pery. Lá por 1930, apareceu um verso que contava as aventuras de um tal **Velho Chico Tingole**. Era um velho arruaceiro, acostumado a matar onças e metido a cangaceiro. Essa façanha se passava entre Caicó e Currais Novos. O verso girava sobre a lenda de uma cachorra mal-assombrada que tinha parte com o diabo. Eram Versos maliciosos e engenhosos que envolviam um corajoso caçador de onças. Aliás, em matéria de onça, meu caro Diógenes, nosso estado está muito bem servido. Aqui mesmo no Agreste já tivemos a *onça esfolada* em Nova Cruz, e a outra que deu o nome do município de Santo Antônio do Salto da Onça. Que queres mais!... Esqueçamos as onças. Voltemos a Pery.

É desse mundo de ricas tradições seridoenses que procede Hypérides Lamartine. De lá veio com os pais para o Agreste e do Agreste para Natal onde tomou um "Ita no porto", foi para o Rio e de la para Lavras, em Minas Gerais, onde se matriculou no **Instituto Gammom Lavras**. Por lá ficou 2 anos, de 1940 a 42. De volta a Natal, em 1945, concluiu os seus estudos no velho Atheneu, ano que também se brevetava no Aero Club. Sua paixão pela aviação, desde o primeiro solo, nunca sofreu limite de espaço. Ele conta toda essa pitoresca vivência e essa turbulenta experiência nos seus livros. Como piloto e instrutor de vôos, usa gibão de vaqueiro.

O PATRONO

Pery Lamartine senta-se na cadeira nº 33, cujo patrono é Tonheca Dantas e cujo primeiro ocupante foi Oswaldo de Souza. Tonheca era um sertanejo rude de Carnaúba dos Dantas. O avô de Pery, Juvenal Lamartine, ocupou a cadeira nº 12 cujo patrono é Amaro Cavalcanti. Todos os filhos do mesmo Sertão. Pery lhes segue as pegadas. Tonheca, homem de poucos estudos, criou-se ouvindo música e a música era a sua paixão, um dom natural

Labim/UFRN
pelo inatismo de Platão em defesa da metempsicose. Dentro dessa doutrina talvez seja a reencarnação de um de seus ancestrais que imitando os sacerdotes de Cibele, tocava **crótalos, cítaras e cítolas** em Alexandria, a de lá ou a de cá, no rítmo de **Uma Noite no Cairo** descrita no soneto de Augusto dos anjos.

Mas isso é tão difícil de provar como a certeza do fim do mundo. Paradoxalmente, a única certeza que nos resta certamente é a do voto secreto porque todos dizem publicamente em quem vão votar; e se alguém muda de intenção na boca de urna, 24 horas depois revela a decisão sem que ninguém lhe pergunte. Entre as muitas composições de Tonheca Dantas, a única que se popularizou foi a valsa Royal-Cinema que Pery Lamartine terá que decorá-la de hoje em diante para conforto de sua imortalidade.

O primeiro ocupante da cadeira nº 33 foi Oswaldo de Souza, um músico seco e frio, engastado em clave de si mesmo. Homem de pouco ou nenhum amigo, viveu enclausurado, rígido, intransponível e impermeável à admiração dos poucos que visitavam. O único elogio que dispensou ao seu patrono, no discurso de posse, foi dizer que as composições de Tonheca eram razoáveis em modestas possibilidades, "verdadeiros pileques de arpejos entremeados de trinados, autênticas pirotécnica de musicilidade mirim". Eis aí uma sonata à bebedeira de Tonheca. Faltou a Oswaldo de Souza aqueles **sonolentos sons suaves, em lentos lamentos de acentos graves cornamusas e crótalos** daquele belo *Sonho* de Eugênio de Castro. O melhor elogio a Oswaldo de Souza foi feito pelo nosso acadêmico Olavo de Medeiros Filho, no necrológico publicado na revista da Academia, o que não deixa de ser fúnebre. Do patrono e do sucessor, Pery Lamartine acaba de fazer os elogios indispensáveis na escala de si, sem dó. Tonheca tirava solo no clarinete; Pery aprendeu o solo no avião e agora obriga-se a solar *Royal-Cinema* para harmonizar sua imortalidade; e por aqui **me retiro em ré menor**.

O ESCRITOR

Além da paixão pela aviação, Pery Lamartine desenvolveu uma atividade intelectual de grande sensibilidade literária e de grande afinidade com a literatura de cordel, sob o pseudônimo de Vicente

Labim/UFRN
do Riachão. Nesse estilo, discorreu em sextilhas sobre **Fabião das Queimadas – o poeta dos vaqueiros. O Sertão de Antigamente, Xô Xô Araruna, Zé Gorgonho, o Andarilho do Seridó, Grandes Vaqueiros de Antigamente** e outras coisas mais. São temas palpitantes ao gosto da poesia nordestina, tipicamente sertaneja, no estilo audacioso, em estapafúrdios desafios, como na improvisação que se segue de um audacioso cantador.

Um sujeito já fez besteira
Dizendo ter partido o coração
Numa tarde chuvosa de verão
Quando era empregado de parteira
Comprou uns óculos escuros numa feira
Numa velha caduca fez aborto
Olhou para o mar e ficou torto
Pediu ao compadre um alicate
Engoliu um caroço de abacate
E depois descobriu que estava morto

É esse o encanto do improviso; é esse o encanto da poesia esposada por Pery. Mudando de estilo, Pery, em 1982, publicou, pela **Clima, Assentos da Família Lamartine**, valioso livro de genealogia, começando com Juvenal Lamartine seu avô, nascido em Serra Negra. O livro termina com um **Decálogo** que o mesmo Juvenal escreveu para a família e na qual traça os preceitos éticos a serem observados na conduta moral e no comportamento social dos seus descendentes. Em prosseguimento a esse trabalho, em 1984, trouxe a público **Timbaúba, uma Fazenda do Século XIX**, excelente livro sobre a vida rústica e os costumes típicos do sertanejo seridoense daquela época. Lá estava a Casa Grande, sem senzalas, virada para o nascente, com portas enormes fechadas com chave de um palmo de comprimento. Com a cutilada de uma dessas chaves matava-se um ladrão a cacetadas. As roupas eram guardadas dentro de um baú de couro cru. O baú no sertão, tornou-se famoso por muitos aspectos. Por exemplo, quando o fazendeiro guardava as moedas de ouro dentro dele, às vezes aparecia um pretendente com olhos de imã, apaixonava-se e se casava com a filha do homem e levava o baú como dote. Se a sorte enriquecia o felizardo, dizia-se **deu o golpe do baú**.

Labim/UFRN

Aliás, entre o baú e o golpe, o Brasil é muito conhecido por esse gênero de dois: o golpe militar, que é explosivo, violento e politicamente arbitrário; e o golpe do baú, que é pacífico, cobiçado e comandatário. O noivo, depois de casado, encarregava-se de levar o verdadeiro baú da felicidade: um golpe de mestre, muito ao gosto de Sílvio Santos. Na fazenda Timbaúba descrita por Pery, os costumes revestiam-se de um romantismo brejeiro. Tudo girava em torno da criação de gado vindo do Piauí. Havia o plantio de algodão "inteiro" ou "rim de boi". Chamava-se assim, explica Pery, literalmente, porque as sementes agrupadas assemelhavam-se aos testículos e ao rim de boi. As mulheres adoravam fiar e desfiar este algodão. Na chuva se plantava "para comer verde". A casa de farinha ficava em festa durante a moenda da mandioca "manipeba". Enfim, uma série de hábitos domésticos próprios daquele tempo e daquela gente.

Entre os hábitos, as mulheres se banhavam com as cuias de cabaço. Esse asseio corporal era feito nas dependências da latrina. Os homens, por sua vez, banhavam-se à distância, no açude ou nas cacimbas, e enchiam o cabaço com à água do rio. O cabaço era privativo dos homens. Carregavam-no às costas. Dir-se-ia uma colônia de nudismo familiar, a mesma implantada no paraíso para conforto de Adão e Eva. A única diferença é que Gênesis não anuncia a forma de banho nem o tipo de cuias usadas pelos nossos primeiros pais. Mas, se lá existia a cabaceira cucurbinácea, está explicado o uso das duas bandinhas.

O livro é prefaciado por Arnaldo de Azevedo sertanejo de Parelhas, que usou de um "imperativo sentimental por ter nascido na gleba do Seridó" e que ficou em dúvida se o livro de Pery "trata-se de um romance de costumes ou de um canto de saudade". Classificou Pery como um escritor lírico "por perseguir mocó nas quebradas da imaginação com a chuva dos baixios". Ora, se há lirismo na caçada de um mocó, deve haver romantismo em apanhar preá em mondé ou rolinhas em arapuca. A Timbaúba vivida por Pery Lamartine foi o melhor livro que já li sobre o Seridó antigo seus "queijos engomados" a ferro a carvão.

Outra característica do Sertão daquele tempo era o bom senso de humor do sertanejo. Juvenal Lamartine, avô de Pery, num artigo publicado na Revista nº 3 desta Academia, referindo-se ao *Sertão do seu tempo*, escreve o que ele chama *agudeza*

Labim/UFRN
intelectual admirável. (*Tem algum médico aí no auditório...?*) – pois bem, conta Lamartine; um matuto conversando com um médico empregou a palavra *esporádico*. O matuto lhe respondeu simploriamente: Dr., definir eu não sei... mas posso lhe dar um exemplo. O Sr. é um médico, um doutor em medicina. Trata de 10 doentes... um escapa. Foi um caso esporádico... O médico que também tocava violão, desafinou em Tonheca Dantas.

Outro livro de igual teor e de semelhante sabor é o que trata das **Velhas Oiticicas**, sempre mal assombradas quando açoitadas à noite pela ventania, desprotegidas da deusa Ferónia. O romancista Eulício Farias de Lacerda diz, no prefácio, que Pery é um sertanejo de estirpe euclidiana, porque, acima de tudo, é "bom". Esse livro reveste-se de grande sensibilidade telúrica. Sentimental da primeira até a última página. Retrata a Serra Velha e a pitoresca Serra Negra dos anos 30 com a valentia de Clementino Monteiro de Faria que combateu bravamente o bando de Antônio Silvino. Nesse tempo "uma burra de sela" valia mais do que um automóvel. Eis aí um excelente livro de memórias envolvendo recordações de velhas figuras do seu tempo. Há passagens místicas e românticas, naquele bucolismo selvático e saudoso, no encanto do sentimentalismo nostálgico e na memória e na vivência do cenário descrito.

LIVROS SOBRE AVIAÇÃO

Deixando esse saudosismo romântico do céu e da terra do sertão, Pery Lamartine volta-se para o desafio dos céus de Santos Dumont, um céu que se azula além das nuvens e que muitos pensam que é perto. O Pe. Vieira desfez essa dúvida num sermão da Quaresma. Disse ele: *isso que vemos e dizemos que é céu, que é azul e que é perto, nem é céu, nem é azul nem é perto.* Pery é que pode nos dizer alguma coisa de sua cor e de sua dimensão, nesse céu com roncos de motores, rotação de hélice, queda de asa, manobra de vôos, cúmulos e nimbos. Turbulência e nervosismo.

Nessa rota, publicou em 1983, **O Aeroplano** e, recentemente, em 1992, **Epopéia nos Ares**. A primeira metade de **O Aeroplano** trata de suas memórias na fazenda Cacimba. A outra

Labim/UFRN

metade versa sobre aviação e sua experiência como piloto em Natal, Recife e Joinville. Aí é preciso nervo para suportar os impactos de decolagem e pousos forçados, mal tempo, parafuso, turbulência e falta de visibilidade. Ao começar a leitura temos que nos pegar com os santos protetores dos aviadores. São tantos os perigos que um santo só não basta.

Convém lembrar que muito antes de o papa João Paulo II ter trocado a barca de Pedro pelo boeing do Vaticano e ter subido aos céus para descer à terra e beijar o chão do aeroporto, já muito antes mesmo, a nossa Santa Igreja havia escolhido 3 santos como protetores dos pilotos: a italiana N. S. de Loreto, francesa Santa Tereza de Liziex e São José Copertino, também italiano. Olha Pery, Santa Tereza de Lisieux é a mesma Santa Terezinha de Jesus. Foi canonizada em 1925, um ano antes de você ter nascido, o que significa que você já nasceu protegido pelas alturas.

Ainda bem que essa proteção dos santos aos aviadores é internacional.

Foram estes santos que livraram Pery Lamartine de alguns fatais acidentes desde a troca de navio, no Rio de Janeiro, do Baependi para um Ita. Protegeram-no no primeiro solo, estiveram presentes àquela decolagem com o Catalina, na baía de Guanabara. Certamente o acompanharam naquele sonho fatídico quando, na manhã seguinte, se obrigou a voar com Jacques Saraiva num HL - I e fazer vôos razantes sobre as matas de Lajes. Isso sem falar no parafuso feito na Ilha do encanto em Recife, aliás uma aventura de pouco ou nenhum encanto. Escapou, por milagre, de um vôo noturno, no Aero Club de Joinville, em 1947. Na aterrissagem dramática, o avião chocou-se com um furgão de faróis acesos que servia de sinalização na noite escura. No impacto, Pery saiu ferido, mas os santos o protegeram com segurança sem precisar internar-se no hospital, onde eles esquecem os médicos e só lembram das almas, levando-as para o céu a fim de evitar infecção hospitalar. Por fim, aquela rota perigosa de ilhéus a Salvador, em 1948, num PT-19 voado dentro de um mau tempo insuportável. E por último aquele pouso forçado feito num açude seco em Baixa Verde para salvar o Deputado Olavo Montenegro.

Labim/UFRN

Talvez esse momento, em Baixa Verde, tenha sido para Pery Lamartine, a pior coisa do mundo. Mas não, foi Diógenes. A pior coisa do mundo quem definiu muito bem foi rústico cantador de viola, na simplicidade da poesia nordestina. Disse ele:

A pior coisa do mundo
É um carro correr na pista,
Sem freio, em noite de chuva
O chofé curto da vista
E um bebo gritando atrás:
Atola o pé motorista.

Nesses momentos difíceis, teremos que recorrer à fé e ao anjo da guarda, únicos protetores de nossa salvação. Como os passageiros de vôos não dispõem de santos padroeiros a bordo da aeronave, por medida de segurança, o jeito é recorrer-se aos santos protetores dos pedestres. Essa proteção indireta nos encoraja, no desembarque, a tomar um táxi no aeroporto com o auxílio de São Cristóvão. De qualquer modo é um prova de fé. E foi com essa indispensável fé que me animei a ler **O Aeroporto** de Pery e tranqüilamente cheguei ao fim sem preocupação de acidente.

O último livro de Pery intitula-se **Epopéia dos Ares**. Lendo-o ampliei os meus espaços além das nuvens. Já li muitos relatos sobre aviação e todos me causaram náuseas. Essa **Epopéia nos Ares** não me fez enjoar e até me ofereceu controle e conforto de vôo. Nele não há muita turbulência. Chega-se a uma aterrissagem suave e tranqüila. Pery inclui, no livro, uma décima do cego Aderaldo, na qual aquele cantador de rabeca nascido no Crato verseja dizendo que a coisa melhor do mundo é viajar de avião. Ei-la:

Um quê que o avião tem
Quando se vai viajando
A gente fica pensando
Que já é rico também
Mesmo sem ter um vintém
Pensa que tem um milhão
Voando pela amplidão

Labim/UFRN

Só quer ser um deus segundo
A melhor coisa do mundo
É viajar de avião.

Ora, Aderaldo cegou aos 18 anos. Sentia-se isolado do mundo. Era paupérrimo. Nunca viajara de avião. Tornou-se importante para avaliar a amplidão das alturas e dos espaços sobre nuvens, não tinha a mínima noção de vôo. Quando, já bem maduro, viajou para o sul do país, durante o vôo só podia sentir sensação do desconforto pelo balanço da aeronave, o que nem sempre é muito agradável.

De modo que essa sua avaliação não passa de um *repente*, muito ao gosto dos improvisadores do gênero. Isso me faz lembrar um amigo meu que cegou aos 50 anos, a mulher acertou na loteria e ele resolveu ver a Europa. Não é um maravilha de sorte!

E por falar em cego, meu caro Pery, entre os senadores do tempo de Domiciano, um era cego. Os romanos apreciavam o sabor do peixe rodovalha. Em latim, chamava-se **rhombus**. Um dia o imperador recebeu de presente um enorme rodovalho vindo Adriático. Convocou o Senado para saber como deveria prepará-lo. Os senadores, muito honrados com a nobre e grave incumbência, propuseram que se lhe partisse em postas. Domiciano detestava senadores e declarava que não se sentiria seguro enquanto existisse o senado. Não sancionou a grave decisão da cúria senatorial. Então, resolveu-se mandar fazer uma enorme panela que pudesse receber o peixe inteirinho. E ninguém se mostrava mais entusiasmado com o tamanho do pescado do que o senador cego que se mostrava mais entusiasmado com o tamanho do pescado do que o senador que mostrava o monstro e apontava para um lugar onde ele não estava. Domiciano se divertia e o jantar virou comédia, no que houve de mais ridículo. E ainda se dizia que os senadores eram os **pais da pátria**.

Ora, em Setúbal, lá em Portugal, rodovalho chama-se **clérigo**. É pena que não apareça, lá em Brasília, um desses clérigos exigindo do Presidente uma M. P. obrigando os nossos senadores comê-lo cru, bem ao gosto de Fernando Henrique, o Domiciano tocando rabeca e o outro que resolveu ver a torre Eifel.

Labim/UFRN

Prefiro o cego Aderaldo cantando com a mulata Felícia Cobra, uma feiticeira alagoana que, na cantoria usava "força de urucubaca", um colar de ouro com o retrato de São Brás e amedrontava com seus atrevidos desafios. Nessa peleja, lá para as tantas, Felícia Cobra ameaça o cego com esse repente:

Cego, agora me responde
Com o saber tão profundo
Responde, rapidamente
Em menos de um segundo
Me diga qual é o saco
Que três bocas no fundo.

O cego cearense não se fez de rogado e atacou envergando o arco nas cordas da rabeca:

Senhora dona Felícia
Sua palavra realça
A pergunta da senhora
Não sendo uma coisa falsa
Quem tem três bocas no fundo
Só pode ser uma calça.

Eis um repente genial, na tranqüilidade de terra firme, sem as falsas imaginações das alturas. Meus caros confrades, os livros de Hypérides Lamartine estão cheios de outros encantos. Revelam um escritor sereno, seguro, estilo simples e convincente, que o fazem merecedor de entrar nesse cenáculo de letras. Eu, que não conheci bem esse seu lado literário, fiquei encantado com os seus livros e muito engrandecido em tê-lo saudado, nessa noite. É esse o Pery Lamartine que recebe merecidamente o reconhecimento de todos nós. Estamos todos de parabéns. Vamos taxiar para o coquetel.

Muito Obrigado
Em 27/abril/2000

Labim/UFRN

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO VALÉRIO MESQUITA

Minhas senhoras
Meus senhores

Existe para todos os homens um destino. Não fugimos a isto. Sou eu e a minha circunstância "orteguiana". Estou identificado com minha terra, minhas origens; delas não esqueço; nelas quero viver plenamente todos os meus dias, "alegrar meu canto e apagar meu pranto", conhecendo propósitos e sonhos. Sou como aquelas velhas árvores do sertão: a seiva é forte, a copa abriga certamente os pássaros migradores. Para isso, fomos feitos "para amar e ser amados", no dizer de Vinícius de Morais.

Para servir e ser testemunho de nosso tempo. A láurea que hoje recebo é de estar nesta casa, nesta Academia, à qual cheguei sem alarde, embora sentindo a mesma emoção de quem entra pela vez primeira em uma grande catedral, mas com a plena convicção de que farei o que for possível por ela e por merecê-la. Uma geração não é só a soma de valores individuais reconhecidos e festejados. Acredito seja muito mais a expressão de valores voltados para uma mesma direção; ou, pelo menos, com objetivos que visem à totalidade de um ideal. Para isso, existem as academias; as entidades consecutivas e eletivas, para difundir, realizar e manter vivo o ideal da beleza, do saber e da convivência afetiva do homem. Por saber que "nenhum homem é uma ilha", no dizer do poeta John Donne, é que estou aqui. Sou um dos vossos; com muita honra e jubiloso de o ter conseguido. Creiam-me, senhores acadêmicos, muito me alegra e eleva ter chegado a esta casa da imortalidade acadêmica.

Em 1954, vim estudar em Natal, no Colégio Marista. Guardo lembranças fortes da minha avó por parte materna, Sofia Curcio de Andrade, casada com Dário Jordão de Andrade. No estabelecimento comercial (mercearia) com meu tio Floriano, filho de Sofia, conheci o poeta Luiz de Carvalho Rabelo, en passant, pois tinha apenas 11 anos; mas, já com suficiente percepção de que estava

Labim/UFRN

diante de um poeta. Luiz Rabelo recitava poemas, sonetos, trovas, acrósticos, glosas suas e de outros poetas, sem esquecer uma linha nem tropeçar na rima ou na métrica; muitas vezes vi e ouvi Rabelo e Floriano em acaloradas conversas literárias, entre um gole e outro do néctar dos deuses. Já me despertava a curiosidade literária pela biblioteca do primo Ivan Maciel, sempre recolhido ao estudo. E as belas crônicas de Sanderson Negreiros; notícias de Newton Navarro; poesias de Zila Mamede; corria os anos da juventude entre leituras e o estudo ginasiano. Luís da Câmara Cascudo era a referência maior: o ícone, o orgulho de todos nós, reserva à consulta, quando necessária, e a possibilidade de um dia estarmos diante dele. A casa do mestre, seus livros, sua biblioteca, seu acervo já pertenciam à minha relação mítica, ao meu tempo interior. Lamento não ter tido a satisfação de maior convívio com o mestre quando Presidente da Fundação José Augusto: Luís da Câmara Cascudo já começava, àquela época, a ter problemas de saúde, agravados com a perda da audição. Reeditei alguns livros seus: História do Rio Grande do Norte, Folclore do Brasil, História da Alimentação do Brasil, História da Cidade do Natal, Anúbis e alguns mais, na prioridade que dei à editoração e à restauração dos monumentos históricos e bens culturais dentro das propostas de trabalho que mantive à frente daquela instituição. Nesta oportunidade, publiquei, também, a Antologia Poética de Luiz Rabelo. Antes, porém, de tentar trazer, em minhas palavras, a presença de Luiz Rabelo, através das notícias de seu viver, de seu fazer poético e intelectual, devo lembrar a notável figura do Fundador da Cadeira que, com grande honra, passarei a ocupar nesta Academia que tantos nomes inesquecíveis hospeda e lhes confere a imortalidade da memória devida às obras e aos pensamentos de que foram autores; refiro-me ao Desembargador Floriano Cavalcanti de Albuquerque, jurista dos mais insignes, não só pelo profundo e exemplar conhecimento do Direito, na sua práxis e em seus meandros, da Filosofia, na labiríntica linguagem dos silogismos e na sublime identificação da problemática existencial, mas, acima de tudo, historiador; observador atento do passado, de fatos e pessoas que se tornam a estrutura da construção do edifício da aventura humana em sua medida temporal e espiritual.

Labim/UFRN

Veja-se, apenas, como fácil citação exemplar, o discurso por ele proferido, verdadeiro ensaio estilístico de pensamento crítico-filosófico-literário, quando da sua posse nesta Academia, em 23 de março de 1950, intitulado "Antônio Marinho e seu Tempo – Esboço Biográfico e Crítico", discurso, este, em que as reflexões, fruto de exaustivas leituras, expostas com linguagem de rara elegância, revela o cunho kantiano que fundamenta um profundo e límpido espírito de religiosidade nascido, no dizer do próprio autor, do amor ao Kant da "Crítica da Razão Prática", mas de que da admiração do Kant da "Crítica da Razão Pura".

Ao mesmo tempo em que Floriano Cavalcanti foi extraordinário pensador, modelar jurista e escritor de estilo refinadíssimo – autor de obras como "O Pessimismo sob o Conceito Universal", "A Concepção Filosófica da História", "Sílvio Romero, o Crítico, o Sociólogo e o Jurista", entre tantos títulos sobre Direito, História e Filosofia – foi, também, grande educador mestre incomparável, Professor Emérito da UFRN, Professor de Filosofia, Psicologia e Lógica do Ateneu Norte-Rio-Grandense, do qual, mais tarde, foi, também, Professor de História Universal. De seu saber, excepcional e generoso, beneficiaram-se gerações de potiguares.

Deve-se ressaltar que Floriano Cavalcanti, nascido em Belém do Pará, em 10 de dezembro de 1895, dedicou toda sua vida ao Rio Grande do Norte, onde estudou, desde a infância, e para onde voltou, depois de colar grau na Faculdade de Direito de Recife, em 1910, – Faculdade que, diga-se de passagem, deu figuras entre as mais notáveis do Brasil – e, em relação ao nosso Estado, entre outros, nomes como o do Mestre Américo de Oliveira Costa, o Acadêmico daqui e de Pernambuco Nilo Pereira e Veríssimo de Melo a quem devemos valiosos estudos sobre nossos hábitos e costumes.

Aqui dedicou seu tempo à leitura dos clássicos, dos grandes filósofos alemães, Kant, Hegel, Marx, Fichte, Liebnitz e aqui desenvolveu a atividade jurídica com destaque ainda lembrado. Foi Deputado, pelo Partido Federal Republicano, à Constituição de 1926, Deputado Estadual de 1923 a 1925 e, em 1946, fez memorável campanha como candidato a Governador.

Exerceu, enfim, as atividades de crítica e de literatura, de pesquisador e estilista, de escritor e conferencista.

Labim/UFRN

Deve-se ressaltar, finalmente, que em seu irretocável discurso de posse, nesta Casa de Luís da Câmara Cascudo, Floriano Cavalcanti, situa Antônio Marinho, Patrono da Cadeira, na exata perspectiva histórico-literária e instala sua figura, definitivamente, nas letras deste Estado, atribuindo-lhe as grandes qualidades de crítico literário e de jornalista que, com coragem e lucidez, demonstrou em seus escritos, restaurando-lhe a memória de perspicaz analista de textos e articulista atento à renovação e ao espírito das tendências da literatura da sua época.

Poeta, contista, trovador e principalmente sensibilidade a serviço da poesia e da cultura em nosso Estado, Luiz Rabelo praticou este exercício do saber durante toda a sua vida e a "Antologia Poética", publicada em 1982, reunia os seus principais livros que, até então, não tinham recebido, em letra de forma, o devido cuidado e apresentação à altura do seu talento; no prefácio assim me expressei:

"A poesia é essencial, como instrumento (mágico) de comunicação e como prospecção (intuitiva) da realidade.

Por isso mesmo, a Fundação José Augusto sente que realiza seus objetivos ao editar a "Antologia Poética" de Luiz Rabelo."

Trata-se de um poeta com extraordinário domínio formal e com uma dimensão lírico-filosófica que o faz criar versos como estes:

"E caiu um silêncio com um som longínquo
e se tornou sonho inesperado.
As crianças cantavam
Nos bosques de aloendros.
Cavalos irreais
galopavam por entre campinas de ouro.
Um anjo espanejava suas asas de cristal.
Todavia a Terra, indiferente ao sonho,
reclamava seus mortos".

É indiscutível a importância da contribuição poética de Luiz Rabelo para a nossa história literária. Este fato revela-se, intensa e sugestivamente, através de sua Antologia. É a síntese de uma longa e fecunda atividade intelectual, sempre voltada para a criação poética com o entusiasmo e a confiança dos que se percebem vocacionados "rilkeanamente" às aventuras espirituais.

Labim/UFRN

Esta Fundação tem-se empenhado em oferecer estímulo e divulgação à inteligência e à sensibilidade de nosso Estado. Nada mais compensador. Não se perca de vista a importância que têm os fatores culturais para o próprio desenvolvimento estadual. Sem dúvida, nada tem de coincidência o fato de que as nações mais desenvolvidas economicamente também o são no plano cultural. A verdade é que o desenvolvimento é um só e não pode um país crescer economicamente, com sacrifício de sua dimensão cultural, sem que daí advenham graves distorções e desequilíbrios estruturais.

O plano editorial da Fundação privilegia o autor norte-rio-grandense e estabelece prioridade para novas obras. Com isto, asseguramos a vitalidade da indústria editorial da província, embora com sacrifícios e dificuldades que são brilhantemente vencidos, com grande rendimento para a cultura do Rio Grande do Norte, como é o caso desta "Antologia Poética" de Luiz Rabelo.

Hoje, estaremos entregando, logo mais, a Antologia de seus poemas póstumos; que se constitui, basicamente, dos livros "Poemas da Solidão", "Poemas d'A República" e "Poemas em Louvor a Deus", livros, estes, os mais representativos do poeta e que, de certa maneira, já estavam escolhidos pelo autor.

Luiz Rabelo nasceu a 4 de março de 1921. Faleceu a 29 de novembro de 1996. Poeta, trovador, contista. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras cadeira n.º 21 (Patrono Antônio Marinho, 1º ocupante Floriano Cavalcanti, sucessor Luiz Rabelo) e da Academia de Trovas, do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte e de inúmeras instituições culturais do país. É autor dos seguintes livros: Meditações. Poesia, 1944. Tip. Medeiros. Último Canto, 1950. Poesia. Rumos, 1953. Poesia. Os símbolos inúteis, 1970. Poesia (Prêmio Luís da Câmara Cascudo, 1969). Caminho dos Mortos, 1961. Poesia. Antologia Poética, Poesia. Edi. Fundação José Augusto, 1982. O Espaço Concretista, 1995. Poesia. Gráfica Manimbu. Trovas que a vida me deu - volumes 1,2,3,4,5. O Vigário do Conto, contos. Clima Editora, 1985. Troval Potiguar - Coletânea. D. E. I, 1970. Fragmentos para um Poema Desconexo (poesia), inserido em O Traço, A Cor e o Mito – "ensaios", Dorian Gray Caldas, 1993. SESC/UFRN/FUNPEC. Editora Universitária.

Labim/UFRN

Deixou inédito os seguintes livros: Poemas d'A República, Poesia, 1984. Trovadores do Rio Grande do Norte (Seleção) 1982. Poesia.

"A História de Suzy num quase cordel e outras histórias", contos/poesia, 1991.

Glosas, s/d, Carta Aberta ao Poeta Português Francisco de Souza Neves, 1974. Mimeografado. 100 Trovas sobre a criança. Seleção. Homenagem ao Ano Internacional da Criança, 1979. Rio Interior, Poesia, 1988.

Trovas que a Vida me Deu, inédito, 6º v. Cronologia do Rio Grande do Norte (Gente, Lugares, Eventos), inédito, s/d. o Livro de Dorinha (pensamentos). Poemas de Solidão, Poesia, s/d. Poemas em Louvor a Deus (Traduções) 1966, Poemas Diretos, Poesia 1982. Os poemas de Luiz Rabelo foram traduzidos para o inglês, o francês e o italiano. Detentor de algumas centenas de prêmios (352 diplomas, 42 medalhas e 42 troféus) em todo território nacional e alguns em Portugal.

A geração do poeta Luiz Rabelo particulariza-se pela retomada da linguagem poética da geração 45. De um lado os valores já consagrados, advindos, principalmente, dos pós-parnasianos e dos simbolistas que influenciaram fortemente as tendências mais expressivas da poesia modernista brasileira, nas décadas de 30 e 40. O nosso Estado não fugiu à regra. Advindos do parnasianismo potiguar, Ferreira Itajubá, Gotardo Neto, Auta de Souza, Palmira Wanderley, Henrique Castriciano, Othoniel Menezes e muitos outros pontificavam nas letras potiguares, faziam o deleite das rodas boêmias da cidade e consolidavam um segmento e uma verdade da nossa vocação para a poesia conhecida e reconhecida em nosso meio e com acolhida discreta, mas sabida, de aceitação nacional, principalmente com os irmãos Henrique Castriciano e Auta de Souza. Época de esplendor e de exaltadas tertúlias, ao som do violão de Eduardo Medeiros, das modinhas e dos pastoris, nas quadras dos janeiros e dezembros. Dizia Othoniel Menezes: "minha mãe tocava violão e era bonita". Era assim (no seu único livro modernista) "um lírio que andasse". Noites de luar sobre as dunas alvíssimas da praia, na expressão de Ferreira Itajubá: ou dos janeiros onde a Pitangueira aflora no lirismo de Palmira Wanderley. Dos jangadeiros morenos que vão fora em frágeis jangadas e dos poemas do poeta Itajubá à sua

Labim/UFRN

musa, Branca. Tempo de grandes poetas, escritores, juristas, oradores, romancistas. Luiz Rabelo, muito jovem, teve o privilégio de conhecer muitos desses poetas, vivenciando-os e admirando-os. Sentia-se, aos 17 anos, época em que escreveu "Meditações", com poemas rimados e metrificados, já inspirado ao sopro da modernidade. Na página de abertura, A Frederico Schimidt, à guisa de prefácio, lê-se o poema "Sou uma voz da América". Neste livro do poeta Luiz Rabelo já despontavam as vertentes que seriam constantes na sua poesia, o lírico, o participativo, o filosófico e o satírico. Deste amálgama de valores, Luiz Rabelo surge e impõe-se por suas virtudes e pela sua receptiva capacidade de sentir o poeta que sempre o acompanhou. Esmeraldo Siqueira o admirava. Othoniel era seu amigo. Jaime Wanderley escrevia sobre Rabelo com entusiasmo: "Luiz Rabelo sabe do seu talento, dos seus conseguimentos na arte (da poesia), onde ele procura sua consagração." Há hoje uma unanimidade em torno do poeta Luiz Rabelo, do seu valor. Se antes Luís da Câmara Cascudo teria dito que Luiz Rabelo "tem os valores da inteligência pura, transmitidos em linguagem precisa e clara de força emocional", os mais novos não lhe pouparam também elogios. Diz Sanderson Negreiros "Sua Antologia Poética é revelação de sua fidelidade à única aspiração que ele teve e soube conservar a vida toda: ser poeta." Ser poeta, esta coisa apaixonante, no dizer de Paulo Hecker Filho: a única capaz de nos salvar. Assim também sentiu o poeta, o intelectual, crítico e animador cultural Nelson Patriota: "A poética norte-rio-grandense sai engrandecida com a publicação da Antologia de Luiz Rabelo."

Nei Leandro, que acompanhou a poesia de Luiz Rabelo e tem pelo poeta grande estima, dizia em crônica na Tribuna do Norte, 25/04/1982: "A obra poética de Luiz Rabelo, intimista, lírica, filosófica, está a merecer um estudo à altura." Que este alerta do poeta Nei Leandro de Castro, nos idos dos anos 80, sirva de tomada de consciência, de motivação para que se criem concursos sobre o poeta ou láureas para o seu nome. Esta geração, tão excelentemente representada pelos valores sempre renovados da nossa poesia, deve redescobrir o poeta Luiz Rabelo. Ele soube com maestria cultivar a sua vocação poética aliada a um senso de justiça e prática de um exercício de amizade para com os mais novos, dando-lhes, sempre, grande afeição e especial aten-

Labim/UFRN
ção; nunca se negando a passar para os mais jovens a experiência que ele tinha do fazer poético, fruto de suas leituras e, principalmente, de sua capacidade natural de vivenciar e sentir a poesia. Luiz Rabelo teve o privilégio de viver entre duas gerações de poesia nitidamente diferenciadas: a que vinha do parnasianismo, tão bem representada pelos poetas acima citados, e a dos novos poetas, que à semelhança da semana de 22, em São Paulo, e com algum atraso, é verdade, davam os primeiros passos em direção à estrela da manhã da poesia brasileira. Diz Rabelo "Subi um dia a colina para ver a estrela." A estrela era seu ideário poético. Ideário também de Jorge Fernandes e, por que não dizer: também de Jaime Wanderley, Cosme Lemos, entre os primeiros, Antônio Pinto de Medeiros que de à toa não tinha absolutamente nada. Poetas à semelhança de Vinícius de Morais ou do próprio Murilo Mendes; poetas introspectivos, preocupados com a salvação da alma nos vetustos roxos das quaresmas; Antônio Pinto questionava: o Deus de Claudel ou a razão de Sartre? A fragilidade dos homens ou a pureza dos anjos de Rilke? Abriram-se as portas de "A República" para os iniciados; Antônio Pinto incentivava as vocações mais legítimas. Formavam-se grupos, promoviam-se debates; salões de pintura e poesia. Vivia-se uma euforia convidativa, comovedora e renovadora. Já, nos anos 60, pontificavam novos que se tornariam relevantes para as nossas letras. Amparados nos brilhantes ensaios de Américo de Oliveira Costa; Edgard Barbosa, com seus editoriais e as suas crônicas literárias; Zila, com a sua poesia inspirada; Veríssimo de Melo no jornalismo e na pesquisa: as consultas a Luís da Câmara Cascudo e os movimentos da cultura popular nos festejos nas praças; Mestre Caldas comandava os pastoris e os fandangos; rebrilhar dos adornos de papel prata no peito dos galantes. Djalma Maranhão criava "de pé no chão também se aprende a ler." Os poetas festejavam as manifestações líricas do povo. Navarro escrevia de como se perdeu o "Gajeiro Curió", autos da cidade. Dorian Gray Caldas, através da imprensa oficial, editava seu primeiro álbum sobre o Bumba-meu-boi; Luís Carlos Guimarães escrevia seu livro "O Aprendiz e a Canção"; Nei Leandro de Castro cantava Natal no seu belo livro sobre a cidade, todos da geração, a seu modo, cantavam a sua cidade que o mestre Luís da Câmara Cascudo chamava de Noiva do Sol; Alvamar Furtado

Labim/UFRN
de Mendonça escrevia sobre cinema e jazz; Deífilo Gurgel falava do cais Tavares de Lira; Sanderson Negreiros, contemplava as Rocas e as Quintas que amanheciam puros como de surpresa; Gilberto Avelino refugiava-se em Macau, na linha do mar entre cataventos e velas nos amanheceres. Mas, não é só o canto da cidade que inspira os poetas; Zila Mamede navegava navegos na rua Trairi, onde apontava a pedra e sonhava o mar e a liberdade. Mas a tácita aceitação do elegíaco da emoção de falar à hora e a vez da poesia que vinha de longe de Rimbaud e de Verlaine, das "flores do mal" de Baudelaire e dos "narcisos cegos" de Geir Campos, das noturnidades de Rilke e das invenções de Orfeu de Jorge de Lima, iriam tomar e iluminar os corações dos poetas natalenses. Se em Luiz Rabelo a poesia tinha um compromisso com a herança formal (em alguns casos), com a métrica e a rima, nem por isso o verso branco e os sonetos, a exemplo dos sonetos ingleses, deixariam de ser inseridos no melhor espírito da modernidade. Com a experiência dos mestres, que a leitura dos clássicos lhe deu, sabia que o verso não está torto porque o ouvido o entortou. O verso de pé quebrado está assim porque o poeta não soube desentortá-lo. A exegese de fazê-los em rimas iteradas ou à maneira do soneto inglês ou com estrambote ou ainda cortesão, à maneira provençal, permitiam-lhes uma sonância lírica e eclética, rítmica e imorredoura, ímpar e valorizadora do seu ideário poético.

Na poesia de Luiz Rabelo existem três vertentes bem definidas: o lírico, o social e o filosófico. Ainda podemos apontar o satírico, o circunstancial e memorialista. Deste amálgama do ideário poético de Rabelo, vamos encontrar acrósticos, glosas, sonetilhos, sonetos, sextinas, decassílabos, interpretações e intertextos clássicos numa poesia polivalente, rica de conteúdo e sempre inspirada, seja dentro do contexto do cotidiano ou de inspiração da bela dona, divinação que, há séculos, tem sido festejada e encantatória aos poetas e aos deuses. Destinação histórica que no passado criou as Beatrizes e as Dulcinéias igualmente santas e sublimes. Este sentimento de louvação fez o mestre Rabelo escrever três mil pensamentos de versos de amor para Dorinha, sua esposa. Talvez a maior contribuição no gênero para uma única mulher.

Labim/UFRN

Em "Rumos", fez a tentativa de modelo para a geração 45, o poeta disseca o poema tirando-lhe todo o excedente lírico. O osso da poesia; o poema lâmina fica reduzido a uma lâmina de papel em branco. Nasceram daí seus poemas concretos, que, salvo engano, são precursores do movimento concretista em nosso Estado, tendo tido o beneplácito de Anchieta Fernandes, anotações de Moacir Cirne e o entusiasmo de Jarbas Martins, escritores e poetas que representam, em nosso Estado, as vertentes expressivas do movimento concretista. O livro de Rabelo "Espaço Concretista" só foi editado artesanalmente poucos meses antes da sua morte e contou com a contribuição do seu sobrinho Dorian Gray Caldas e com referências aos depoimentos de Jarbas Martins e Anchieta Fernandes.

Luiz de Carvalho Rabelo, filho de João Batista e Hercília de Carvalho Rabelo. Último filho homem de uma prole de 12. Sobreviveram 11, sendo 4 mulheres e 7 homens. Pela ordem: Clodoaldo, Clodomiro, Rivaldo, Antônio, Bento, Otávio, Luiz. Pela ordem: Laura, Ninfa, Rivanda, Norma. Todos com pendores artísticos. Do primeiro casamento de João Batista nasceram Rodolfo Rabelo e Moura Rabelo. O último pintor e poeta. Conseqüentemente, no Estado, com os seus dois quadros famosos "Padre João Maria a Caminho da Caridade" e "Padre João Maria entre os humildes". Escreveu o livro "Célia", versos parnasianos, a Machado de Assis, a quem admirava.

Clodoaldo era poeta e Bento Rabelo, poeta e também trovador; cantor evangélico. Tenor. Luiz Rabelo teve, na infância e na adolescência, estas matrizes inspiradoras dos irmãos mais velhos. Certamente o exercício da poesia elevou-o, deu-lhe novo rumo e o fê-lo reconhecido na corporação da Polícia Militar, tendo angariado a confiança e o respeito dos seus superiores hierarquicamente. Foi para a reserva como Tenente. Exerceu a radiotelegrafia, durante os anos que esteve à disposição no Palácio do Governo do Estado, nesta função. Casou-se aos 17 anos, com Maria das Dores Rangel, em Caicó, que ele considerava sua terra sertaneja. Uma de suas odes mais belas é para Caicó:

"Luzem pintados pelo sol
verdes mandacarus
de minha terra sertaneja"

mais adiante diz:

Labim/UFRN

"Amo as tuas jovens claras
e os teus anciãos mais profetas
que os bíblicos hirsutos "

Uma dessas jovens claras do Seridó seria sua esposa, que lhe deu dois filhos, Tereza Rabelo e Luiz Carlos Rabelo. Os filhos sobrevivem-lhe e são testemunho de sua grande afeição para com a sua amada Dorinha.

Mesmo morando em Natal, todos os anos o poeta ia à festa de Santana, para rever amigos, tomar umas cervejas, conversar com anciãos saídos talvez de alguma parábola do Velho Testamento. Diz o poeta na sua ode a Caicó:

"Nossa Senhora de Santana viva"
e continuava:
"Eu, sendo sombra, em ti, sou luz
e sendo mortal, sou em ti, eterno."

Bastaria esta ode de Rabelo para consagrá-lo como Poeta. Ela está na Antologia que agora vem a público, com os seus poemas póstumos. Confiram.

Luiz Rabelo foi um solidário e um solitário. Fez pela terra do Rio Grande do Norte o que até então ninguém tinha feito. Um espaço no jornal "A Ordem" semanal que, durante anos, promoveu a coluna troval potiguar, dirigida por ele, reuniu o melhor deste trabalho em livro, com uma pequena biografia dos poetas. Trabalho de anos. A poesia nele sempre esteve acima da média comum do fazer trovadoresco, sempre em comunhão com a poesia universal; ou a trabalhando nesta direção.

Jung achava que haveria "pouca esperança de que sejamos jamais capazes de alcançar, até mesmo numa consciência aproximada, o eu. Haverá sempre um volume indeterminado e indeterminável de material inconsciente que pertence à totalidade do eu." Quando Luiz Rabelo escreveu seus Fragmentos, disse que havia terminado sua missão como poeta. Mas, o indeterminável que existia nele o fez produzir mais de uma dezena de grandes poemas quando já pensava terem se esgotado todas as suas energias. É que justamente na totalidade indeterminável do poeta residia a sua poesia.

A liberdade da ação poética está sempre nas esferas mais altas da sensibilidade. Keats diz: "uma coisa bela é uma alegria para sempre." E a poesia é esta alegria para sempre da beleza

Labim/UFRN
recriada. Valéry via na poesia uma espécie de energia propiciatória do poeta que os gregos chamariam de práxis, um valor que não pode ser medido e que, certamente, está fora ou além das medidas programadas.

Quem conheceu Luiz Rabelo sabe de sua memória incomum. Recitava de cor longos poemas, como é o caso de "A Ceia dos Cardeais", de Júlio Dantas ou o poema "Fiel", de Guerra Junqueiro; os sonetos de Camões, Bilac, Raimundo Correia, Júlio Saluse e tantos outros mais. Improvisador, capaz de glosar com perfeição e fazer de improviso trovas pitorescas, mas o que nos chama a atenção é a sua poesia lírica, quando diz:

"És música sem palavras
verso
doçura
olhos saciados.
Num horizonte sem nome
deito-me a navegar
sobre teu corpo..."

Claridades! Sol dos teus cabelos de ouro. Doçura de tua boca "olhos saciados". O amor era uma chama de luz; uma colina aberta. A escalada. Alvas colinas nerudianas, a amada, o navego, o ritmo das ondas. A barca. Este sortilégio da loucura, esta fantasia disfarçada de vida.

Continua o poeta:

"Um rio interior me fala
de fogo nascente
de bosque alto
de portas acesas."

Este rio interior do poeta redescobrindo a fonte de novos horizontes.

Ouçamos ainda o poeta:

"A ternura líquida
messe
prece."
Do beijo; em águas desatadas."

De outras fontes memórias de ontem. Proustianamente lembrança de ontem no rio subterrâneo do poeta. E continua:

"um dia te encontrei e eras como a palmeira jovem
erguida numa praia."

Labim/UFRN

O poeta constrói uma imagem plástica aparentemente sem relação com o verismo, mas de uma subjetividade intertextualizada, precisa e bela, principalmente, "Palmeira jovem". A verdejante mocidade, agente transformador onde se oculta a beleza incomparável da revelação "e eras como a palmeira", etc. A palavra palmeira metalinguagem para a descoberta da amada.

"Tangível como um pássaro vul-
nerável."

A separação do início da palavra vulnerável parece-nos proposital. E segue o poeta:

... "ondeastes ao meu desejo como trigo maduro
para a ceifa."

"Ondear", como se fosse navegar: ritmo do corpo que navega. O poema termina com uma metáfora deliciosamente sutil, "tuas conchas abertas para o grito." Um dos mais belos poemas do livro.

Diz Harold Osborne, crítico e teórico de estética, que "todos concordam em que o gênio consiste, acima de tudo, em inventar, criar." Com este pensamento, o poeta está mais próximo da genialidade do que o artista de outras modalidades de criação. É que o poeta quase sempre escreve movido por uma compulsão interior, algo condenável por Platão, que admitia ter o poeta uma privação de sentido lógico. Estaria o poeta além "do olho" aristotélico denominado pelos gregos de phantasiaí, tão bem observado por Harold Osborne, na sua Teoria da Arte, e teria uma liberdade para criar ou ser a sua própria fantasia, sua própria imaginação. Voltamos a Rabelo:

"mesmo que explodam os diques
da noite
e se diluam
as luzes
as estrelas."

"o poeta continuará a esperar pela amada". Anotem a força poética deste "mesmo que explodam os diques
da noite."

E é mais forte sendo o amor do poeta, "o derradeiro tempo".

Labim/UFRN

Há o tempo e o tempo do poeta e este certamente não pode ser contido pela medida comum dos homens.

O poeta Luiz Rabelo fala também de solidão e a sua poesia conteudística desce às profundidades filosóficas e às perplexidades:

"nada circunstancial
deve caber num poema.
só o essencial
é o lema
.....
E ser tudo nada sendo
ou do bem ou de mal".

Que o poeta, à maneira de Fernando Pessoa é um fingidor, finge deveras a dor que sente, mas o essencial é acreditar que sente, no que no poema diz.

Se em muitos poemas o poeta percorre horizontes claros, linhas de arrecifes, e barcos ancorados no remanso das águas, em outros poemas a tempestade rasga o espaço. Ouça-mo-lo:

"trovões ensurdeciam as árvores atônitas
o vento tinha um uivo dilacerante
de animal ferido
e sobrepondo-se a tudo
os espíritos do mal pairavam sobre o caos"

Uma visão dantesca pacificada pela voz e o clarão do sorriso da amada. São os poemas negros do poeta, suas litanias:

"Chora, um martírio lento,
em longínquas cavernas,
a manhã."

As manhãs de dezembros e janeiros "a música dos mastros", a doçura de todos os verões! Na mais funda tristeza, todavia, o poeta ainda canta e anuncia um novo dia, uma esperança nova.

Diz Georg Trakl, o poeta austríaco de "Sebastião no sonho", "raivosa a cólera de Deus chicoteia a fronte do possesso." Esta cólera que às vezes está presente na natureza e no homem: capaz de desgastá-lo, de triturar seus ossos como no salmo fez a Jó; mas a alma desperta para uma outra eternidade. Diz o poeta Manuel Bandeira:

"fecha o meu livro
se por agora

Labim/UFRN
não tens motivo
nenhum de pranto."

Da poesia participativa: com duas linhas apenas o poeta Rabelo escreveu o belo poema para Martin Luther King: "não o chamo Martin.

Chamo-o Mártir Luther King."

Poder de síntese e densidades abissais. Participativo e comovente também é o poema "O terremoto do México".

"que mão misteriosa de um deus
ou de um demônio
faz estremecer
as profundezas da terra?"

Pergunta que o poeta faz ao seu coração e diz: "injustificável a perversa mudez". "Os anjinhos negros morrem de fome", na Etiópia, é outro poema no qual poeta fala nas crianças mortas, em um dos momentos mais eloqüentes da sua poesia social, hino de amor fraternal em que critica os poderosos do mundo. Os poemas de dor, as definições elegíacas, as apreensões da inefável beleza dos versos e das sintaxes; os desígnios dos deuses, a ambigüidade das palavras, o sofrimento contido de perda (mas nunca grosseiro ou ofensivo) e das relembranças dão à poesia de Rabelo um toque de salmo, de elevação e de sagração. Acontece isto, precisamente, na sua poesia filosófica e em extensão, na sua poesia lírica que também, determina um estado de alma reflexiva de agudos sentimentos que aceita a emoção, mas não permite o desespero.

Nos últimos anos, Luiz Rabelo doou quase todos os livros de sua biblioteca e passou a ler continuadamente a Bíblia. A sua poesia passou a ser mais imaterial, mais reflexiva, vivida num tempo ontem, sentida num ritualismo de amor e de saudades, manifestações de uma liturgia celebrada pela perfeição do verso e recriada pela exaltação da alma.

Nos versos circunstanciais, o poeta flagrava o oportuno, a pincelada leve, a verve cotidiana, os incidentes e acidentes relevantes em forma de acrósticos, pintura, anedota, registro. Vejamos "Flash no Café São Luiz":

"A mulata embiritada
começou a sua pregação democrática
em pleno Café São Luiz: "Viva fulano,

Labim/UFRN

viva sicrano, viva a democracia!"
De repente chegou a polícia
e democraticamente
botou em cana
a mulata embiritada."

À semelhança do que foi feito por poetas de nomeada, de que é exemplo Manuel Bandeira, com o poema "O sapo", e Carlos Drummond de Andrade, com a "Pedra do Caminho", só para citar os exemplos mais conhecidos, Rabelo, também, cometeu seus poemas circunstanciais, bem ao estilo das anedotas paulistanas de Mário de Andrade. Vejamos ainda, "Poema para Nana Caymmi":

"Não precisas falar.
Nada a explicar. Basta que cantes
Mana
Nana
teu nome já é um poema."

Rabelo deixou-nos, também, um livro de contos: "O Vigário do Conto". Com a vantagem de ter escrito um dos contos mais belos da língua portuguesa: "O Cristo Doido". Poderia ter escrito mais contos, não o fez. Possuía todos os requisitos, todas as ferramentas para ser um bom contista. Experiência vivida durante anos no interior do Estado; convivendo com figuras e tipos dos mais variegados. Contadores de estórias do sertão, coiteiros, matadores e até remanescentes de antigos cangaços. O áspero sertão do espinho, mas também da flor. Alguns depoimentos seus em fita cassete comprovam esta sua vertente. Mas preferiu sempre o verso terço, a rima rica de seus versos como, no dizer do poeta popular, a forma mais elevada de pensar e sentir o que é a poesia. Sempre haverá a estrela, nem precisa subir a colina para vê-la, e quem sabe, sentir a sua luz ou conversar com ela.

Onde estiveres, poeta, nos múltiplos e altos planos celestes, saibas que te admiramos e temos quase a certeza de que preparas, assim como o poeta Carlos Drummond de Andrade, uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças.

Em 30-3-2000

Labim/UFRN

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO VALÉRIO MESQUITA

Alvamar Furtado de Mendonça

Na confusão dos fatos que acordam minha memória nos anos de minha meninice, ocorreu um episódio quando a palavra Macaíba me apareceu pela primeira vez, de forma veemente e inesperada.

Por volta dos meus dezesseis anos de idade, eu era aluno do Tiro de Guerra 219 do Atheneu Norte-rio-grandense. Numa certa madrugada, estávamos em forma para iniciar a falada e temida marcha Natal-Macaíba, que completava a nossa instrução militar, em posição de sentido com o peso do fuzil e da mochila nas costas, esperando o comando: "Ordinário, Marche!". Era um teste de esforço, de resistência física, que despertava a consciência que não éramos tão meninos assim e, por isso, merecíamos a condição de reservista de 3ª categoria.

Era uma ansiosa expectativa, quando um companheiro do grupo saiu de forma e protestou aos gritos: "Sargento! O aluno Alvamar quer desmoralizar minha terra. Está pensando que Macaíba é uma aldeia, usando um gorro na cabeça fora dos padrões regulamentares". Realmente, eu estava portando um gorro similar ao dos soldados do exército colonial inglês, confeccionado não sei onde nem por quem. Inspirado, possivelmente, nos filmes de guerra tão em voga na época, cheios de batalhas, de atos de heroísmo mirabolante, alimentos para nossa imaginação de soldados incipiente freqüentadores do nosso querido e inesquecível Royal Cinema, que fazia nossa cabeça.

O companheiro exaltado era Edilson Cid Varela, saudoso amigo, mais tarde um dos diretores dos Órgãos Associados. O primeiro macaibense com quem me defrontei, diante da transigência risonha do sargento que nos comandava.

Depois a longa marcha contornando os manguezais, que emolduravam as sinuosas margens do Potengi, até uma velha ponte, que ainda resistiu a cadência de nossos passos trôpegos dos quilômetros percorridos. Estávamos diante de uma simpática cidade como ponto final, depois de uma longa jornada, que de início teve o ritmo de "bravo infante" e na chegada estávamos com o ar de sobreviventes de muitas batalhas.

Labim/UFRN

Edílson tinha toda razão quando gritava no seu protesto que Macaíba não era uma aldeia, mas um próspero entreposto comercial entre o interior e a capital. Um prefeito amável e uma população curiosa com a nossa turbulenta presença.

Agora, tantos anos depois, um outro macaibense me concede a honra de recebê-lo neste solene momento, que mistura um instante de nostalgia com a alegria de proferir estas palavras em nome desta Instituição de Cultura.

Valério Mesquita é um homem cordial, bem humorado, com acentuado espírito de gleba. Não hesita em dar tudo de si para servir a sua terra e a sua gente. Portanto, um homem vinculado ao chão onde nasceu, viveu e se fez homem. Traz no seu jeito uma forte influência telúrica. É bom enfatizar.

Macaíba ficou, de certa forma, ligada ao itinerário de minha existência.

Volto ao passado, para me surpreender um bacharel recém-formado em Direito, desempenhando meu primeiro emprego na terra de Valério Mesquita, como agente do Recenseamento de 1940.

Nessa ocasião conheci seu pai, Alfredo Mesquita, um homem gentil que me passou muitas informações que precisava para o meu trabalho de recenseador. A nossa conversa enveredou por tantos caminhos, quando senti o seu amor pela cidade que administrava com autoridade, suas lutas partidárias, seus problemas municipais, sua devoção aos amigos e aos compromissos com seu partido, o PSD, mas atento para que seu comportamento político não prejudicasse os interesses do seu Município que, naquela época, ia até os limites de Santa Cruz.

Vim a saber depois que ele dedicou quarenta anos de sua existência ao que ele julgava razão primeira de sua cidadania – Fazer política com honradez. Prefeito várias vezes, deputado estadual em diversas legislaturas, até 1969, quando faleceu, sempre respeitado pela correção de sua vida.

A turbulenta luta que dominava o Estado, PSD e UDN, o radicalismo intransigente, não prejudicavam seu compromisso maior que era como o seu povo.

Talvez alguém ainda se lembre daquela velha ponte que eu atravessei nos idos dos meus dezesseis anos, que já naquele tempo não escondia os sinais de seu fim.

Labim/UFRN

Na luta do Prefeito Alfredo Mesquita por renová-la ou substituí-la, anos e anos depois, recorreu inutilmente aos seus correligionários no governo, que diziam não haver recursos.

Nessa ocasião aparece, espontaneamente o então deputado federal Aluízio Alves, que se prontifica a ajudá-lo, dando uma ponte nova à cidade de seu adversário, com recursos federais.

Os rancores, os rompimentos, a alegada fidelidade partidária mal conceituada, tudo isso se arregimenta contra o acordo com adversários. Alfredo Mesquita não pensou duas vezes. Aceitou de imediato. Era o seu conceito de política – a arte de servir ao povo, ao bem comum. Era sua legenda.

Macaíba alcançou as duas margens do rio Jundiaí, graças aos recursos que lhe chegaram às mãos, com ajuda adversária.

Desse perfil do pai de Valério não se pode esquecer a pessoa de Dona Nair de Andrade Mesquita, também de uma ilustre família, sua companheira incansável nessa luta que ia pelos tempos, restando-lhe hoje muito de sua firmeza dos anos passados. Sob a assistência carinhosa de seus filhos Nídia e Valério.

Hoje com mais de noventa anos não esquece seus jardins da casa grande da rua da Cruz, em Macaíba, cultivando suas margaridas, jasmins, dálias benditas e o retrato do velho Alfredo na parede, com sua terna dedicatória que tanto emociona seus filhos.

Valério Mesquita procede dessa gente. Daí suas virtudes, sua dignidade pessoal, seu exemplar comportamento parlamentar, sua fidelidade aos amigos, seu "sense of humor" que o mantém simpático na sua vivência e alegre no que escreve.

Político por tradição de família, não deixando de guardar espaços para sua atividade cultural. Foi presidente da Fundação José Augusto e apresentou qualidades indiscutíveis de administrador dos bens culturais do Estado. Editou livros, promoveu atividades intelectuais e estimulou artistas plásticos.

Foi o autor de "Tempo e sua Dimensão", "Macaíba de seu Mesquita", "Pisa na Fulô", "A Política e suas Circunstâncias" e "Poucas e Boas".

Não guardou ódios, nem rancores, não valorizou as rivalidades afronosas e se manteve sempre no melhor da vida.

Aproveitou as alegrias de seus caminhos, de onde nasceram o lirismo e o estilo agradável de suas crônicas, aproveitando

Labim/UFRN
os "faits divers" do seu dia-a-dia para criticar, protestar, aplaudir ou estimular, através de sensatos comentários.

A gente tem a impressão que Valério Mesquita já devia estar entre nós há muito tempo, pois além de político é um escritor no melhor sentido. Na galeria de figuras importantes que estuda, observa e os identifica nas suas características, não esqueceu os tipos populares, por mais simples que fossem, retrata-os sem retoques, destaca-os pelo lado que faz rir ou pelo pitoresco do seu comportamento diante da vida.

Valério Mesquita os olha na plenitude de sua realidade, mesmo espiando o grotesco de sua silhueta e a forma de aceitar sua existência sem revolta, não os deforma, mesmo aqueles que à noite tem seus passos iluminados pela luz mortiça das ruas ou são surpreendidos pelas alegrias transitórias dos bares de subúrbio. Como escritor, sabe ver os homens.

Detém-se em políticos, figuras eminentes do seu convívio, pessoas que se destacam pela maneira inusitada de se comportar na sociedade, comerciantes, empresários, o repassar de sua visão os alcança em todos os ângulos.

Por isso, o que ele escreve ora nos faz rir, ora nos emociona, ora nos deixa meditando sobre a condição humana.

Desse elenco de figuras que aborda nos seus livros e na matéria de jornal, há um perfil realmente **felliniano**, uma figura que transita pelas ruas de Macaíba, sem nada de seu, mas com uma memória prodigiosa. Se preocupa com o lado antigo da cidade, detém fotografias de um passado morto, revelando os velhos prédios, o que faz parte da grandeza de Macaíba. Nunca estudou não ocupou funções, permanecendo na sua crônica pobreza, se revestindo de todas aparências de um tipo popular, mas sabendo se aproximar de vereadores, prefeitos, funcionários públicos, operários, motoristas, jogadores de baralho, vagabundos de todas as espécies, conhecendo-os pelos nomes. No balanço dessas amizades não lhe faltou a de Luís da Câmara Cascudo, que o respeitava pelo amor que ele tinha a sua cidade, e o identificava como um memoralista de tudo que ocorrerá por mais de setenta anos.

Enquanto o poder público não tem meios de conservar seu passado, seus sítios históricos, suas personalidades marcantes, suas ruas, seus hábitos, ZÉ DISTINTO os tem todos na cabeça e

Labim/UFRN
nos bolsos apetrechados de fotografias de tempos que se foram. Sua idade já vai muito além dos 80 anos.

Valério Mesquita salvou-o do esquecimento. É a memória viva de sua cidade que precisa ser respeitada e que se lhe dê meios de sobreviver como ser humano.

Por um feliz destino, Valério Mesquita nasceu num Município rico em valores humanos.

Berço de Auta de Souza, poetiza de comovente espiritualidade, Alberto Maranhão, o preclaro estadista de nossa vida pública. Governou o Rio Grande do Norte duas vezes e se comportou como um **mecenas**; Augusto Severo, seu irmão, que deixou o prestígio de sua vida política para morrer em Paris, procurando alçar seu balão **Pax**; Henrique Castriciano, poeta, fundador da Escola Doméstica de Natal, Augusto Tavares de Lira, governador, senador da República, ministro de Estado; Otacílio Alecrim, um dos mais vibrantes intelectuais de que tivemos notícia.

Anos depois, quando entrei na Faculdade de Direito do Recife, ainda repercutia o seu discurso como orador da turma de 1932. Estudioso apaixonado dos romances de Eça de Queiroz e admirável ensaísta da obra de Marcel Proust. Hoje é um esquecido. Faleceu no Rio de Janeiro, na mais completa indiferença.

Autor de um belo e comovente livro de memórias – **Província Submersa**.

Certa vez, em nossas reuniões ao entardecer, encontrei Américo de Oliveira Costa lamentando o silêncio que envolveu a morte de Otacílio Alecrim. Nessa ocasião, deu-me cópias de algumas páginas que mais aumentavam a saudade de seu querido contemporâneo da Faculdade de Direito. Preocupava-se com o acervo que ele teria deixado sem ninguém saber do seu destino.

Essas cópias que me chegaram às mãos, eram de algumas páginas do volume I, 2ª edição da **Literatura e Vida Literária – notas de um Diário de Crítica**, de Álvaro Lins, que, em certo trecho, afirma: "Posso hoje verificar que foi enorme a sua influência sobre os jovens de minha geração. Uma influência poderosa de animador, sem sectarismo nem preocupação ideológica. Em torno de Otacílio Amorim, formavam os estudantes do seu tempo que desejavam alguma coisa mais do que a declaração em aula de fórmulas jurídicas.

Labim/UFRN

Ele era o mais inteligente e o mais culto de todos nós. Era o animador, o orientador de nossos estudos e de nossas atividades. Não tendo, como gostava de dizer, idéias fixas – e estava aberto sempre aberto à compreensão e a explicação de todas as idéias.

Ainda em certa altura de seu texto crítico, Álvaro Lins acrescenta; "Da literatura que tanto o apaixonava – e recordo que foi de sua autoria o estudo crítico mais completo que se escreveu sobre **Maquiavel e o Brasil**, de Otávio de Faria".

Esse brilhante escritor nascido em Macaíba, fez de sua terra o "background" do seu "Província Submersa". Mais uma vítima do esquecimento dos seus coestaduanos, como tantos outros.

Faço questão de recordar Vicente Andrade, crooner da "Jazz Band Acadêmica", de Pernambuco, cantando com emocionante interpretação a "Valsa Verde", de Capiba.

Vicente Andrade era também trompetista e liderava, nesse tempo, o grupo com competência e sensibilidade. Era estudante de Medicina.

Isso aconteceu, por acaso, em Natal, no antigo Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão.

Eu e Protásio Melo assistimos juntos a esse espetáculo que empolgou a cidade. Éramos ainda estudantes do Atheneu. Protásio, mais tarde, estudante de Direito no Recife, tornou-se baterista desse notável grupo.

Vicente Andrade era filho do Major Antônio Andrade, ex-prefeito, então maestro de uma das bandas de música de Macaíba, e quem o levou para a música na sua meninice, nessa cidade onde nascera.

Quando também estudante de Direito no Recife, eu andava em meio dessa brilhante gente, e testemunhei muito dessa banda que levava aos ouvidos daquela cidade universitária os sons do jazz, frevos e maracatus. O trompete e a voz de Vicente Andrade chegaram a Buenos Aires nas suas bem sucedidas excursões, levadas por esse conjunto musical que ele soube formar.

Terminou seus dias como dermatologista em Fortaleza, deixando de tudo uma recordação inapagável.

Essa é a Macaíba que não podemos deixar de aplaudir na pessoa de Valério Mesquita, que não deixou por menos sua con-

Labim/UFRN
tribuição à glória de sua cidade, como parlamentar, jornalista, escritor e animador da vida literária do nosso Estado.

A demarcação de sua responsabilidade a partir de agora se assemelha a de um grajeiro no cesto da gávea à procura da visão de terra para salvar a "Nau dos Esquecidos", resgatando a memória dos que fizeram tanto pelo nosso Estado desmemoriado.

Valério Mesquita, a surpresa maior me assaltou quando fixei com mais interesse suas origens e o que fez para merecer este momento que estamos vivendo. Não se trata de uma mera formalidade, mas de uma realidade que nos envaidece e nos honra demais. O seu patrono é Antônio Marinho, pelo que me parece, o único filósofo que nós tivemos. Depois, os seus antecessores nessa cadeira, desembargador Floriano Cavalcanti e Luís Rabelo, brilhantes acadêmicos, que se foram.

Este texto não o trata de Vossa Excelência, como recomenda o protocolo acadêmico. O tom coloquial pareceu-me deixá-lo mais a vontade para sentir a efusão de nossos sentimentos de boas-vindas.

Em 30-3-2000

Labim/UFRN

DISCURSO DE POSSE DE JOSÉ DE ANCHIETA FERREIRA DA SILVA

Minhas senhoras, meus senhores, ilustres acadêmicos:

Atendendo aos honrosos convites de Diógenes da Cunha Lima, presidente desta Casa, Enélio Lima Petrovich, presidente do nosso Instituto Histórico e Geográfico, e do saudoso e inesquecível Veríssimo de Melo a quem, neste instante, rendo sentida homenagem, diria que fui convidado pelo *Estado Maior* da cultura potiguar. Minha saudosa homenagem é extensiva a Manoel Rodrigues de Melo, Américo de Oliveira Costa, Antônio Soares Filho, Mário Moacyr Porto, Raul Fernandes, Sylvio Pedrosa e aos poetas Luís Rabelo e Fagundes de Menezes.

Agradeço aos ilustres acadêmicos o sufrágio do meu nome cuja votação muito me honra e desvanece, por conferir-me o privilégio de pertencer a esta Casa de Cultura, e de conviver com a elite intelectual do Rio Grande do Norte. Não me considero merecedor desta distinção máxima, menos ainda de ocupar a Cadeira número 3, que pertenceu ao professor Otto de Britto Guerra, tendo como patrono seu eminente avô, o Conselheiro e Barão Luiz Gonzaga de Britto Guerra, a quem homenagearei oportunamente, seguindo a tradição dos discursos de posse desta Academia.

Antes, porém, como evocação obrigatória e regulamentar, cabe-me fazer emergir a figura ímpar da intelectualidade potiguar: Luís da Câmara Cascudo, idealizador e patrono deste templo da cultura literária norte-rio-grandense, que a todos nos honra como conterrâneo nosso. *"Um homem feliz"*, na opinião do presidente Diógenes da Cunha Lima. Não fora Cascudo, com a sua tenacidade e otimismo, e o Rio Grande do Norte teria levado mais alguns anos sem uma academia de letras.

Em 1936, ano de fundação da Academia, a sociedade do nosso Estado estava radicalmente dividida entre vencidos e vencedores, recém-saída de uma das mais extremadas e cruentas campanhas eleitorais em nossa história, somada ainda à implacável perseguição contra pessoas suspeitas de haver participado da chamada Revolução Comunista de 1935. Segundo recordação do saudoso Manoel Rodrigues de Melo.

Labim/UFRN

"Naquele tempo, somente Cascudo com seu carisma e simpata envolvente e conciliador, mais preocupado com suas pesquisas do que com a política, era a única pessoa em Natal, capaz de fundar uma academia, porque estava todo mundo brigado, conseqüência da recente campanha eleitoral de Mário Câmara e José Augusto".

Preocupado mas bem-humorado, Cascudo indagava: "*Como reunir no mesmo poleiro as aves feridas do combate furioso?*" Uns riam, outros pilheriavam. Depois de inúmeras reuniões no terraço de sua casa, o mestre da Junqueira Aires conseguiu reunir 25 fundadores. O mais jovem dos signatários da ata de fundação, com apenas 24 anos de idade, era Otto de Britto Guerra, a quem, nesta noite, tenho a honra de substituir. Sete anos depois, a academia foi acrescida de mais cinco vagas, posteriormente alcançando o número atual de 40 titulares.

Organizada e fundada a nova instituição, nada mais justo fosse Cascudo o seu primeiro presidente. Esta honra, no entanto ele a transferiu para seu amigo, poeta e escritor Henrique Castriciano de Souza, ficando ele próprio como simples secretário. Nada surpreendente que, ainda tão jovem, Otto Guerra tenha sido convidado a integrar a nova instituição cultural porque, nessas idade, seu currículo já lhe justificava o merecimento.

Minhas senhoras e meus senhores:

Obedecendo à praxe acadêmica, farei uma síntese biográfica do patrono desta Cadeira, Luiz Gonzaga de Britto Guerra, conselheiro do Império e Barão de Assu. "Conselheiro" era título honorífico concedido pelo imperador e "barão", uma honraria assinada em carta régia.

Luiz Gonzaga nasceu na Fazenda Coroas, munícipio de Campo Grande, em março de 1818, dia de São Cosme e Damião, dois médicos dedicados aos pobres. Britto Guerra dedicou-se à Justiça. Teve uma vida movimentada com muitas glórias e muitas vitórias. Concluídos os preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Direito de Olinda, bacharelando-se em 1839.

Iniciou carreira na magistratura, no Rio Grande do Norte, seu estado natal. Aqui viveu 30 anos e recebeu as mais dignas e altas distinções, por seu valor e sua dedicação no trato das leis e

Labim/UFRN
na aplicação da justiça. Foi Juiz Municipal na então Vila do Príncipe, atual Caicó, na Vila da Princesa, hoje Assu, e em Angicos. Em 1858, foi nomeado definitivamente juiz da comarca da Maioridade, hoje Martins, de onde seria removido para a comarca de Assu, aí permanecendo até 1873.

Foi Deputado Provincial em três legislaturas, de 1842 a 1857. Nomeado Vice-Presidente da Província em junho de 1858, assumiu o Executivo no dia 19 de agosto e governou o estado até ser substituído pelo presidente Manoel Marinho da Cunha. Neste cargo, sofreu algumas decepções e, ao deixá-lo, queixava-se de que *"os amigos dão mais trabalho do que os inimigos"*.

Decreto Imperial de novembro de 1873 elevou o juiz de Açu às relevantes funções de Desembargador da Relação de Ouro Preto, em Minas Gerais, obrigando-o a mudar-se para a antiga Vila Rica. Onde foi escolhido Presidente da Relação e reconduzido três vezes ao mesmo cargo. Em 1885, pediu remoção para o Ceará, a fim de servir na Relação de Fortaleza. Dois anos depois, é transferido para o Rio de Janeiro. Aposentou-se em novembro de 1888, com 44 anos de bons serviços prestados ao seu Estado e à sua Pátria.

Com toda essa vida agitada, na magistratura e na responsabilidade de suas funções Luiz Gonzaga ainda teve tempo para casar-se três vezes e criar 24 filhos! Era sobrinho do padre Guerra, fundador da imprensa natalense e o primeiro e único senador do Império pelo Rio Grande do Norte, merecendo de José Melquíades excelente biografia na qual destaca o Barão de Assu, educado pelo tio. Câmara Cascudo dedicou ao conselheiro significativo *Acta Diurna*, publicada no *Jornal A República*, em junho de 1941. Merecidamente, foi escolhido patrono da Cadeira número 3 desta Academia, depois ocupada pelo seu neto Otto de Britto Guerra, a quem substituo esta noite. Além de conselheiro e barão, Luiz Gonzaga foi também agraciado com duas altas comendas: a Ordem de Cristo e a Ordem da Rosa.

Luiz Gonzaga foi Conselheiro do Império aos 58 anos, por decreto de 14 de fevereiro de 1874. Tornou-se Barão do Assu por decreto imperial de novembro de 1888, sete dias após a aposentadoria. Foi o último norte-rio-grandense a ser agraciado com este título nobiliárquico, tão criticado por Torres Homem o qual, ironicamente, acabou também barão. Na hierarquia nobiliárquica,

Labim/UFRN
o barão estava abaixo do visconde. "*Nessa nobreza de improviso, em 67 anos de regime monárquico, houve 317 barões. O Rio Grande do Norte mereceu a nomeação de quatro deles*", afirma José Melquíades.

Aposentado, conselheiro e barão, Luiz Gonzaga voltou ao Rio Grande do Norte em março de 1889. No dia seguinte, viajou para Mossoró e daí, a cavalo, para Caraúbas, na chapada do Apodi. Ao aposentar-se, alguns amigos lhe perguntaram: *"Conselheiro, então o senhor veio viver no Rio Grande do Norte?"* E ele, tranqüilo e bem-humorado: "*Ao contrário, vim morrer no Rio Grande do Norte*". Faleceu no dia 6 de junho de 1896 e foi sepultado no cemitério da cidade. Viveu em Caraúbas apenas sete anos, na maior tranqüilidade.

Senhor Presidente, senhores acadêmicos:

Agora, é chegado o instante, para mim tão jubiloso quanto emocional, de honrar a memória do inesquecível Otto de Britto Guerra.

O que poderemos dizer da vida e obra deste humanista e sábio, criatura das melhores que já conheci? Em breve espaço de tempo, será impossível descrevê-lo, de forma ampla e profunda. Tentarei, porém, apresentá-lo no realce de sua responsabilidade erudita, forte, apaziguadora, sempre devotado aos estudos em geral e à família, centro convergente de sua vida harmoniosa e feliz.

Dono de vasta e variada cultura, erudito e humilde, a encantadora simplicidade disfarçava o intelectual de excepcional preparo e competência. Com apenas 16 anos, Otto estreou no jornalismo, escrevendo seu primeiro artigo no *Diário de Natal*, jornal da Arquidiocese, edição de 19 de setembro de 1928, ainda existente em sua biblioteca. Em 1933 o Interventor Federal Mário Câmara o nomeia Secretário da Interventoria, cargo que corresponde atualmente a Chefe de Gabinete. No exercício do magistério e nas atividades de jornalista, escondia-se também o homem destemido e de inabalável firmeza de convicções e atitudes.

Durante a "Revolução" (entre aspas) de 1964, a mais longa ruptura institucional da História do Brasil, com 21 anos de regime

Labim/UFRN

discricionário, percorreu Otto Guerra verdadeira *via-crucis* na defesa da liberdade e dos direitos individuais. Lembro do caso de Marcos Guerra, seu filho, obrigado a exilar-se depois de sucessivas prisões em Natal e no Recife. Sobre essa fase de autoritarismo, recorda Moacyr e Góes, também vítima da brutal repressão e principal executor da Campanha *"De pé no Chão também se aprende a ler":*

"Dr. Otto foi um leão. Não somente na defesa do filho, Marcos Guerra, coordenador do projeto de alfabetização de Paulo Freire considerado pela ditadura militar como uma perigosa forma de subversão como também na defesa de presos políticos que lotavam os cárceres do 16 R.I, do R.O. e da Polícia Militar.

"Se a voz que ecoava no Superior Tribunal Militar, no Rio, e no Supremo Tribunal Federal de Brasília, era a do deputado Carvalho Neto, a pena que redigia os "habeas corpus" estava em mãos de Otto Guerra, João Maria Furtado, Roberto Furtado, Varela Barca e poucos outros. Sem nunca perder a sua identidade de líder católico e comendador da Santa Sé, Otto lutou, então, pela liberdade de oprimidos e injustiçados, fossem eles cristãos ou comunistas, sua coerência foi uma só, nas auditorias militares, nos tribunais, na universidade, nos meios de formadores de opinião pública. Foi exemplo de coragem e de fidelidade a uma concepção política pluralista. Mais uma vez, viu, julgou e agiu. Percebeu o estado autoritário que se implantava, então. Avaliou as conseqüências desastrosas de uma ditadura que emergia. Finalmente, consciente dos riscos e conseqüências, partiu para a ação em defesa da liberdade"

Esse homem solidário e advogado das difíceis e sofridas causas, na definição do saudoso Múcio Ribeiro Dantas, na fase do mais negro obscurantismo se agigantou, tornando-se credor de todos nós pela sua nobreza, coragem e bravura cívica – predicados alicerçados em sólida autoridade intelectual e, mais ainda, em incontestável autoridade moral.

Entre tantos exemplos dessa atuação corajosa, citarei a defesa que ele fez, como advogado do prefeito Djalma Maranhão e de Moacyr de Góes, surrealisticamente acusados por um motorista da prefeitura de promoverem bacanais na praia de Ponta Negra, em companhia de professores da campanha *"De Pé no*

Labim/UFRN
Chão também se aprende a ler". Durante o julgamento, o dr. Otto pede ao juiz para indagar da testemunha em que consistiam essas bacanais. O juiz interpela o motorista:

- *O advogado pergunta ao senhor em que consistiam essas bacanais.*

Surpreendido com a pergunta e de fisionomia espantada, o motorista responde:

- *Doutor, o que quer dizer bacanal?*

- *Não me compete responder. Foi o senhor que disse no inquérito que o prefeito Djalma Maranhão e o Dr. Moacyr de Góes, na companhia das professoras da campanha "De Pé no Chão também se aprende a ler", faziam bacanais na praia de Ponta Negra.*

- *Não, eu não disse isso não! Eu nem sei o que quer dizer bacanal...*

- *Para melhor esclarecimento, eu quero formular a pergunta de outra maneira,* intervém Dr. Otto. *Que a testemunha diga o que o prefeito Djalma Maranhão e o Dr. Moacyr de Góes iam fazer todos os sábados na praia de Ponta Negra, em companhia das professoras.*

- *Eu levava elas para almoçar na casa de veraneio do prefeito, respondeu o motorista.*

- *Almoço na companhia de quem?*

- *Da mulher dele, dona Dária, e de outra pessoa da família.*

Como vemos, eram, em sua maioria, acusações criminosamente fabricadas, sem nenhuma prova de atividades subversivas contra a ordem política e social. Mas não foi apenas durante o período autoritário que o Dr. Otto demonstrou sua altivez e coragem.

Nos anos 40, ainda muito jovem, integrando o governo do General Fernandes Dantas, Otto não se conformava com a oficialização dos jogos de azar no Estado, iniciados com a solene inauguração de um cassino na Ribeira. Não hesitou em fazer um apelo ao interventor para não estender essa oficialização ao interior do Rio Grande do Norte.

Labim/UFRN
- *Fique tranqüilo, o jogo vai ser limitado a este cassino na Ribeira,* garantiu o interventor.

Passado algum tempo, Otto recebe de um seu parente, comerciante em Pedra de Abelhas, atual Felipe Guerra, o seguinte telegrama: *"Jogatina aqui desenfreada, inclusive nas feiras. Matutos voltam a pé porque até cavalos perdem no jogo"*. De posse do telegrama, o diretor do jornal católico *A Ordem* vai ao general cobrar-lhe a promessa. Irritado, o interventor responde e se passa o seguinte diálogo:

- *É, eu autorizei o jogo em todo o Estado.*
- *Não foi isso que o senhor prometeu!*
- *O senhor sabe que é meu auxiliar e não pode me criticar?*
- *Fui seu auxiliar por que, a partir deste instante, não sou mais.*
- *O senhor é muito atrevido! Terá agora mesmo a sua demissão.*
- *Não é favor que o senhor me faz porque é isto que eu quero.*

Dr. Otto reassume seu cargo efetivo de Consultor Jurídico das Municipalidades enquanto o general consulta seu chefe de gabinete, Dr. Paulo Pinheiro de Viveiros:

- *Qual a punição que eu posso dar a este rapaz?*
- *O senhor pode deixá-lo em disponibilidade.*
- *O que é que isto significa?*
- *Significa que ele fica sem trabalhar.*
- *Mas fica percebendo?*
- *Fica, uma vez que ele é efetivo.*
- *Então, deixe como está.*

Essas demonstrações de altivez e coerência foram herdadas de seu pai, o desembargador Felipe Néri de Britto Guerra, cuja destemida atuação como jurista e político é ressaltada por Câmara Cascudo no livro *História da República no Rio Grande do Norte,* e pelo nosso confrade Itamar de Souza em *A República Velha no Rio Grande do Norte*. A vida do filho também merece ser ressaltada.

Labim/UFRN

Senhor presidente e ilustres acadêmicos:

Otto de Britto Guerra nasceu em Mossoró a 2 de julho de 1912. Ainda criança, veio com a família para Natal, devido à nomeação de seu pai como Desembargador do Tribunal de Justiça. *"Embarcamos num Ita, no porto de Areia Branca. Era 1918"*, registra ele. Terminava a Primeira Guerra Mundial, seguida de uma das mais devastadoras epidemias a que o mundo jamais assistira: a chamada Gripe Espanhola, que deixou no Brasil um saldo de mais de 300 mil mortos e uma enorme crise política, com o desaparecimento do paulista Rodrigues Alves, recém-eleito presidente do Brasil, vítima também da epidemia. Crise que se repetiria 66 anos mais tarde, com a morte de Tancredo Neves, às vésperas de sua posse na Presidência da República.

Num caderno encontrado em sua valiosa biblioteca, esmaecido pelo tempo mas recuperado pelas filhas Zita e Ana Maria, Otto rememora passagens de sua infância e juventude:

"Fui criança franzina, adoentado, dando muito trabalho a minha irmã Josefina. Para escapar, vez por outra ela me levava para o Brejo de Apodi, casa dos meus avós maternos. O meu pai, numa carta a seu irmão José Calazans, assim me descreve: **Otto tanto tem de feio como de atentado. É o mais insuportável, buliçoso e incansável de toda a tropa".**

"Em 1915 ou 1916, fui acometido de crupe, desenganado por uma junta médica. Mamãe fez uma promessa a Nossa Senhora da Conceição. Um engenheiro da Inspetoria de Secas, Dr. Ávila Lins, soube da aflição de meus pais e ofereceu uma injeção, que levara para Mossoró, por precaução. Foi-me aplicada e o certo é que estou contando a história".

Assim Deus, na sua sabedoria, preservou a vida daquele que, na qualidade de leigo exemplar, dedicou sua longa existência à Igreja Católica. Ouçamos mais algumas recordações reveladoras de Otto de Britto Guerra:

"Nas festas e paradas escolares, no centenário da Independência do Brasil, em 1922, por ter sido o primeiro aluno de todos os

Labim/UFRN

*cursos do Grupo Escolar Augusto Severo, fui o porta-bandeira do pavilhão nacional. O estímulo, o incentivo para esse desempenho estava dentro de casa, que oferecia um ambiente muito propício à cultura. Papai lia muito, comentava fatos, escrevia artigos, de que resultou o livro "**Ainda o Nordeste**", cuja elaboração assisti. Obra polêmica, que rebate os ataques publicados por um engenheiro do Sul do país contra o Nordeste e os nordestinos. O seu livro clássico no entanto, é **Secas contra as secas**, equiparado por um especialista americano, Geraldo Waring, a **Os Sertões**, de Euclides da Cunha.*

Minhas senhoras e meus senhores:

Eu diria que esta paixão e compaixão por este pedaço do Brasil particularmente pelas secas intermitentes que martirizaram o nosso Estado, vem de muito longe. O padre Francisco de Britto Guerra, senador do Império pelo Rio Grande do Norte, já se batia em favor do Nordeste semi-árido. *"Esta região,* dizia, *somente será feliz no dia em que as águas dos seus rios não chegarem ao Oceano"*, significando a necessidade do seu represamento pelos açudes. Paulo de Britto Guerra, engenheiro-agrônomo e irmão de Otto, é também autor de um livro premiado: *A Civilização da Seca*, publicado em 1982.

Mas o meu antecessor na Cadeira número 3, entre todos os Guerras, foi quem mais se preocupou com os problemas socioeconômicos da nossa região, como se pode ver pela sua grande produção literária, espalhada em artigos, cursos, palestras e uma vasta bibliografia, que o revelam sempre impelido em favor da justiça social, na defesa da família, dos flagelados e retirantes das secas, dos discriminados e excluídos; sempre empenhado na promoção da dignidade do indivíduo, desde a sua concepção até a sua morte.

Otto foi aluno do velho Atheneu. Em dezembro de 1983, rememorou esta fase no programa *Memória Viva*, da TV Universitária. Ao ser entrevistado por Alvamar Furtado de Mendonça, respondeu:

- *"No Atheneu tive privilégio de ter os últimos grandes professores e alguns primeiros grandes professores. Aluno do Cô-*

Labim/UFRN

nego Estevam, grande latinista, e do professor João Tibúrcio, última turma que eles ensinaram. Fui aluno de Câmara Cascudo primeira turma que ele ensinou".

- *E sua vida esportiva?* Indagou Alvamar.
- *"Eu nadava muito no Rio Potengi. O meu irmão Domício, que era esportista mesmo, campeão de natação, me inscreveu no Esporte Clube de Natal. Comecei no remo como patrão. Depois o Esporte fundou a parte esportiva terrestre, o futebol, e nós tivemos a coragem de nos matricularmos no primeiro escalão da Liga. Fomos então disputar o campeonato contra os grande times da cidade: o ABC, o América e o Alecrim. Contra o Alecrim, a gente até, mais ou menos, se equilibrava, não decepcionamos. Mas quando jogamos com o América, levamos uma surra de dez a zero".*
- *Um escore histórico, brincou Alvamar.*

Noutra seqüência dessa entrevista na TV, Otto fala da extraordinária influência de sua mãe na sua formação religiosa: *"Todas as noites, eu e meus irmãos tínhamos lições de catecismo e éramos sabatinados".*

O confrade Jurandyr Navarro esclarece esta faceta de Otto: *"A Religião foi sua meta existencial, seu discípulo até a morte. Qual escada do sonho de Jacó, ele começou a subir os seus primeiros degraus com os anjos da Congregação Mariana de Moços conduzido pela mão amiga de Ulisses de Góes, à época, entusiasta líder católico, com quem estabeleceu desde o início, a mais estreita comunhão e amizade".*

Foi este entusiasta líder católico, então presidente da Congregação Mariana de Moços, quem assim se expressou, na TV Universitária, sobre a importância do seu ex-discípulo para a Igreja:

- *"Otto é um nome universal. Os serviços que a Igreja lhe deve, o lado cultural e jurídico, são notáveis. Orador, advogado e consultor de todos os movimentos católicos, é profundo conhecedor da Doutrina Social da Igreja. Foi grande a nossa alegria quando ele ingressou na Congregação Mariana, em 1929. É um discípulo que passou o mestre. Fui seu professor mas ele me passou e o seu nome aparece como grande de-*

Labim/UFRN

fensor da Igreja. Acompanha o Concílio Vaticano II, atualizado em todos esses problemas, desde o tempo de D. José Pereira Alves, D. Marcolino Dantas, até D. Eugênio e D. Nivaldo. Todos os bispos lhe devem muito. Sempre o consultor jurídico da Arquidiocese. Entre outros títulos, Otto ostenta o de Comendador da Ordem de São Gregório Magno, distinção concedida pelo Papa João XXVIII, por serviços prestados à Igreja".

Foi no ano de 1969 que Otto alcançou o seu maior momento de glória como líder católico. A convite do Vaticano, participou da assessoria de leigos e religiosos de todo o mundo, convocados pela Comissão Pontifícia de Comunicações Sociais, que ajudou a elaborar o trabalho denominado *Comunhão e Progresso*. Otto Guerra e um padre venezuelano foram os únicos latino-americanos que participaram da elaboração desse importante documento.

Apesar desse profundo envolvido religioso, arrisco-me a dizer que estava no magistério a sua maior paixão, sentimento que não arrefeceu durante toda a sua vida pois, já octogenário, lecionava Doutrina Social da Igreja, no Seminário. Ensinou em quase todos os educandários de Natal, desde a Escola Técnica de Comércio, passando pelo Pedro II, Marista, colégios Nossa Senhora das Neves e Imaculada Conceição, Faculdade de Direito, da qual foi diretor e um dos fundadores. Juntamente com o padre Nivaldo Monte e Aluízio Alves, fundou a Escola de Serviço Social.

Otto participava da vida cultural da cidade e do país através de artigos e crônicas na imprensa de Natal, João Pessoa, Recife, Fortaleza, Belém, Maceió e Porto Alegre. Seu último artigo foi publicado na *Tribuna do Norte*, homenageando com palavras de comovida evocação, Manoel Rodrigues de Melo, que se antecipara a ele, em apenas duas semanas, na "Longa Viagem". Começava assim: *"Mais um companheiro passa à casa do Pai".*

Até as vésperas do seu falecimento (em 16/março/1996), Otto continuou o mesmo trabalhador intelectual, com inalterável paixão pelo conhecimento. Com mais de 80 anos, estudava ecologia e bioética, duas áreas naturalmente fora da esfera de interesse de pessoas da sua idade. Não queria apenas acumular

Labim/UFRN
conhecimentos – partilhava-os com os filhos, com os alunos do Seminário e os leitores de seus artigos.

Estudante de ginásio, começou a organizar o que chamava de *"minha pequena biblioteca"*. Acumulou um valioso acervo de mais de 18 mil livros, revistas, plaquetas, teses, recortes de jornais antigos e manuscritos. Entre os documentos deixados por seus familiares, encontra-se um assinado pelo Imperador Pedro II, nomeado seu ilustre avô para abrir a comarca de Ouro Preto, tornando-o assim, o primeiro juiz da então capital da província de Minas Gerais. Na qualidade de presidente, foi seu avô quem instalou solenemente o Tribunal.

Temia Otto que, após sua morte, sua biblioteca fosse desfeita, como acontece habitualmente. Costumava dizer que as bibliotecas têm dois inimigos: as traças e as viúvas. Previdente, deixou por escrito um pedido à esposa e aos filhos para que, pelo menos durante cinco anos, não tirassem seus livros do lugar nem os separassem. Cabe salientar que, ao longo de sua fecunda e maravilhosa existência, mereceu da Providência uma companheira exemplar, complemento admirável de sua personalidade: Catarina Selda Câmara de Castro. Consciente da importância e do valor extraordinário do acervo, construído por ele ao longo de toda uma vida, a família satisfez-lhe a vontade, fundando o **Instituto Otto Guerra**, para o qual ele próprio havia elaborado os estatutos, definindo objetivos e finalidades da nova instituição.

Finalizando este perfil do meu antecessor, vale enfatizar que aquela criança de saúde precária, insuportável, buliçosa e incansável transformou-se numa das maiores figuras do nosso Estado. Teve a sua vida milagrosamente preservada, escapando, na infância, de uma grave infecção naquele tempo de elevado índice de letalidade. Também transitou imune por uma devastadora epidemia de gripe. Sobreviveu para dar exemplo a todos nós, de uma existência pródiga em bondade, solidariedade e erudição, na plena acepção da palavra.

Senhores acadêmicos e demais participantes desta solenidade:

Desde o ano de 1936, quando Câmara Cascudo, Henrique Castriciano de Souza e um reduzido grupo de intelectuais funda-

Labim/UFRN
ram a Academia Norte-rio-grandense de Letras, não foram poucos os médicos que integraram seus quadros. Evocarei apenas um Januário Cicco, Onofre Lopes, Mariano Coelho, Raul Fernandes, Luiz Antônio, José Tavares. Entre nós, para nossa alegria, Grácio Guerreiro Barbalho, também conterrâneo de São José do Mipibu.

Sou portanto, mais um profissional da Medicina a ingressar na ilusória imortalidade acadêmica. Imortalidade que me traz à lembrança o Monsenhor Antônio Xavier de Paiva, vigário de São José de Mipibu durante 35 anos, até falecer em 1929. Sempre que subia ao púlpito, recordava aos fiéis a precariedade da vida, a fragilidade da condição humana, fazendo-lhes esta severa advertência:

"Meus irmãos: as gerações passadas já sumiram na voragem da eternidade e a presente caminha a passos largos. Grande só é Deus, tudo o mais é efêmero e transitório".

Tenho dito.

(*)Discurso de Posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras. Natal, 14 de setembro de 2000.

Labim/UFRN

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO JOSÉ DE ANCHIETA FERREIRA DA SILVA

Enélio Lima Petrovich

Não quero atingir a imortalidade através de meu trabalho. Quero atingi-la não morrendo.

Woody Allen (cineasta americano)

Assomamos à tribuna, pela amizade e pela emoção.

Com esta perspectiva, em uma noite assim, luminosa e radiante, contemplamos as fisionomias que tanto valorizam a erudição e a inteligência potiguares. Trazemos, **pari passu**, na moldura deste ambiente de festa e congraçamento, a saudação protocolar e singela a um novo imortal que, a partir de hoje, incorpora-se ao nosso convívio salutar, dignificando-o sobremaneira.

Referimo-nos a José de Anchieta Ferreira da Silva.

Decerto, sabe-se que, mundo afora, as academias de letras representam o ancoradouro e o refúgio dos intelectuais. Diga-se melhor: o polo convergente de quantos, à luz do saber e do humanismo, sentem-se felizes e honrados, com a disseminação da Cultura.

Verdade, se remontarmos a épocas pretéritas, reconhecemos que o termo academia originou-se de um bosque da antiga capital da Grécia milenar, em homenagem ao herói **Akademos,** atribuindo-se a Platão o pioneirismo da iniciativa, tendo como partícipes os seus abnegados e incontáveis discípulos.

Mas o tempo corre e nasce a célebre Academia Francesa, em 1635, consagrada às letras. Coube ao grande Richelieu, glória da França, o dever de disciplinar a língua mãe, com a edição de um dicionário.

Antes, porém, há cerca de 330 anos da fundação desta Academia, não nos esqueçamos de outra entidade congênere, a **Academia dei Lincei**, de Roma. E, em 1651, na monumental

Labim/UFRN
Florença, da **Academia del Cimento.** Ainda na memória, desponta a **Royal Society of London,** em 1645. Decorridos 21 anos, em 1666, na velha e fascinante Paris – a cidade luz, surge a Academia de Ciências. Mais tarde, em 1700, Frederico I funda uma similar em Berlim-Alemanha. Outras tantas aparecem, a exemplo da **National Academy of Science**, dos Estados Unidos, de projeção no campo científico. Com idênticos fins, é criada a Academia Brasileira de Ciências, receptora de consultas específicas.

Obviamente, com destaque, registramos a Academia Brasileira de Letras, fundada em 20 de julho de 1867, na qual figuram eminentes escritores e poetas, à frente Machado de Assis, romancista maior, conscientes de suas missões, em busca do aprimoramento da cultura pátria.

Quanto a esta, fundada em 1936, orienta-se pela mesma trilha, sejam quais forem os percalços a transpor, quase sempre frutos das incompreensões reinantes na província, mesmo não submersa, para evocar Peregrino Júnior, honra também nossa.

Por isso, na trajetória percorrida e a percorrer, devemos nos compenetrar do nosso **modus vivendi,** diante da comunidade, assumindo, perante todos, o compromisso de posse, que, há minutos, solenemente, leu o acadêmico José de Anchieta Ferreira da Silva.

Daí valer, neste ensejo, a excelsa definição do padre Luiz Monte, sábio e santo, 1º ocupante da cadeira nº 22:

> *"O homem de letra precisa mergulhar na corrente da vida e nunca isolar-se em anacrônica torre de marfim. Bem sabemos que a Arte tem sua finalidade própria, e neste caso é soberana, mas o artista é humano, e o fim do homem supera e governa o fim da Arte. Aquele que fizesse da arte finalidade máxima da vida, que construísse egoisticamente para si um castelo nas nuvens, inacessível às sugestões da realidade, praticaria uma injustificável covardia. Porque fugir aos apelos de um mundo que sofre, faltar ao dever social de cooperação quando há náufragos pedindo socorro – é fazer jus a epíteto infamante. Para esses a visão*

Labim/UFRN

do Inferno de Dante deveria significar uma eterna tortura por terem levado uma vida de aposentados precoces, de indiferentes e de inúteis".

De novo, com ele repetimos:

"Prestigiando a Inteligência, representada pela nossa Academia de Letras, saudamos os novos acadêmicos, certos de que eles não desertarão do drama da vida nem deixarão de, cultivando a arte e a beleza, reverenciar a Verdade que é a suprema Beleza".

(Século - Ano I - nº 1 - Natal-Dez. 96 - pág. 19)

Ainda, nos limites desta saudação, reconhecemos que somente à sombra da sabedoria poderemos edificar um Estado e uma nação, de progresso e de paz.

Eis a razão porque, deste Templo da Cultura norte-rio-grandense, podem partir manifestações libertárias, sem meio termo, com dinamismo e a presença da elite dominante, e, até, dos donos do poder efêmero, comprovando, assim, a alta valia e influência nossas, sem quaisquer desânimos e esmorecimento.

Jamais deveremos nos acomodar diante das injustiças e da ignomínia dos vencidos e invejosos, quando são atiradas pedras por incautos e pseudos intelectuais.

Á vista destes enfoques, paira a convocação de luta, ao encontro dos anseios da coletividade pensante, sem mordaças nem recuos, em dimensão universais.

Com efeito, reunimo-nos nesta hora noturna e quase primaveril, na convicção de que o novo imortal engajar-se-á nessa cruzada. Esta Academia de Letras, como as demais, nos concede o galardão e a faculdade.

Na época em que vivemos, o homem sendo "o lobo do próprio homem", no conceito de Hobbes, e quando "somos nós e as circunstâncias", no dizer de Ortega e Gasset, como doi n'alma a panorâmica dominante na sociedade hodierna. Bastam os ensinamentos do literato Heitor Martins, ao tomar posse na Academia Brasiliense de Letras (22 de junho de 1982):

Labim/UFRN

"No momento presente, o caos cultural do país é de tal magnitude que é difícil prever-se o que poderá acontecer. O analfabetismo nunca dominou mais amplamente, já que ele chega a fazer-se notar nos órgãos de comunicação pela palavra escrita. As escolas falharam completamente na sua função normativa de uma sociedade culta." (omissis)

Digamos também:

"Nesta situação caótica, há duas forças que talvez possam fazer-se valer. A primeira delas é a própria vontade de renovação social que, esperamos, concluirá que é preciso mudar a mentalidade nacional. A segunda é a sobrevivência das instituições, não no seu aspecto formal e contristador, mas naquilo que é a sua única riqueza: a memória nacional"

(Revista da Academia Brasileira de Letras - nº II, 1983, págs. 11/12).

Quem não leu "Um Estadista do Império", de Joaquim Nabuco? Vejamos este seu depoimento:

"A formação da Academia é de que literária, como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu caráter distinto, e só pode ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os seus recursos próprios..."

Por sua vez, quão expressiva e sobremodo peculiar, também para ésta entidade, a palavra de Mário da Silva Brito, ao receber o prêmio Machado de Assis, em data de 22 de julho de 1976, comemorativa do 79º aniversário da Academia Brasileira de Letras:

"...há algo mais importante a observar. Esta Casa se ergueu sobre dois pilares: a estabilidade e o

Labim/UFRN

progresso. No primeiro alicerça-se o culto da tradição. No outro, está a base da vanguarda. No progresso da vida acadêmica reside a síntese dialética que torna a instituição capaz de "sobreviver aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis", conforme apregoou o gênio machadiano."

(Revista da Academia Brasileira de Letras - nº 76 - Vol. 132 - págs. 51/52).

Não foi sem motivo que, na "Declaração Universal dos Direitos do Homem", votada na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas", em 1948, consta:

"Todo homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios; Todo homem tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor" (art. 27-1 e 2).

Certa vez, já disse o conselheiro insigne Sábato Magaldi:

"Daí, a importância da cultura, sob qualquer prisma que se deseje encará-la. As definições filosóficas, antropológicas, sociológicas, psicológicas e quantas mais se possam agregar-lhes têm algo em comum, ligado à realização total do homem sobre a terra. Cultura é um instrumento que propicia a paz, a liberdade, a vida digna, isenta das coerções de qualquer gênero". (Revista citada, pág.270).

Neste cenáculo da inteligência somos uma irmandade, com as vistas debruçadas para o porvir, no exemplo de nossos antepassados, pois sem eles tudo é fugaz, é vazio.

Frente a isto, eis a profissão de fé de Fidelino de Figueiredo, que bem cabe considerá-la sua, acadêmico José de Anchieta Ferreira da Silva:

Labim/UFRN

> *"Sou sempre amigo dos meus amigos, com livros e sem livros, com cartas e sem cartas, com visitas e sem visitas, de perto e de longe. Os velhos amores e as velhas amizades são-nos supridas pelas recordações. E desse tesouro acumulado nos vem o calor que nos conforta - como das estrelas há muito extintas nos chega ainda a luz animadora."*
>
> *(Carta Mensal - fevereiro/2000 - nº 539-vol. 45 - CNC - Do artigo: "Traços Intelectuais de Fidelino de Figueiredo-Autor: Ricardo Vélez Rodriguez).*

Confraternizemo-nos, pois, nesta romaria do bem-querer, fazendo a intriga do bem, a exemplo de Gamaliel e do sempre lembrado mestre, genial e humilde, Câmara Cascudo, fundador e patrono desta Casa. Assim o fazemos, não para apresentar, sob o influxo louvaminheiro e de sentido cortejador, o recém-empossado.

Por tudo, realçamos, enfaticamente, as expressões do saudoso Austregésilo de Athayde, quando declarou, em 1977, que "a Academia não estiola ou paralisa, como costuma afirmar a maledicência dos que não a estimam, pela desesperança de aqui chegar, ou pela intenção de sobressair jogando pedras nas árvores carregadas" (Relatório do pres. da ABL - 1976 - Revista da ABL - Ano 1976- vol. 132 - pág. 310).

Tem razão de sobra, igualmente, o acadêmico e ministro Marcos Venícios Vilaça, amigo nosso, seguindo a lógica de Luiz Forjaz Trigueiros:

> *"Mal vão as pátrias quando não se orgulham das estruturas culturais que asseguram a permanência da sua identidade, refletindo-a ou estudando-a, que lhe defendem o espírito, a língua falada ou escrita e a tradição".*

Aliás, acadêmico José de Anchieta, no seu semblante sóbrio, sereno, de tranqüilidade contínua, acompanhando a sua conduta (*já se vão alguns anos*), ao ingressar em nosso quase centenário Instituto Histórico e Geográfico, em março de 1985, vislumbramos e sentimos que no seu espírito de médico, caridoso

Labim/UFRN
e humanista, e de esposo exemplar e compreensivo, percebe-se logo que a tristeza e os ressentimentos não habitam o seu coração dadivoso e a sua alma jenuflexa à bondade e à filantropia. Católico, acredita em Deus, Onipotente. O Deus que comanda as nossas vidas, tão fugazes e transitórias.

E após essas digressões, sem a observância de critérios cronológicos e sem o esboço sistemático de uma biografia cansativa e estanque, deixem-nos relembrar ainda Olegário Mariano, poeta imortal, do Romantismo saudoso:

"Como é bom recordar quando se tem na vida,
a lembrança feliz de uma coisa perdida,
de uma emoção qualquer, que nos causou surpresas.
Recordar é a melhor de todas as tristezas."

E agora – *ad lucem versus* – voltado para a luz, acadêmico José de Anchieta Ferreira da Silva, não se emocione. Ausentes mas presentes na recordação que comove e revifica, aplaudindo-o, aqui nos lembramos de seus pais Júlio Ferreira da Silva e Maria Estela Ferreira, e de sua sogra Clinéia Barbalho Guerra e Domício Guerra, seu sogro. Vêmo-los, *in memoriam,* eüfóricos e invisíveis, já na morada celestial.

Então, na seqüência deste saudar sem brilho, mas espontâneo, porque brotado de um coração amigo, evoquemos também o testemunho de um Simon Porter, como fosse mesmo um conselho que nos presenteia o novo imortal:

"Escolha amar em vez de odiar,
sorrir em vez de chorar,
criar em vez de destruir,
louvar em vez de difamar,
curar em vez de ferir,
ser em vez de ter,
viver em vez de morrer".

Decerto, nunca, nos encontros cordiais e constantes, em conversas descontraídas, o nobre acadêmico José de Anchieta Ferreira da Silva demonstra melancolia, revolta ou ódio.

Labim/UFRN

Daí, o depoimento de sua Lúcia Maria, esposa e companheira, há 36 anos:

> *"Anchieta é tolerante, perdoa tudo. Para ele, todo o mundo é bom. Não tem mágoas de ninguém. Humilde demais. Um tanto tímido. Tranqüilo".*

E acrescenta a musa de seus sonhos e de sua própria vida:

> *"Como médico, atende os pobres e os ricos, em nível de igualdade e atenções. Jamais visa qualquer recompensa pecuniária."*

- E a produção cultural do acadêmico José de Anchieta Ferreira da Silva?

Convenhamos, se não em número avultado, compensam, pela seriedade das pesquisas, os seus dois livros: "Histórias que não estão na História", em três edições primorosas, e "História - Fatos & Fotos".

Quanto ao primeiro, em 3ª edição, por nós prefaciado, ali escrevemos, em março de 1992:

> *"Não é fácil definir o escritor. E se também médico, unindo o útil ao agradável, ainda mais. (...).*
>
> *Daí, cada vez reconhecermos que a literatura nacional amplia-se e se enaltece, diuturnamente, graças ao concurso, em sua maior parcela, dos profisisonais liberais (...).*
>
> *Este livro, portanto, com valiosos acréscimos e oportunas achegas, preenche uma lacuna na História norte-rio-grandense e brasileira.*
>
> *Lendo-o, verifica-se como e o quanto o autor soube, com maestria e segurança de dados, fixar acontecimentos e pessoas, quer no cotidiano, quer em instantes excepcionais e inesquecíveis, plasmados de lições fecundas e testemunhos vivos".*

Labim/UFRN

De igual modo, na mesma publicação, escreve o escritor, jurista e acadêmico, já na eternidade, Mário Moacyr Porto:

> *"Anchieta – o professor José de Anchieta Ferreira – em suas "Histórias que não estão na História" recolheu, com argúcia de bom pesquisador, o que de mais sugestivo ocorreu no passado histórico do Rio Grande do Norte. Algumas das "Estórias" que traslada em seu livro são simplesmente deliciosas. As pessoas, os fatos, as arengas, as vaidades contrariadas, as ambições frustradas, o patriotismo, o oportunismo, o desprendimento, as espertezas, as acontecências do nosso passado ainda próximo, foram apanhadas em "fotografias posadas" pelos historiadores oficiais ou oficiosos, tudo de acordo com o figurino ou como convém ao decoro e respeitabilidade convencionais."*

E este o arremate do mestre Moacyr, de saudosa memória:

> *"Anchieta, com olho vivo de repórter, "humanizou" algumas das nossas respeitáveis figuras, não para tirar-lhe do pedestal a que foram alçadas pela reverência tupiniquim, mas para que viessem até nós sem os falsos brilhantes das narrativas oficiais" (omissis).*
>
> *"O seu estilo, o seu modo pessoal de ver as coisas, a carpintaria com que levanta e traveja as suas "acontecências", como diz Guimarães Rosa, nada deve a de Paulo Setúbal, autor de "As maluquices do Imperador" e "Marquesa de Santos" (idem). "Anchieta recolheu os salvados do tempo e nos presenteou com um livro bom de ter e gostoso para recordar". (In prefácio da 2ª edição).*

A respeito, é de Murilo Melo Filho, um dos nossos e da Academia Brasileira de Letras, este trecho:

Labim/UFRN

"Desfilaram na minha memória figuras inesquecíveis de minha infância em Natal: Otto de Britto Guerra, Aldo Fernandes, Enoch Garcia, Floriano Cavalcanti, Manoel Varela, Pedro Amorim, Adauto da Câmara, Raimundo de Brito, Silvino Bezerra, Teodorico Bezerra, Ubaldo Bezerra, Luís da Câmara Cascudo, José Alexandre de Amorim Garcia, Moacyr de Góes, André Fernandes, Moacyr Duarte, José Idelfonso Emerenciano, Dom Marcolino Dantas e muitos outros.

Foi um agradável mergulho em reminiscências que nos reconfortam". (Carta de 8 de junho de 1992).

Aludimo-nos, a seguir, ao "História - Fatos & Fotos", edição 1996.

Nele, contém histórias interessantes e curiosas, envolvendo pessoas, como Carlos de Lacerda, Café Filho, Mário Câmara, Hilton Rocha, Joaquim Luz, José Tavares, Adolfo Ramires, Doutor Choque e outros personagens.

De Diógenes da Cunha Lima, presidente, poeta e advogado, a quem se deve a apresentação, lê-se:

"O autor tem o coração leve, sutilezas no dizer, ancorado no bom humor. José de Anchieta é um autêntico homem de letra, interessado no seu tempo e lugar, sério e muito bem humorado.

Recorramos, agora, ao próprio acadêmico José de Anchieta Ferreira da Silva, em entrevista ao jornal "Dois Pontos" – em outubro de 1985, aos jornalistas Marcos Aurélio de Sá e Emanoel Amaral.

São suas palavras:

"Consegui reunir em minha biblioteca mais de 300 livros sobre a segunda guerra mundial, alguns deles raros e quase todos com edição esgotada. Disponho inclusive de obras editadas em diversos países, verdadeiras raridades".

Labim/UFRN

"Levo às vezes muito tempo, até meses, para chegar a uma conclusão preciosa sobre algum fato mais complexo. Minha maior preocupação é com a veracidade".

"Nunca cheguei a ultrapassar a fronteira do Rubicão, ou seja, não aderi ao comunismo, exatamente por causa do profundo clima religioso em que fui criado em São José de Mipibu. Por outro lado, existia no marxismo umas coisas que eu não conseguia aceitar, como por exemplo a ditadura do proletariado, a infalibilidade do camarada Stalin..."

E conclui o eminente acadêmico recém-empossado:

"Vivemos num capitalismo selvagem. Houve uma exagerada concentração da riqueza nas mãos de uma minoria, além de uma onda de corrupção em alta escala, absolutamente impune. Criou-se, assim, no Brasil, um clima de desigualdade social que só poderia resultar em violência e revolta. Aliado a tudo isso a gente observa até a comercialização livre da pornografia".

"Tenho procurado me dedicar ao estudo, não dos fatos recentes da política atual, e sim aos mais antigos. (...) Quanto aos fatos recentes, esse perigo do esquecimento quase não existe, pois a imprensa, agora, é mais atuante e está sempre registrando tudo".

Minhas senhoras e meus senhores – Autoridades que compõem a mesa – Caríssimos acadêmicos:

Este é José de Anchieta Ferreira da Silva, lépido e de modestia franciscana, que, nesta noite tropical e jubilosa, passa a ocupar a Cadeira nº 3, cujo patrono é o barão e conselheiro Luiz Gonzaga de Britto Guerra, sucedendo, assim, Otto de Britto Guerra, escritor, consócio e mestre dos melhores, que nos deixou perenes saudades.

Além do mais, formado pela Faculdade de Medicina do Recife, turma de 1955, tendo sido colega dos drs. Manoel Teixeira

Labim/UFRN

de Araújo, Rubens Cunha, Murilo Barros, Araken Irerê Pinto, Antônio Montenegro, Willian Pinheiro, Antônio Fonseca, além de outros.

Nasceu em São José de Mipibu, *terra mater,* também, de um Onofre Lopes da Silva, Desembargador Celso Dantas Sales, médico Januário Cicco e General Jair Dantas Ribeiro. Entre nós, ainda em convivência pacífica, os irmãos Grácio e Gilberto Guerreiro Barbalho e Dom Heitor de Araújo Sales.

Estudou no grupo escolar, já centenário, Barão de Mipibu, contemporâneo da poetisa Mirian Coeli. Fora sub-diretor e diretor do Hospital da Polícia Militar do Estado. Integrava o corpo docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Exerce, com obstinação, o sacerdócio da medicina, no ramo da oftalmologia. Dotado de espírito filantrópico sem par, presta assistência à Casa da Criança de *Irmã Lúcia*, como assim o fez durante alguns anos, voluntariamente, no leprosário São Francisco de Assis, aqui em Natal. No "Colégio Instituto Pio XII", em São José de Mipibu, acolhe pessoas carentes, inclusive de municípios vizinhos. No "Hospital-Maternidade Jessé Freire", no mesmo município, realizou cirurgia geral, com sucesso, ao lado de seu companheiro de especialidade, Dr. Luíz Gonzaga de Miranda Monte, cidadão mipibuense.

Ah, quanta filantropia; quanto amor ao próximo!

E, ali, de seu próprio bolso, arca com as despesas para o atendimento a pacientes, distribuindo alimentos para dezenas de necessitados.

Ei-lo, assim, conosco, lado a lado, dignificando este templo da cultura literária norte-rio-grandense, ao espalhar a sua inteligência e o seu saber, *ad perpetuam rei memoriam.*

E no contexto sagrado do Eclesiastes, como *há tempo de chorar e há tempo de sorrir, tempo de plantar e tempo de colher, há, por fim, tempo de falar e tempo de calar.*

Chegou, portanto, a nossa vez.

Valerá, paradoxalmente, o silêncio, como reflexão de nossos gestos e de nossas atitudes, em homenagem ao acadêmico José de Anchieta Ferreira da Silva.

Louvores e aplausos à sua entrada triunfal e solene nesta Academia, já cinqüentenária.

Labim/UFRN

Saiba promovê-la disseminando erudição e solidariedade humana. Amplie a sua voz na ressonância das palavras firmes e fortes, condoreiras e fraternas, mescladas de emoção e de júbilo. Faça espargir a sua alegria pela vitória alcançada, sob a égide da imortalidade acadêmica.

Siga o caminho, obstinada e prudentemente, rompendo os grilhões e as fronteiras da inveja, do orgulho e da apatia de muitos.

Ofereça seu exemplo de vida a quem desejar, como testemunho gratificante neste mundo de Deus. Admire sempre, como lição maior, o sândalo que perfuma o machado que o fere.

Ande com reis, permanecendo o mesmo e, com ferramentas gastas, revigore a sua existência de amor e paz, conforme o grande Kipling.

Enfim, no epílogo desta saudação protocolar e livre, com o beneplácito e a paciência dos que abrilhantam esta magna solenidade, que as nossas últimas palavras sejam as mesmas que proferiu o confrade, escritor e poeta Amaury Vasconcelos, ao saudar, na Academia Paraibana de Letras, outro imortal, Paulo Gustavo Galvão, também médico oftalmologista.

Sim, acadêmico José de Anchieta Ferreira da Silva:

> *"...Por vossas mãos, se refez luz, se reveslumbraram panoramas e revendo redescubriram a beleza da natureza. Deus... em recompensa deu estas notáveis mãos para o empunho do bisturi e para o brilho desta pena que produz palavras para consagrações de imortalidades".*
>
> *(Revista da Academia Paraibana de Letras – Ano LI – Dezembro/1999 – nº 14 – pág. 103)*

Seja bem vindo, *ad – immortalitatem,* sob as bençãos de Deus.

Natal, 14/09/2000. - ANL

Labim/UFRN

IV

Necrológio

Labim/UFRN

NECROLÓGIO DE FAGUNDES DE MENEZES PELO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO

Senhor Presidente.
Senhores Acadêmicos.

Quando aqui saudei o ingresso do Acadêmico Fagundes de Menezes no Quadro de Membros Efetivos desta Academia Norte-rio-grandense de Letras, mal sabia eu, nem podia imaginar ou prever que, tempos depois seria designado para fazer-lhe o necrológio.

Vou então, cumprindo o Regimento e as tradições desta Casa, fazer-lhe o elogio póstumo, que se segue.

Mal se calavam os canhões da II Grande Guerra e já nascia, em Macau de 1918, um novo potiguar, que na pia batismal tomou o nome de João.

Teve uma infância humilde e própria das nossas cidades do interior.

A sua longa e penosa maratona começou aos 16 anos de idade, quando, ainda na Natal daqueles tempos de guerra, já trabalhavam na "A República e no "Diário de Natal". No Recife fez os estudos secundários e os três primeiros anos na Faculdade de Direito.

Depois, transferido definitivamente para o Rio, passou a dedicar-se por inteiro ao jornalismo, fiel àquela máxima segundo a qual quem se forma em direito pode até advogar...

Trabalhou aí seguidamente no "Diário de Notícias", "Jornal do Brasil", "O Globo", "Última Hora", "O Cruzeiro" e "Manchete, além de colaborar nos suplementos literários do "Correio da Manhã" e do "Jornal do Commercio".

Membro efetivo do Pen Clube do Brasil e presidente da União Brasileira de Escritores, dizia-se que em seu peito não havia mais espaço para outras condecorações, porque já era detentor da:

Labim/UFRN

- Medalha Alberto Maranhão, aqui no Rio Grande do Norte;
- Medalha Tiradentes, da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro;
- Medalha Bolívar, da Associação de Escritores da Venezuela;
- Medalha Cultural da União Brasileira de Escritores;
- Troféu da associação de Poetas Profissionais do Rio de Janeiro.

Extensa, também, é a relação dos livros que publicou:

- O estudo sobre "Nitzsche e a Mística do Super-Homem";
- Os contos de "O Vale dos Cataventos" e do "Cárcere das Águas";
- A novela de "Os Enteados de Deus";
- As crônicas de "O Território Livre" e de "A Dissipação da Aurora";
- A poesia de "Vagonauta", de "Memória do Longo Caminhar" e de "Aurora Trucidada";
- Os ensaios de "Jornalismo, Literatura e Liberdade" e dos " Três Papa-Jerimuns: Peregrino Júnior, Luís da Câmara Cascudo e Jorge Fernandes", até
- Os romances "Alagamar" e "A Capital do Paraíso".

Senhores Acadêmicos

Fagundes de Menezes foi um jornalista e um escritor de posições e convicções políticas coerentes, que, por elas, pagou um preço muito caro. Demitido e perseguido, pela Revolução de 64, nunca renunciou às suas idéias, mesmo prestando o tributo altíssimo de uma fidelidade e de um corajoso desassombro, que são motivos de orgulho para todos os seus contemporâneos e um item importante, ao nível da sua biografia, que ora aqui estamos tentando começar.

Labim/UFRN

Ele sabia muito bem que aquela densa noite de trevas, abatida sobre o Brasil durante 21 anos, era um descaminho passageiro, e que mais cedo ou mais tarde, os ventos da Democracia e da Liberdade voltariam a soprar em nosso País.

Foi um mestre de jornalismo e um professor de novos repórteres, aos quais proibia, por exemplo, o uso das palavras "aliás" e "pois", que eram simplesmente desnecessárias e não faziam nenhuma falta ao texto.

Tinha horror às expressões "incêndio voraz", "leão feroz" e "grande multidão", argumentando que todo incêndio já é voraz, todo leão é feroz e toda multidão é grande.

Sugeria aos repórteres que jamais opinassem numa reportagem, pois o que o leitor queria era informação e não opinião. E lembrava o conselho de Voltaire, segundo o qual o maior inimigo do substantivo é o adjetivo.

A literatura fagundiana tinha amplitudes universais.

A poeta Stella Leonardos, que foi Secretária-Geral da sua U.B.E., durante muitos anos, costumava dizer que "a leitura dos poemas de Fagundes é um êxtase de campo múltiplo, um amoroso cantar passível de ser traduzido em qualquer idioma e de ser compreendido em qualquer lugar, onde quer que se ame.

Seus caminhos desse mundo de poesia ficaram semeados de amor".

Fagundes foi poeta, cronista, contador de histórias, mas foi sobretudo um jornalista. Lembrava sempre que os evangelistas Marcos, João, Mateus e Lucas haviam sido os repórteres do maior episódio da História da Humanidade. Homero foi o primeiro repórter, quando narrou, na Ilíada, os combates entre troianos e gregos, no cerco de Tróia, onde Heitor foi morto por Aquiles. E Pero Vaz de Caminha foi o primeiro jornalista a escrever sobre a nova terra, recém-descoberta.

Alvimar Rodrigues, que foi um dos seus maiores amigos, recorda hoje que o estilo revela o homem Fagundes,

Labim/UFRN
no caso um homem que preservou a sensibilidade e a singeleza dos meninos macauenses: crianças de pés gretados, que brincam com ventoinhas coloridas por mimetismo dos grandes moinhos moedores de ar, paletas girando incessantes e aprisionando lençóis do Atlântico, para transformar em cristais as salinas de sua terra muito querida.

E prossegue Alvimar:

— Macau é uma região de miragens. As pirâmides de sal refletem maravilhas que estão a quilômetros de distância, projetando no céu claro veleiros, florestas, igrejas, sobradões. Por que não projetariam também a imagem de Fagundes, um filho ilustre no convívio da inteligência brasileira?

Apesar dos reveses, dos enfrentamentos difíceis nos tempos do obscurantismo político, das perdas familiares e dos companheiros fraternos, Fagundes manteve sempre até a morte a postura tranqüila, aberta, de bem com a vida, como se continuasse brincando com ventoinhas.

Feliz, recebia em casa os amigos para provar as invenções de sua competente culinária. Sentimental, à borda de muitas cervejas, numa mesa de bar, deixava fluir as saborosas reminiscências do nosso Rio Grande do Norte. Entusiasmado, escrevia incessantemente, dirigia a Rádio Nacional, a chefia de departamentos do Instituto Nacional do Livro e a presidência da União Brasileira de Escritores, onde realizava, anual e penosamente, concursos literários para entrega de prêmios a romancistas, poetas e ensaístas de todo o Brasil.

Assim foi em vida o Acadêmico João Fagundes de Menezes, sobrinho de Miguel Seabra Fagundes, outro grande Acadêmico, ao qual sucedeu nesta Casa; e sobrinho, também, dos Acadêmicos Peregrino Júnior e Umberto Peregrino.

Labim/UFRN

Durante pouco tempo, Fagundes de Menezes esteve entre nós. Já de volta ao Rio, começou a ser vítima de graves problemas coronários, agravados pela morte de sua mulher.

Morreu no dia 8 de fevereiro deste ano, cercado pelo carinho de sua família dos seus muitos amigos. Tinha 82 anos de idade e muitos projetos a executar.

Deixa nesta Academia a imagem e a lembrança de um homem cordial, afável, carinhoso e gentil.

Mas deixa sobretudo saudades imensas.

Descanse em paz, meu querido Acadêmico, confrade, companheiro e amigo João Fagundes de Menezes.

Lido pelo Acadêmico, João Wilson Mendes Melo em sessão de 21-06-2000, pela impossibilidade do comparecimento do autor e a seu próprio pedido.

Labim/UFRN

V

Contos

Labim/UFRN

Oriano de Almeida contista

No número anterior (29) esta Revista teve o prazer de publicar o primeiro conto escrito pelo pianista e compositor de fama internacional, acadêmico Oriano de Almeida.

A preferência do nosso imortal por esse gênero literário tão apreciado pelos leitores de todo o mundo, continua, para alegria de seus admiradores, principalmente.

Nas páginas desta Revista o prazer de muitos leitores é renovado, sendo que terão de notar o excelente desempenho de uma nova técnica na sua redação: a ausência de parágrafos.

Ao interesse que experimentarão no desenrolar do fato admiravelmente desenvolvido, acrescenta-se mais um valor que muito enriquece o trabalho do novo e excelente contista Oriano de Almeida. Segue-se a "Mini-penitência" de Oriano de Almeida.

Labim/UFRN

A MINI-PENITÊNCIA

Oriano de Almeida

Foi assim, senhor vigário... juro por tudo quanto há de mais sagrado... eu mesmo não sei como aconteceu... acho que fiquei completamente cego, não exergando mais nada, estava tudo escuro que nem breu e... quando percebi, o tiro havia disparado e ficou zumbindo no meu ouvido, me deixando surdo e tonto, parecia que minha cabeça tinha rebentado... só deu para distinguir o grito e uma pequena mancha vermelha na manga daquele salafrário... e aí... comecei a correr fugindo... não sei quanto tempo... talvez duas horas... apavorado sem atinar que direção estava seguindo, só querendo me afastar para o mais longe possível... e então, morto de cansado, dormi ao relento, e quando o sol clareou continuei correndo... depois, como não tinha mais força para correr, continuei andando, sem dormir sem comer nem beber... até que avistei de longe à sua capela, e aqui estou com sono fome e sede, mas, isso agora não me importa, o que preciso, antes de mais nada, é desabafar contando tudo o que se passou, para depois continuar fugindo, porque não vou de maneira alguma me entregar à polícia, nem pagar por crime nenhum... já me aborreci bastante na vida senhor vigário... toda minha existência tem sido um rosário de aborrecimentos, e tudo por causa desse miserável que acabou me levando ao desatino de tirar a vida dele, o que, na verdade, eu devia ter feito há muitos anos, desde o primeiro instante em que surgiu na minha presença... parecendo a própria encarnação do Belzebú disfarçado com a mesma cara, igualzinha, do meu finado irmão moço, e que se aproximava de mim com a única intenção de me prejudicar, pois, desse dia em diante, só vi prejuízo em cima de prejuízo, e o primeiro... foi uma camisa... ele dizendo que precisava se apresentar bem vestido

Labim/UFRN

para conseguir um emprego, caí na burrice de emprestar a melhor que eu tinha... e depois foi uma luta tremenda para ele devolver e quando afinal recebi, vinha com uma nódoa bem visível no peitilho abaixo do colarinho, que nunca mais desbotou... fiquei louco de raiva, fazendo um grande esforço para não demonstrar, mas... banquei o burro outra vez porque, apesar dessa primeira experiência, tornei a cair no laço, como um otário, emprestando o meu sapato novo, e foi outra luta dos diabos para ter o sapato de volta, e quando consegui, vinha todo arranhado, com as solas cortadas, parecendo que tinham pisado em cacos de vidro, e esse fato me deixou impossibilitado de ir ao baile de debutante da minha namorada, porque... por azar eu não tinha no momento a quantia suficiente para comprar um outro novo, e como resultado, a minha namorada resolveu acabar o namoro... e sabe, senhor vigário, quem estava lá no baile, namorando e o tempo todo dançando com ela?... o miserável, senhor vigário! Briguei com ele, disse-lhe os maiores desaforos, e o sem vergonha com a maior cara de pau só respondia que eu estava muito nervoso, fora de mim e não sabia o que estava dizendo, por isso não podia reagir nem brigar comigo, mas que até me prestara um grande favor, que fora mesmo melhor ter-se acabado aquele namoro, porque a moça não era sincera, nem flôr que se cheirasse... pois tinha dito a ele que há muito tempo estava só esperando um motivo para me dar o fora, mas nunca tinha coragem... e eu engoli calado o insulto de toda essa mentirada, o jeito foi aceitar, murcho e decepcionado, o chifre de cornudo, e ainda fingir que pouco estava me importando, quando na realidade por dentro me sentia louco da vida, pois eu gostava e muito daquela minha namorada... felizmente, com o tempo esqueci, arranjando outra que era ainda mais bonita... e como não sou vingativo, eu estava sempre desculpando e fazendo as pazes com o salafrário ... aliás, durante certos períodos, que podiam durar até vários

Labim/UFRN

meses, havia uma trégua em que ele não inventava nenhuma falcatrua... talvez porque tivesse encontrado um outro otário para aplicar os seus golpes sujos, mas, ele devia ter o encosto de algum espírito espertalhão muito influente, porque... sempre que tornava a me aparecer, eu via a cara, igualzinha, do meu finado irmão caçula, e isso acabava me transformando neste idiota imbecil que está agora aqui no seu confessionário, senhor vigário, faminto, cansado e com sede... até parecia que eu ficava atuado pelo espírito de um burro, como aconteceu no dia em que pediu o meu carro e este burro caiu na burrice de emprestar... o carrinho que eu tinha comprado com tanto sacrifício, o pilantra deu logo uma batida enorme, rebentando todo o paralama, e depois negou-se a pagar qualquer conserto, alegando que não tinha culpa nem dinheiro... e ainda querendo virar o feitiço contra o feiticeiro, dizia que eu era o responsável, por não ter mandado numa oficina o mecânico verificar os freios antes de emprestar... e depois, como se nada tivesse acontecido, o sem vergonha com o maior cinismo ficou insistindo em falar comigo, em continuar amizade, e... como já disse, não sendo vingativo e me lembrando da cara do meu pobre finado irmão, estava sempre disposto a desculpar, e cada vez que ele me aprontava uma dessas, eu tornava a cair na arapuca... e não foi uma nem duas... foram dezenas e dezenas através dos anos, senhor vigário.. perdi até a conta e a lembrança de muitas... como a do terno especial, que eu tinha reservado para o meu casamento, o miserável me convenceu a emprestar para o casamento dele que ia ser duas semanas antes do meu... mas ele devia mesmo ter o diabo no corpo, ou não compreendendo que espécie de malefício seria, pois o certo é que o meu terno voltou feio, encardido, imprestável, tive que ir ao alfaiate para providenciar outro... e quanto a dinheiro, então, nem se fala!... era o mesmo que estar jogando fora cada vez que me pedia emprestado... eu sempre amolecia o coração diante das

Labim/UFRN
estórias trágicas que o miserável caloteiro inventava sobre sua indigência, e nunca mais o dinheiro voltava para o meu bolso... Uma vez, chegou ao cúmulo de dizer que era para a tia velhinha... coitada! ele era o único sobrinho com quem ela podia contar, estava adoentada há vários dias em cima de uma cama, sem recursos para os medicamentos... e é como lhe digo, senhor vigário, o encosto que acompanha o miserável dever ser mesmo de um espírito muito influente, pois me deu um branco no pensamento que nem lembrei que tinha visto a velhinha na véspera... e corri para pôr no prego o meu relógio a fim de ajudar o pilantra mentiroso naquela hora de necessidade, e qual não foi o meu espanto no dia seguinte, encontrando na rua a tia dele! rosada e fagueira, fazendo compras e vendendo saúde!... acredite, senhor vigário... foi até bom que eu tivesse esquecido a maioria de tantas falcatruas; senão ia passar aqui o dia inteiro ajoelhado, confessando os pecados dele que acabaram se transformando nos meus pecados... lembro que certa vez foi um terreno que eu andava de olho há muito tempo, sabendo que ia-se valorizar depois do calçamento da rua, já anunciado... e caí na burrice de comentar minha intenção com aquele Judas, que teve o descaramento de se intrometer no assunto sem ser chamado, e... não sei que ciladas e mentiras terá armado, me apunhalando pelas costas, que o dono acabou vendendo a outro... juro, senhor vigário! que nesse dia é que eu devia ter dado cabo daquele asa negra, sem dó nem piedade, que, com riso mais cínico deste mundo, ainda tinha coragem de repetir que eu não passava de um grandíssimo mal agradecido, pois tinha me livrado de um péssimo negócio, que aquele terreno não valia nada, em época de chuvas ficava alagado até 3 metros de altura... ora, senhor vigário, isso já faz 3 anos e até hoje não alagou coisa nenhuma... quando passo por lá sinto uma pontada de frustração, vendo o bangalô dos meus sonhos em meio a um bonito jardim que podia ter sido construído

Labim/UFRN

por mim... tudo por culpa daquele urso azarento que se dizia meu amigo e eu tinha a mania imbecil de lhe achar a cara igualzinha a do meu finado irmão caçula... depois que ele casou e eu também, até que o pilantra melhorou um pouco... nossas esposas se tornaram muito amigas, e ainda hoje continuam se dando muito bem... sempre adotaram não tomar conhecimento de nossos habituais bate-bocas, sabendo que davam em nada, embora a minha percebesse que no fim quem levava sempre a pior era eu... e a última, senhor vigário... foi a gota que fez entornar o caldo... me deu tanta raiva que até agora ainda tremo só de pensar... vou ver se consigo me lembrar de tudo para confessar, e depois, se encontro um lugar mais distante, bem longe daqui, onde eu possa comer, dormir e me esconder... foi mais ou menos assim... acho que tive um pouca de culpa... reconheço que estava agindo mal, nunca devia ter procedido daquele modo com a minha fiel esposa, mas... o senhor vigário compreende como são essas coisas... a carne é fraca e, quando menos se espera, a gente está à beira do precipício... aquela moça... está lembrado, senhor vigário? que já confessei ter acabado o namoro porque não fui ao seu baile de debutante?... pois, desde aquele dia eu nunca mais tinha visto nem ouvido falar... ela se mudou do nosso bairro... andou uns tempos viajando... eu me casei... e nem mais lembrava de sua existência, quando ela me aparece de surpresa no meu escritório, dizendo que estava louca para me rever, que nunca esquecera os belos dias do passado, etc. que ainda continuava solteira, pois achava essa pantomima de véu e grinalda aos pés do altar uma caretice antiga que ninguém mais estava querendo usar, a não ser uma ou outra virgem boboca que nunca tinha provado as delícias da liberdade e... mais isso mais aquilo devo admitir, senhor vigário que a tentação era grande... eu já estava começando a me empolgar quando logo no dia seguinte encontro, dentro do meu próprio escritório, ela aos beijos e

Labim/UFRN

abraços sentada no colo daquele patife excomungado... mais uma vez o miserável estava me passando para trás, agora com o agravante de invadir os meus domínios secretos... e acredite, senhor vigário, nem foi por ciúme da moça, pois gosto muito da minha mulher... eu só estava querendo me distrair um pouco com aquela flôr que não era mesmo que se cheirasse... mas eu senti um despeito tão grande, que minha vontade era torcer o pescoço até ver de fora a língua daquela miserável...no entanto, consegui me controlar, pensando na minha querida esposa que de maneira alguma podia ficar sabendo, mas... quando entrei em casa, vi logo a espingarda de pólvora seca que costumava sempre estar pendurada como enfeite na parede a um canto da sala... peguei e saí dizendo que ia caçar passarinho... Ora , senhor vigário... logo eu, que não gosto nem de matar barata; mas estava tão cego de ódio que era até capaz de matar um gato se aparecesse naquela hora no meu caminho.. e por azar quem apareceu foi o cínico salafrário, com a mesma cara de pau de sempre, rindo e dizendo que aquela moça não era mesmo flôr que se cheirasse... apesar de ser muito gostosa e perfumada... e ter dito que estava caidinha, gamada por ele... e aí... foi quando escureceu tudo que nem breu, só ouvi o disparo, vi a mancha vermelha na manga da camisa do salafrário e saí fugindo correndo... até chegar aqui... é tudo que sei... juro, senhor vigário... e agora que confessei meu pecado, parece que estou mais leve e... começando a me arrepender...

.....

Na torre da capela o sino tocou macio e indiferente. Após um breve silêncio, cochichou o confessor:

— Fique tranqüilo, pecador... que um arranhãozinho de pólvora seca no braço não dá para acabar com a vida de

Labim/UFRN
ninguém... vá depressa fazer uma refeição, e depois tire uma soneca... quando acordar reze um Padre Nosso e uma ave Maria... está absolvido... em nome do Pai Filho Espírito Santo... amém.

Labim/UFRN

VI

Nossos Poetas

ELEGIAS EM DEZEMBRO

(II)

Se sois indiferente às estações do dia;
ou se à madrugada ficais descontentes;

se não vos comoveis ao rumor do mar
em seus múltiplos signos;

senão percebeis o leve e lento velejar
desutis arco-íris dos cantos secretos,

não alongueis o vosso olhar
sobre esta sepultura.

Ali se encontra Lorca,
o Poeta de sóis mediterrâneos,

entre o verde
que quis verde,

ouvindo guizos de longas claridades
na dança dos ciganos,

e — em extrema alegria
(onda alta da sua vida breve),

cantando
com intensos girassóis,

girando
aos apelos das guitarras de Granada.

(III)

Labim/UFRN

(III)

Parral, o teu nome soa
em mim com a clareza das chuvas.
E cresce o teu nome, e cresce
e se torna chama, lava,

Neruda soerguendo-se em vôo
do albatroz que as asas alarga
sobre as alturas das montanhas
nevando.

Temuco, Yumbel, Angol, Boroa, Osorno,

territórios antigos dos seus passos sonoros,

ressoais agora no seu canto
cheirando
a mel, a carvão
e a sargaço dos refúgios litorâneos.

Territórios patriarcais
abrindo
caminhos do retorno
às suas líricas raízes,

de onde lutava e colhia
ramos de carvalho nas manhãs novas.

Ó Isia Negra
Incandescendo dos verdes marinhos
o seu canto solidário.

— Neruda que parte e não esquece nunca
o chão em fogo dos vulcões,

Labim/UFRN
o que circunvaga
plantando liberdades.
Parrral, "rosa molhada", cintilando.

O teu nome soa em mim
com a clareza das chuva.

(IV)

Viajo em (re) lembranças
dos meus mortos amados.

E imaginei que via
três pássaros,

e que de Fernando Pessoa
o túmulo circunvolviam
em vôo calmo.

Entre os três,
distinção não havia no canto:
era amplo e leve.

E uma pausa se fazia.

O primeiro pássaro chegava,
e parecia
o túmulo acariciar
em pluma.

O segundo sobrevoava,
em leveza de prece
agora cantando.

Labim/UFRN

Mas o terceiro
(ah, o terceiro pássaro),
além do canto alto,
sobre o túmulo pousava
com os pés verdes de mar
e o umedecia.

De repente, no céu,
de azul ainda sem descanso,
uma estrela (re) luzia.

Gilberto Avelino

Poemas de Maria Eugênia Montenegro

AMOR

Amor!
Sonho volúpia
de quem dormiu
uma eternidade
e deixou o seu olor
em toda a humanidade

RECORDANDO

Aquele brinquedo de roda
de mãos dadas,
de risadas,
de vozes antigas...

O tempo levou
nas crianças,
nas cantigas.

FLOR DE AMOR

Quero te ofertar a flor
dos beijos que plantei em tua boca
Tem o aroma sutil do amor
e a ternura de almas se encontrando.

Quando vires a flor entreaberta,
lembra-te, querido amor,
das lágrimas que a regaram.

Labim/UFRN
E sentirás quando beijá-la
um amargo sabor de sal
que as pétalas trêmulas captaram.

A NOITE

A noite é uma flor que dorme
com pistilos de estrelas
e pólens de lua.

Ouço o soluço da noite
nas vozes que se calaram
E nas vozes que se evolaram
um doloroso ai
nos soluços que ficaram.

DESTINOS

Que belo o destino da aurora
— O de sempre nascer

Que triste o destino da noite
— O de sempre adormecer.

E o destino da Vida?
Que lindo o destino da vida
— O de viver. Sempre viver!

Maria Eugênia Montenegro

Labim/UFRN

VII

Colaboração dos amigos da Academia

Labim/UFRN

Poesias de Carlos Herillo de Freitas Melo

SOMBRAS

Carlos Herillo de Freitas Melo

A chuva cai... pela rua
A sombra vai fugidia
Flutua, leve, flutua
Perdida na noite fria

E a sombra o passo acentua.
Por que será que fugia?
Talvez fugisse da rua
Tão triste, tão negra e fria.

Atrás eu sigo fremente.
Caminho, em vão, loucamente
Atrás da sombra que é tua.

Minh'alma é vaga, sombria.
Não sinto que a noite é fria
Nem vejo a chuva da rua.

Publicado primeiramente m 1953 na Revista A Galera, da Escola Naval e republicado m 1999 na Revista AACN-51.

Labim/UFRN

ENCONTRO

Carlos Herillo de Freitas Mello

Você chegou quieta, de repente,
Para as coisas de amor desiludida,
Enquanto eu vagava, indiferente,
Sem rumo e solitário pela vida.

Nós nos olhamos funda e longamente
Mas de uma forma doce e oferecida.
Nós nos falamos com o olhar carente
A dizer mais que qualquer frase ouvida.

Se antes cada um pôde, sozinho,
Ultrapassar as pedras do caminho,
Para encontrarmos este amor sereno,

Agora, que juntamos nossas vidas,
Sem as pedras — que foram demolidas —
O mundo para nós será pequeno.

Labim/UFRN

DO AMOR PELA METADE

Carlos Herillo de Freitas Melo

Camões cantou o amor eterno, onipresente,
Que vai além da vida, pelo tempo afora,
Da su'alma gentil que logo foi embora,
Triste e tão cedo, desta vida, descontente.

Vinícius também falou do amor. Foi descrente
Quanto à noção de eterno que não mais vigora.
Prefere o amor mesmo que dure uma só hora
Mas que seja a hora vivida intensamente.

Já há quem pense num amor racional,
Mais adequado para o mundo atual,
Que não se acabe de maneira inconseqüente:

Jamais gastar todo o estoque, integral,
Guardando, assim, uma reserva percentual
Que lhe permita amar, um dia, novamente.

Labim/UFRN

A BÍBLIA E A MEDICINA

Pedro Lucena

Alguns, ao adquirirem quaisquer conhecimentos científicos, começam a duvidar da veracidade da Bíblia. Mas, dia a dia, a própria ciência vem demonstrando que tudo escrito nos Testamentos, tem confirmação de sua veracidade. É o que está acontecendo com a arqueologia, donde escavações das regiões bíblicas, se mostra e comprova, o que está escrito no Livro Sagrado.

E isto também acontece na medicina. As palavras de Jesus escritas no Novo Testamento, hoje, a medicina reconhece e confirma a sua veracidade; daí se deduzir que Jesus se antecedeu, mostrando naquela época, conhecimentos que os homens de ciência, só vieram a saber depois de centenas ou milhares de anos
Vejamos:

Em Mt 5.22, Jesus diz "...Todo aquele que se encolerizar contra seu irmão, terá que responder no Tribunal...". Ora, hoje todo médico sabe que o ódio e o ressentimento são responsáveis por muitos males e doenças, como: hipertensão, artrite, asma, cardiopatias, úlceras, dermatoses, psicoses, hipotência, frigidez sexual e outras. E até por moléstias infecto-contagiosas, pois está provado que o ódio e o ressentimento, também reduzem o poder imunológico. E todos esses males, só serão curados com o perdão por parte do ofendido.

Jesus nos ama, não só curou os que lhe pediram, mas até os que não pediram. É por isso que ele disse: "Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância"; ou seja, eu vim para que todos tenham saúde. Quando ele mandou os 12 anunciarem o Reino de Deus, complementou: "... e curassem os doentes". E também quando enviou os 72 para anunciarem o evangelho, advertiu: "e curassem os

Labim/UFRN
doentes". E, ainda, quando apareceu aos onze, depois da sua ressurreição, mandou que pregassem o evangelho à toda criatura; dizendo ainda: "E esses sinais hão de seguir os que crerem(...) e imporão as mãos sobre os enfermos, e os curarão". (Mc 16.15,18).

– Queria assim, que todos nós, por todo tempo, tivéssemos o cuidado pelos doentes que ele teve e o substituíssemos.

A medicina vem estudando a imposição das mãos, como um método de cura de doentes; foi o que fez a médica Dra. Dolores Kreiger, quando deu um curso na Universidade de New York, para 3000 médicos e enfermeiros. Mostrou ela que a imposição das mãos ajuda a cura de muitas doenças, mesmo do ponto de vista puramente médico. Além dos testes de laboratório, em que demonstrou o aumento de hemoglobina do sangue, ao toque das mãos. E observou-se, durante a Grande Guerra, que em criancinhas órfãs jogadas em creches, era grande a mortalidade. E depois de se colocar enfermeiras com a finalidade de acariciá-las, houve grande redução da mortalidade.

Imaginemos, quando se associa a imposição das mãos com a oração!...

Em Mt. 18.21-34, quando Jesus respondeu a Pedro, que deveríamos perdoar, não só sete vezes, mas setenta vezes sete, àqueles que nos ofenderam, ele imediatamente nos contou a parábola do rei que resolveu fazer uma prestação de contas com seus servos; chamou um que lhe devia dez mil talentos, o que seria equivalente a 174 mil quilos de ouro; exigiu pagamento, e como o devedor não podia pagar, mandou que ele, sua mulher e seus filhos fossem vendidos como escravos. O servo devedor caiu aos pés do rei, implorando misericórdia e que o rei tivesse paciência com ele. O rei penalizado perdoou tudo. E, ao sair dali, esse devedor encontrou um seu colega que lhe devia uma pequena importância de 100 denários; exigiu o paga-

Labim/UFRN
mento e o pequeno devedor alegou não poder pagar, que ele tivesse paciência. Mas ele não atendeu, maltratando-o, quase sufocando-o e o colocou na prisão.

Quando o rei soube, chamou aquele que ele tinha perdoado, disse-lhe: servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida; não devias também tu teres perdoado o teu colega? – E, indignado o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia. Assim vos fará, também o Pai do Céu, se de coração não perdoardes cada um o seu irmão de suas ofensas, por maiores que sejam. – O Servo ingrato foi perdoado no equivalente a 50 milhões de denários, e não quis perdoar seu colega da pequenina importância de 100!... Não será que acontece isso conosco?... Deus perdoando a nós enormes quantias, e nós sem perdoar ao próximo pequeninas quantias, ou pequeninas ofensas!... Igualmente irá acontecer conosco, se não perdoarmos iremos sofrer nas mãos dos torturadores!... Em medicina, isto acontece, pois as torturas que iremos sofrer, serão males e doenças como as já citadas aqui. E, se não perdoarmos, nem as nossas orações serão atendidas!... E nem na oração do Senhor, pois nós dizemos: perdoa as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aqueles que nos ofenderam. E se nós não o perdoarmos?... A resposta Jesus nos dá, logo após a oração do Pai Nosso, no capítulo 6.14-15 de Mt: "por que se perdoares aqueles que vos ofenderam, o Pai do Céu vós perdoará; mas se não perdoardes também o Pai não vos perdoará". É por isso que muitas doenças não são curadas, nem por medicina, nem por orações. – Os médicos já estão cônscios disso, pois têm advertido aos pacientes e até escrito em livros e revistas médicas como, os livros: "O Ódio Mata" e "A Cura Pelo Perdão".

– Pessoalmente, em minha clínica, tenho observado isto, como o caso de uma cliente que me procurou com vitiligo, estando toda manchada de branco; contou-me que

Labim/UFRN

se iniciara logo após ela ter uma grande raiva de seu marido, que a abandonou por outra mulher. – E a enfermeira, Bárbara Shlemon, nos conta que uma mulher lhe pediu, para que orasse por ela; dizia que há muitos anos vinha sofrendo uma moléstia da vesícula, que nem a medicina, nem orações, conseguiram curá-la. Foi aconselhada para que perdoasse o marido e orasse por ele. Relutou, mas por insistência da enfermeira e após ter sido advertida que só quem sofria com isto era ela e não o marido, resolveu perdoá-lo. Foi o suficiente, para dentro de oito dias ser curada.

– Em Eclesiástico 28.2, vemos: "Perdoa a teu próximo a injustiça cometida, então quando orares, teus pecados serão perdoados". Um conselho bem semelhante, vamos encontrar em Thiago 5.13-14, em que aconselha os presbíteros a orarem pelos doentes, e diz: a oração da fé salvará o doente e o Senhor o levantará, e se houver cometido pecados serão perdoados.

Deus quer que perdoemos aos outros; mas também quer que nos perdoemos a nós mesmos; e quando não fazemos isto, também sofreremos os castigos. A lembrança de faltas cometidas, e que não saem de nossas mentes, também prejudica a nossa saúde. Mas o Deus de bondade e misericórdia também nos perdoa. É o que se chama cura interior; para isto encontramos referência na bíblia, como em Is 1.18: "Mesmo que vossos pecados sejam como escarlate, se tornarão brancos como a neve; e ainda que sejam vermelhos como carmesim, se tornarão brancos como a lã".

Em Mc. 11.23-24, Jesus nos fala: "...tudo quanto pedirdes em oração, crede que já o **recebeste, e vos será concedido"**. E ainda no versículo 25, ele acrescenta: "e quando estiverdes de pé para orar, perdoai, se tendes ressentimentos de alguém". Jesus mais uma vez condicionou o seu perdão ao nosso perdão àqueles que nos ofenderam.

Labim/UFRN

Uns, chamam isso de força do pensamento positivo; outros como: o poder da mente. O certo, é que pensar na ajuda de Deus, é pensamento positivo... Mas todos os médicos sabem que o doente que é otimista, que crê no êxito do tratamento, tem muito mais possibilidade de cura.

Enquanto aqueles que se desesperam, tanto têm mais dificuldade no restabelecimento, como morrem em maior número. O Dr. James House, em várias pesquisas que realizou, como a que fez com 2754 enfermos, durante dez anos, concluiu que os que se curaram mais rápido e que morriam em menor quantidade, eram justamente os otimistas ou que tinham fé. Até os prisioneiros que eram colocados em campos de concentração, os esperançosos, resistiram mais e viveram em maior número. E as mulheres portadoras de câncer, que viviam alegres e tinham mais esperanças a resistência à doença, foi muito superior, mesmo com idêntico tratamento.

E o Dr. Walter Chese, professor de oftalmetria e pesquisador americano, disse através do jornal americano The New York Times, em 1978: "As cousas que vemos com os olhos da mente, são tão reais, em certo sentido, quanto as que vemos através de uma janela". A nossa vida é muito influenciada ou em parte dirigida, por aquilo que pensamos; se pensamos que estamos com saúde, temos mais possibilidade de termos saúde; se pensamos em doenças, dificilmente teremos plena saúde. O que esse médico disse nesse jornal, tanto está dentro do que Jesus disse nesse evangelho (Mc. 11 23-24), como no conceito médico. E é muito fácil comprovarmos na vida cotidiana. Quando nós pensamos em uma boa comida, logo nos vem "água na boca"; quando nós pensamos em uma pessoa de outro sexo e que temos um encontro marcado, muitas vezes é o suficiente, para haver reações em nosso organismo... Por isso devemos alimentar pensamentos positivos, que nos darão certo poder... Em dezembro de 1989, a revista "Seleções",

Labim/UFRN
publicou um artigo com o título: "Efeitos benéficos da mente", mostrando que o pensamento positivo ajuda na cura; também esse assunto foi publicado em outras revistas médicas, com o título de "Psico-neuro-imunologia"; e mostrando que há um íntimo relacionamento entre o cérebro e o sistema imunológico; o cérebro mandaria ordens ao sistema imunológico e ele fabricaria anticorpos para a defesa do doente.

Na prática, apresento um testemunho da enfermeira Barbara Shelman, em que ela conta, que uma senhora lhe pediu para orar por seu pai, que estava morrendo de enfisema, e já tinha passado pelas mãos de vários médicos, e não obtido melhora. Ela aconselhou que procurasse ver o seu pai, sadio e forte, e agradecesse a Deus por isso. Ela respondeu que só conseguia vê-lo doente e magro. Então a enfermeira pediu um retrato de quando o pai estava sadio e o colocou sobre o balcão da cozinha, aconselhando que ela, toda vez que olhasse para o retrato, agradecesse a Deus. Assim ela fez, e o pai foi curado com poucas semanas.

O Dr. J. A. Hadfiel, psiquiatra inglês, nos diz: "...estou convencido que a religião cristã é uma das mais poderosas influências para produzir harmonia, paz de espírito, e confiança psiquica necessária para a saúde e a grande porção de doenças nervosas; e a religião em muitos casos pode substituir o tratamento psiquiátrico". Portanto como vemos, as afirmações de Jesus, escritas em Mc 11.23-24, é medicina pura e atualizada.

Em Mt 6.25-34, novamente vemos Jesus ditar normas para o bem de nossa saúde. Ele nos adverte que: "Não andeis preocupados, com a vossa vida, com o que haveis de comer e de beber, nem com o vosso corpo, com o que haveis de vestir"... Sabemos que a preocupação é um grande motivador de doenças, muito semelhantes às ocasionadas pelo ódio. Os Estados Unidos perderam du-

Labim/UFRN
rante a Grande Guerra, 300 mil jovens, nos campos de combate; enquanto isso, só por preocupações de verem esposos e filhos na guerra morreram um milhão de pais e esposas!...

São Paulo em suas cartas advertiu sobre isto na carta aos Efésios (4.31-32), ele disse: "Longe de vós toda a amargura, cólera e ira...". E na que escreveu aos Felipenses disse: "Alegrai-vos sempre, repito alegrai-vos, não andeis ansiosos...".

Na Bíblia vamos encontrar muitas alusões sobre o valor da oração, como Mt. 7.7-11, Jesus diz: "Pedi e recebereis, batei e abrir-se-á..."; ou como em S. Paulo Ts-I 5.16-18, que diz: "Alegrai-vos sempre, orai sem cessar e por tudo daí graças..."; ou como recomenda Thiago em 5.14-15: "... está alguém de vós doente? Chamai os presbíteros da igreja e orai sobre ele... e a oração da fé salvará o doente, e o senhor o levantará".

São muitos os testemunhos que anunciam espetaculares curas através de oração. Até médicos, como a que fez o Dr. Larry Dossey, em Seleções, em 1982: diz ele que não acreditava em curas pela oração pois era incrédulo; mas todas vez que passava na enfermaria, onde trabalhava, via um grupo de cristãos orando por um doente de câncer pulmonar, ele pensava consigo mesmo: de nada iria adiantar, apenas teria um enterro bem acompanhado. Deu alta ao paciente para morrer em casa. A sua grande surpresa foi que após 10 meses o paciente lhe apareceu para fazer uma revisão. Ficou surpreso. Ao exame foi constatado que o câncer tinha desaparecido, não deixando nenhuma seqüela.

Reconheceu que foi uma cura divina e se converteu. Jesus cura os que tem fé, ou para que obtenham a fé.

Em Mt 18.19-20, ... Jesus disse: "Quando dois de vós estiverem de acordo com qualquer cousa que desejem pedir, isto será concedido, por meu pai que está nos céus; e

Labim/UFRN
quando dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles". Estão surgindo grandes números de grupos de oração. E as curas, por intercessão, têm aumentado bastante. São curas espetaculares. Cousas que a própria ciência médica já não tem como explicar. Como vimos, em tudo a medicina está concordando com a Bíblia; mas em alguns casos, estanca. É o que acontece com algumas ressucitações; pois a medicina só consegue ressuscitar uma pessoa, até cinco minutos após a morte. Enquanto a oração não tem tempo marcado. Jesus ressuscitou Lázaro, no quarto dia. E muitas ressurreições vêm aparecendo, sem que os médicos saibam como foi possível. Como o caso que o médico capixaba Dr. Gustavo Massi nos contou há poucos meses aqui em Natal: ele nunca orava, pois não tinha religião; era adúltero, violento, viciou o único filho, de 12 anos, em tóxicos; e quando estava com ele numa praia de Vitória, o filho morreu vítima de uma grande doze de tóxicos; tentou salvar o filho, mas não conseguiu; quando observou que o filho já estava em rigidez cadavérica, viu que o tinha perdido; ficou em desespero e achou que a única solução seria se suicidar; jogar-se no mar como o cadáver e o carro, então gritou: "Deus, pai de Jesus Cristo, socorre-me!". Imediatamente o filho se levantou e disse : "pai as férias terminaram; vamos para casa". Viu que o filho tinha ressuscitado; hoje é engenheiro em Goiás. Esta história confirma o que Jesus disse: "vinde a mim TODOS vós que estais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei" (Mt.11.28).

Eu mesmo vi em Jerusalém há 3 anos, duas maravilhosas curas, com as orações de um pregador, na presença de mais de 30 mil pessoas. Uma foi um cego, que atrás de mim pediu orações. O pregador orou de onde estava, e ele recobrou a vista imediatamente. Uma outra, foi uma freira católica que aproximou-se do pregado e pediu orações por seu irmão, que ela empurrava numa cadeira de rodas, to-

Labim/UFRN
talmente paralítico. Com a oração, levantou-se e tanto a freira, como ele, começaram a pular, dando graças a Deus.

Realmente, precisamos orar, e orar muito; aqui, transcrevo uma afirmação do Padre Francis Macnutt, em seu livro, "A oração de Cura": "O que Deus gostaria de fazer por você e por seu intermédio, é tão maravilhoso que você pode achar difícil de acreditar; Deus deseja que pessoas comuns como você, abençoem-se e curem-se mutuamente em família".

Aleluia, aleluia!!!

Pedro Lucena *é médico tendo militado na política e ocupado funções nos legislativos nacional e estadual.*

Labim/UFRN

RELEMBRANDO "O VELHO DILA"

*Iberê Ferreira**

Na tarde sexta-feira, 7 e julho corrente, no Rio de Janeiro, onde se encontrava convalescendo de uma cirurgia cardíaca realizada no exterior, para colocação de um marca passo, faleceu Odilon Ribeiro Coutinho, um homem cuja conduta de vida o credencia para ocupar um lugar definitivo na Galeria dos Grandes Brasileiros.

O seu corpo, depois de velado na Academia Paraibana de Letras, onde era titular da Cadeira de nº 35, que antes fora ocupada por José Américo de Almeida foi sepultado em João Pessoa, Capital da Paraíba, seu estado Natal.

Odilon Ribeiro Coutinho, ou " O Velho Dila", como era carinhosamente chamado por nós, não foi apenas um intelectual paraibano; foi, antes de tudo, um dos mais lúcidos e destemidos brasileiros de todos os tempos, que se destacou em diversos campos das atividades humanas. Sociólogo, literato, orador notável, humanista e político, foi amigo e estudioso de todos os intelectuais contemporâneos seus, especialmente de José Lins do Rêgo, cuja obra conhecia como poucos, na íntegra.

Entretanto, não nos alongaremos aqui a discorrer sobre os seus vastos méritos intelectuais. Antes, desejamos homenageá-lo relembrando com emoção, a respeito e saudade, sua fulgurante passagem pela vida pública no Rio Grande do Norte, da qual somos testemunha.

Odilon Ribeiro Coutinho estreou na política Norte-Rio-Grandense na campanha para Governador em 1960, apoiando o candidato Aluizio Alves. Após o pleito, ocupou no Governo do Estado alguns cargos administrativos, candidatando-se, em seguida, a Deputado Federal. Eleito pelo Rio Grande do Norte, exerceu de modo intensivo e vibrante o mandato que lhe fora confiado pelo povo Potiguar,

Labim/UFRN

combatendo por todos os meios possíveis a ditadura militar que se instalara no Brasil no final de março de 1964.

Cumpre registrar aqui que deflagrado o movimento militar que se apossou do Governo no Brasil em todos os níveis, " O Velho Dila" manifestou-se denodadamente contrário a essa violência institucional, posicionando-se firmemente contra os usurpadores do Poder. Diferentemente da grande maioria dos políticos que rapidamente migrou a Aliança Renovadora Nacional – ARENA, partido de sustentação do chamado governo revolucionário, ele escolheu permanecer no partido formado para resistir à ditadura, o Movimento Democrático Brasileiro – MDB, onde se distringiu com um dos seus mais autênticos militantes.

Desde o início da década de 60, quando se integrou às lides políticas em terras potiguares, Odilon Ribeiro Coutinho transferiu suas atividades econômicas para nosso Estado. Foi proprietário da Usina Estivas, no Município de Arez e da Usina Ilha Bela, no Vale do Ceará Mirim. Mas, inebriado pelos ideais democráticos e apaixonado pela militância política, ele dedicou-se às atividades político-partidárias do seu querido e autêntico MDB, deixando a condução de seus negócios entregue, em grande parte, a administradores de carreira, para empregar o seu tempo, suas enérgicas e sua prodigiosa inteligência às campanhas do MDB, do qual tornou-se um verdadeiro paladino, nos tempo mais negros do regime de exceção.

Nas décadas de sessenta e setenta, não havia comício de oposição no Rio Grande do Norte onde não se ouvisse a portentosa voz do grande orador em defesa dos valores democráticos, proclamando pelos mais distantes rincões do Rio Grande do Norte a necessidade do retorno imediato do Estado de Direito Democrático no Brasil.

Nessa época pertencíamos ao segmento mais jovem do MDB, juntamente com Joaquim Úrsula, Assis Amorim, Marcos Maranhão e alguns outros idealistas que encontrá-

Labim/UFRN
vamos na dinâmica atuação de Odilon uma permanente fonte de inspiração. Quantos e quantos dias e noites foram consumidos incansavelmente nas históricas e gloriosas campanhas de 68, 70, 74, 78 e 82! Em várias dessas ocasiões "O Velho Dila" apresentou-se ao eleitorado como candidato ao Senado, sem, contudo, lograr êxito em qualquer das disputas para a senatoria pelo Rio Grande do Norte.

Em meados da década de 80, a personalidade forte de Odilon o levou a uma decisão irreversível. Rapidamente, ele se desfez dos negócios no Rio Grande do Norte, desligou-se das atividades políticas em nosso estado e retornando à sua Paraíba de origem, para onde transferiu seu título de eleitor, sem jamais conseguir novos mandatos eletivos.

A partir de sua volta à Paraíba, Odilon Ribeiro Coutinho dedicou-se cada vez mais às atividades acadêmicas, literárias e intelectuais, dividindo seu tempo entre a terra de João Pessoa, o Rio de Janeiro, Recife e outras cidades brasileiras onde se realizam eventos culturais.

Por tudo isso, emocionado e saudoso, queremos deixar aqui o singelo e sincero registro da passagem de Odilon Ribeiro Coutinho pelos corações, mentes e caminhos desse fascinante momento democrático que hoje vivemos em nosso País, do qual ele foi um dos grandes construtores.

** IBERÊ FERREIRA, é Deputado Federal, e companheiro de militância política de Odilon Ribeiro Coutinho o Rio Grande do Norte.*

Labim/UFRN

VIII

A Produção Literária dos Acadêmicos

pela ordem das respectivas cadeiras

Labim/UFRN

Publicações do Acadêmico Grácio Barbalho

1 – O Popular em 78 rotações
Editora – Fundação José Augusto – Natal-RN – 1982

2 – Discografia da Música Popular Brasileira
Intérprete – Francisco Alves (Incluindo a sua Biografia)
Editora – Editora Universitária – Natal-RN – 1985.

Labim/UFRN

José de Anchieta Ferreira

Livros Publicados

1 - Histórias que não estão na História
Editora Clima – 1985 – 1° edição

2 – Histórias que não estão na História
RN Gráfica e Editora Ltda. 1989 – 2° edição ampliada.

3 – Histórias que não estão na história
Editora Clima – 1992 – 3° edição ampliada.

4 - História – Fatos e Fotos
RN gráfica e editora Ltda. – 1996.

Labim/UFRN

Enélio Lima Petrovich

Livros Publicados

01 - Sigmund Freud, sua Ciência e a Sociedade Atual - 1958

02 - Nelson Hungria e a Juventude Transviada - Carta prefácio do Ministro Nelson Hungria - 1958.

03 - Complexos - 1959

04 - O Diarista ou Pessoal de Obras (uma pesquisa no campo do Direito Administrativo e do Trabalho) - 1961

05 - Estatuto do Trabalhador Rural (Comentários jurídicos e sociológicos sobre o problema do homem do campo) - 1963

06 - Em torno de assuntos jurídico-bolsistas (trabalho apresentado na reunião plenária da Comissão Nacional de Bolsas de Valores – São Paulo-SP – março de 1966) – Publicado na Revista "Títulos e Ações" – abril de 1966

07 - Obra de Caxias na defesa do Território Brasileiro - 1967

08 - A Ordem saúda a Justiça - 1969

09 - Forte dos Reis Magos - Um patrimônio Luso-brasileiro - 1969 (2ª edição)

10 - Uma profissão de fé (centenário da Dezembrada - 1868-1968) - 1969

11 - Os Arquitetos da História do Rio Grande do Norte - 1971

12 - A Alemanha que eu vi - A Viena D'Austria que eu sonhei - 1976

13 - Evocando Henrique Castriciano - 1978

14 - A Questão religiosa e o Rio Grande do Norte - 1979

16 - Surgimento e Dinâmica do Direito Previdenciário - 1981

17 - In memoriam de Aroldo Moreira - 1986

18 - Leonismo e Cultura - 1989

19 - Câmara Cascudo e Lauro da Escóssia - 1989

Labim/UFRN

Trabalhos a Publicar

01 -No correr do tempo (crônicas)

02 - Escrevendo - lendo - publicando

03 - Prefácios e Apresentações

04 - A Impaciência das Palavras (evocações)

05 - Sob a égide do Leonismo

06 - Passagens e Paisagens

07 - Saudações e Homenagens

08 - Reflexões - O Direito e a Justiça

09 - Fragmentos do Cotidiano

10 - A Previdência Social em Dia - I e II volumes

11 - Sempre uma Luta Previdenciária

12 - Bate-papos e enfoques

13 - Uma conversa com Hernani Cidade.

Labim/UFRN

Manoel Onofre Jr.
Bibliografia

Serra Nova - Contos e crônicas - Prefácio de Edgar Barbosa. Edições Rumos, Natal, 1964 - 84 p.

Martins - Sua Terra, Sua Gente - Aspectos históricos e geográficos do Município de Martins - RN. Prefácio de Luís da Câmara Cascudo. Departamento Estadual de Imprensa-RN, com a colaboração da Universidade Federal-RN, Natal, 1966 - 112 p.

Histórias de Meu Povo - Crônicas e histórias - Ilustrações de Carlos José. Cia. Editora Americana/ Instituto Nacional do Livro (Seção de Bibliotecas), Rio de Janeiro, 1968 - 80 p.

A Primeira Feira de José - Contos, histórias e crônicas - Ilustrações de Iaperi Araújo. Fundação José Augusto, Natal, 1973 - 112 p.

Estudos Norte-riograndenses - (Prêmio Câmara Cascudo - 1975) - Apresentação de Sanderson Negreiros. Fundação José Augusto, Natal. 1978 - 156 p.

Breviário da Cidade do Natal - Guia histórico e sentimental - Ilustrações de Dorian Gray. Editora Clima, Natal, 1979 - 166 p.

Salvados - Estudos literários - Prefácio de Nilo Pereira - Fundação José Augusto, Natal, 1982 - 140 p.

Chão dos Simples - Contos - Editora Clima, Natal, 1983 - 88 p.; 2ª ed. rev. e aum., Natal, 1998 - 107 p.

Guia Poético da Cidade do Natal - Prefácio de Vicente Serejo. Nossa Editora/Fundação José Augusto, Natal, 1984 - 34 p.

Retretas, Serenatas... (A música Popular em Natal) - Apresentação de Vicente Serejo. Nossa Editora, Natal, 1984 - 34 p.

Labim/UFRN

Breviário da Cidade do Natal - (2ª ed. rev. e aum. e sem a antalogia poética constante da 1ª ed.) - Ilustrações de Dorian Gray. Editora Clima, Natal, 1984 - 152 p.

O Caçador de Jandaíra - Histórias e crônicas - Editora Clima, Natal, 1987 - 88 p.

Os Potiguares - I - Contistas - Antologia. Ilustrações de Carlos José Soares. Nossa Editora, Natal, 1987 - 90 p.

O Diabo na Guerra Holandesa - Estudos de História regional - Nossa Editora, Natal, 1990 - 122 p.

MPB Principalmente - Ensaios e artigos sobre música popular - Editora Clima, Natal, 1992 - 152 p.

A Palavra e o Tempo - Diário pessoal - 1988/1991 - Edição do Autor, Natal, 1994 - 228 p.

Ficcionistas do Rio Grande do Norte - Biografia & crítica - Universidade Federal do RN - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Coleção Humanas Letras - Natal, 1995 - 212 p.

Guia da Cidade do Natal - Roteiro histórico e turístico - Editora da UFRN, Natal, 1996 - 140 p.

Espírito de Clã - Notas históricas e genealógicas - Edição do autor, Natal, 1997 - 94 p.

Literatura & Província - Ensaios e notas - Editora da UFRN, Natal, 1997 - 201 p.

O Chamado das Letras - Cartas. Edição do autor, Natal 1998 - 167 p.

Recordações do Paraíso - Crônicas - Academia Norte-rio-grandense de Letras, Natal, 1999.

Poesia Viva de Natal - Antologia - FUNCART/Nordestal Editora, Natal/Recife, 1999.

Labim/UFRN

II - Obras Coletivas

Contistas Norte-rio-grandeses - Antologia - Seleção apresentação e notas de Nei Leandro de Castro. Departamento Estadual de Imprensa-RN, Natal, 1966 - 128 p.

Nossa Cidade Natal - Coletânea de Crônicas. Seleção de textos, revisão de originais e títulos das cônicas: Nei Leandro de Castro. Foto da capa e ensaio fotográfico: Argemiro Lima. Direção de fotos: Marcelo Mariz Paiva. Edição da Prefeitura Municipal de Natal, Natal, 1984 - 111 p.

Literatura do Rio Grande do Norte - Antologia. Seleção e apresentação de Constância Lima Duarte e Diva Cunha - Editora da UFRN, Natal, 1999.

Labim/UFRN

Acadêmico João Batista Pinheiro Cabral
Livros Publicados:

- "O Partido Liberal Mexicano e a Greve de Cananea" – 02 (duas) edições, Editora UnB, (1980 e 1985)
- "Relembrando João Medeiros" – SENAI-RS, 1991:
- "Tópicos de História do Brasil, da Argentina, do México e Outros Países" – (Coleção Mossoroense) – Série "C", Volume DCXIII, 1990;
- "Homens e Fatos" – (Coleção Mossoroense) – Série "C", Volume DCI, 1990;
- "História, Política, Administração e Poesia" – (Coleção Mossoroense) – Serie "C", Volume DCVII, 1990;

Labim/UFRN

Publicações histórico-geográficas de Nestor dos Santos Lima

1 - Brasil, uma civilización tropical Sevilla 1956
2 - Brasília,la nueva capital del Brasil Sevilla 1958
3 - The third Americ for Scandinavians Copenhague 1966
4 - A Terceira América Editora Francisco Alves Rio de Janeiro 1967
5 - Nos caminhos da Integração 2 volumes: Do Chuy ao BV 8 e Águas de Setembro: Rio Negro e Branco Caracas 1974 e 1975
6 - La imagem Del Brasil em las cartas de Bolívar Editora Bloch - Banco do Brasil Rio de Janeiro 1978
7 - Brasileiros e Japoneses ante um bacamarte lusitano Editora Universitária UFRGN Natal 1980
8 - Tropics as Habitat of Men Paramaribo 1982
9 - Águas do São Francisco Ministério dos Transportes Rio de Janeiro
10 - La Tercera América Tradução espanhola da edição brasileira da Terceira América Editora El Taller Santo Domingo 1984
11 - Esqueça a Primavera, Irmão Editora F.J.A.Natal 1990
12 - Mutirão para o Suriname Editora do Senado Brasília 1991
13 - O discurso do Solzhenistsyn à Academia Internacional de Filosofia do Liechtenstein tradução em Português Editora Thesaurus Brasília 1996
14 - Ética de Trânsito no Brasil Editora Verano Brasília 1996
15 - De uma varanda sobre o Nilo – Tempos de Nasser – Editora Thesaurus Brasília 1997
16 - Evocação de Ribeiro Couto L. G. Editora Brasília 1998

Labim/UFRN

Nilson Patriota
Livros Editados

"Vôo de Pássaro" - Crônicas - Companhia
Editora do Rio Grande do Norte - 1979 - Natal - RN

"Itajubá Esquecido" - Ensaio Biográfico - Fundação José Augusto - 1980 - Natal-RN

"Um gosto amargo de fim" - Romance - Fundação José Augusto - 1986 - Natal - RN

"Uma canção ao entardecer" - Contos e Novelas - No Prelo. Pela Coleção Mossoroense - Mossoró-RN - 2000

"Touros uma cidade do Brasil" - História - No Prelo. Departamento Estadual de Imprensa - Natal-RN - 2000.

Inéditos

"História e Tradições de Minha terra" - contos.

"Novos Contos" - Estórias Fantásticas.

" A Estrangeira" - Novela

"Na casa de Genário" - Novela

"Crônicas de Antigamente" - Crônicas e Estórias.

Labim/UFRN

Livros Publicados por Dorian Gray Caldas

- Os instrumentos do Sonho – Poesia – 1961 Coleção Jorge Fernandes. Imprensa Oficial.
- Presença e Poesia – Poesia – 1964. Edição do Autor.
- Campo Memória – Poesia. 1966. Departamentos Estadual de Imprensa.
- Os signos e seu ângulo de Pedra – Poesia – 1976. Editora Universitária – UFRN.
- Assombração – Desenho – 1975. Edição da Fundação José Augusto.
- O Beco – Desenho – 1977. Edição do Autor.
- Fruto Folha e Flor – Desenho – 1977. Edição do Autor.
- Cactos – Desenho – 1977. Edição do Autor.
- Árvore Fruto Folha e Flor. 1979. Editora Universitária.
- Um Rio corta o Mangue – Gravura – 1968. Departamento Estadual de Imprensa.
- Bumba-meu-Boi – Gravura – 1968. Departamento Estadual de Imprensa.
- Roteiro Sentimental da Cidade – Gravura – 1970. Imprensa Oficial.
- Canto Breve à Cidade do Natal – 1970 – Gravura. Imprensa Oficial.
- Momento Azul do Rio – Gravura – 1971. Departamento Estadual de Imprensa.
- Congos – Gravura – 1972. Fundação José Augusto.
- Autos do Natal – Desenho. 1973. Fundação José Augusto.
- Autos do Natal – Desenho. 1978. Edição do Autor.
- Canto à Cidade do Natal – Desenho – 1980. Editora Universitária.
- À Margem – Serigrafia – Edição do Autor.
- Barcos e Barqueiros – Edição do Autor – 1980
- Lendas do Rio Grande do Norte – Poesia e Desenho – 1981. Editora Universitária.
- Feiras e Feirantes Poesia e Desenho – 1982. Fundação José Augusto. Embaixada do Canadá.
- Estórias Fantásticas – Gravura. 1980. Edição Clima.

Labim/UFRN

- Poemas para Natal em Festa – Poesia – 1984. Edição Nossa Editora.
- Artes Plásticas do Rio Grande do Norte – UFRN – Funpec – Sesc- 1920-1989.
- O Traço, a Cor e o Mito – Sesc – UFRN – Funpec 1993 Encantados – Lendas e Mitos do Brasil – UFRN – Funpec Sesc/ Senac – 1995.
- Os Dias Lentos – Poesia – Departamento Estadual de Imprensa – 2000.

Labim/UFRN

PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO

Bibliografia:

- Talhe Rupestre – Natal – Cooperativa Cultural da UFRN – 1993.
- Natal: Secreta biografia – Edições triângulo – Natal 1994 (prêmio Estadual de poesia Auta de Souza 1991).
- Folhetim Cordial da Guerra em Natal e Cordial Folhetim da Guerra em Parnamirim Natal – Editora Universitária – 1994 – (prêmio Municipal de Poesia Othoniel Menezes 1991).
- Romances de Alcaçus – Natal – EDUFRN – 1998.

Participação em Antologias:

1. A poesia Norte-Rio-Grandense do século XX Rio de Janeiro – Editora Imago – 1998.
   Organizador: Assis Brasil.
2. Iniciação à Poesia do Rio Grande do Norte – Minas Gerais – Edições Limiar – 1999.
   Organizadoras: Constância de Lima Duarte e Diva Cunha Pereira de Macedo.
3. Poesia viva de Natal – Recife – Nordestal Editora 1999.
   Organizador: Manoel Onofre Jr.
4. Literatura do Rio Grande do Norte – Natal EDUFRN – 1999.
   Organizadoras: Constância de Lima Duarte Diva Cunha Pe reira Macêdo.
5. 14 Versus 14 – Natal Boágua Editora – 1994 Organizador: Jarbas Martins.
6. Um dia, a poesia – Natal – Produção Artística e Cultural Babilônia – 1996. Organizador: Ayres Marques.
7. Um dia, a poesia – vídeo – Espaço Babilônia – Fundação José Augusto – Natal – 1995.
   Organizador: Ayres Marques.
8. Poesia Circular – Natal – CENARTE – 1996.
   Organizador: Aluízio Mathias.
9. Myriam Coeli – antologia comemorativa dos setenta anos de nascimento da poeta – Natal Boágua Editora – 1997.
   Organizador: Celso da Silveira.

Labim/UFRN

10. A Via Sacra – 1ª edição – Edição particular Natal – 1986
    Organizadores: João Faustino Ferreira Neto, Racine Santos.
11. A Via Sacra – 2ª edição – Natal - Edição particular – 1996
    Organizadores: João Faustino Ferreira Neto, Racine Santos.
12. Aposte com Arte – Natal – Caixa Econômica Federal 1999.
    Organizadora: Diva Cunha.

Estudos Críticos:

1 – Zila Mamede: Itinerário e exercício da poesia. (Introdução à Navegos – poesia reunida 1953 –1978) Editora Vega – Belo Horizonte – 1978.
2 – Alguma introdução à poesia de Sanderson Negreiros (Introdução a Fábula – Fábula – poesia reunida 1956 – 1967) Recife – Editora Pirata – 1980.
3 – Luiz Carlos Guimarães: visão e revisão da poesia (Introdução à A lua no Espelho). Natal – Editora Clima – 1993.

Prefácio e apresentações:

1 – Elegias do mar aceso em lua, de Gilberto Avelino Natal, Fundação José Augusto, 1984.
2 – A fala proibida do povo, de Geraldo Queiroz Natal – Clima – 1989.
3 – Metafrase, de Márcio de Lima Dantas Natal – EDUFRN – 1999.
4 – Ancoragens textuais de Navegos, de Beteizabete de Brito – Natal EDUFRN – 1996.
5 – O homem que pintava cavalos azuis, de Diógenes da Cunha Lima Brasília – Rio de Janeiro Editora Forense – 1982.
6 – Três artistas e suas criações – Newton Navarro Natal – 1999.

Discursos Publicados:

1 – Aula magna-coleção 35 – Natal UFRN 1993.
2 – Homenagem dos bibliotecários, livreiros e editores do RN a Vingt-Un Rosado-Mossoró – Coleção Mossoroense – 1998.

Labim/UFRN

Oriano de Almeida
Livros Publicados

- "A Música através dos tempos"
Editora Universitária da UFRN
Natal - maio 1991

- " Magdalena dona Magdalena"
Edição do IHG-RN
Natal - 1993

- "Um pianista fala de Música"
Editora CEJUP
Belém - 1996

- "Paris... nos tempos de Debussy"
Edição do IHG-RN
Natal – 1997

Labim/UFRN

Maria Eugênia Montenegro
Obras Publicadas

01 - Saudade, Teu Nome é menina - memórias Gráficas do S.A. – Rural - 1962 - Natal.

02 - Alfar, A Que Está só - Ficção filosófica - Gráfica da UFRN - nov. 1967.

03 - Azul Solitário - Poesias - Gráfica Mamba - 1967.

04 - Andorinha sagrada de Vila Flor - Ficção filosófica - Gráfica da C. E. do R. G. do Norte - 1989.

05 - Lembranças e Tradições de Assu - gráfica da Fundação José Augusto - 1987.

06 - A Piabinha Encantada e outras Histórias - Folha Carioca Editora Ltda. (pelo MEC) - 1983.

07 - Lourenço, O Sertanejo - romance - 1994 - Editado pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte.

08 - Todas as Marias - contos - Fundação José Augusto - 1996

09 - Lavras - Terra de Lembranças - Editado pela Universidade de Lavras - (MG) - 1998.

10 - Porque o Américo ficou lelé da cuca - cordel em prosa - 1963.

11 - Perfil de João Luís Caldas - Gráfica Mambu - 1965.

Labim/UFRN

Outras Publicações

Coletânea da AJEB - 1997 - Gráfica Cautgraf Editora Ltda.

Coletânea da AJEB - Lumes poéticos - 1993 - Editora Casa Grande Ltda.

Coletânea da AJEB - Ajebanas no vôo da Palavra - Imprensa Oficial - Belém - (PA) - 1993.

Enciclopédia da Literatura Brasileira - de Reis de Souza - 1993 - Rio de Janeiro.

Momentos Decisivos - de Juracy Viana - Editora Presbiteriana - SP - 1984.

A Publicar

01 - Poemas do Entardecer - poesias
02 - Como Servi o Meu País (diário de uma prefeita)
03 - Crônicas e contos
04 - Poemas do Outro Lado - epitáfios.

Labim/UFRN

Dom Nivaldo Monte
Livros, Trabalhos Publicados e outros

1945 – Formação do Caráter. Editora Vozes Ltda. – Rio de Janeiro, RJ (7ª edição).
1947 – Formando para a vida – Centro de Imprensa Ltda. – Tipografia Galhardo – Editora Vozes Ltda. (10ª edição).
1947 – A Dor – Editora Vozes Ltda. – (2ª edição).
1950 – Pensamentos – Tipografia Juiz Melo Matos. (Edição Única).
1951 – Clima – Editora Galhardo – Editora Vozes Ltda. (5ª edição).
1953 – Os Temperamentos – Tipografia Galhardo – Editora Vozes Ltda. (7ª edição).
1955 – Adoração Eucarística – proferida durante o 36º Congresso Eucarístico Internacional Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Galhardo.
1958 – O coração é para amar – Editora Vozes Ltda. – Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios (8ª edição).
1963 – Se todos os homens... conhecessem o Dom de Deus (poemas) – Tipografia do SAR (Edição Única).
1965 – Toda palavra é uma semente – Fundação José Augusto – Editora Vozes Ltda. – Nordeste Gráfica – (4ª edição).
1974 – Reflexão sobre a oração – Nordeste Gráfica – (Edição Única).
1974 – Ruínas de Cunhaú – Trabalho apresentado ao I Seminário de Estudos sobre o "Nordeste preservação do Patrimônio Histórico e Artístico da Região", promovido pela Universidade Federal da Bahia. (Edição Única).
1974 – Amanhã será um novo dia – Editora Universitária – (Edição Única).
1974 – I Seminário de Estudos sobre o Nordeste – Fundação José Augusto – (Edição Única).
1975 – Vida en plenitud – Editora Paulinas (Edição Única). Edição Argentina de "Formando para a vida".
1980 – A granja e eu – Fundação José Augusto - (Edição Única).
1984 – A esperança não morre – Fundação José Augusto - (Edição Única).
1991 – Os Mártires norte-rio-grandenses – Nordeste Gráfica – (Edição Única) – comemorativa do XII Congresso Eucarístico Nacional.
1991 – Em busca da luz – Edugráfica – (Edição Única). Edição ampliada de "Os pensamentos".

Labim/UFRN

CASSETE

1974 – Oração e silêncio – Coleção Personalidade 1 – Edições Paulinas.

COMPACTO

1983 – A Cascatinha e Saudades da Serra – letras e músicas de Dom Nivaldo Monte. Memória 30 – Escola de Música da UFRN – Natal, RN.

CD

1998 – Tons de Saudade – letra e música de Dom Nivaldo Monte e arranjos de Padre Pedro Ferreira – Natal,RN.

PROGRAMAS RADIOFÔNICOS

1960 – Nosso solo, nossa flora – Rádio Rural – Natal, RN.
1967/1988 – Cristo vive e nós vivemos – Rádio Poti em cadeia com a Rádio Rural – Natal, RN.
1993/2000 – Meditação Matinal – Rádio Rural – Natal,RN.

No prelo:

Minha cidade, NATAL, e eu.

Em preparo:

Enciclopédia do Rio Grande do Norte
A história de uma mentira (cordel)
Contos
Trovas

Labim/UFRN

Murilo Melo Filho
Livros Publicados

01 - CINCO DIAS DE JUNHO - Ed. Bloch - E co-autoria com Arnaldo Niskier, Joel Silveira e Raimundo Magalhães Júnior - 5 mil exemplares.
02 - REPORTAGENS QUE ABALARAM O BRASIL - Ed. Bloch - Em co-autoria com Carlos Lacerda, David Nasser, Edmar Morel, Francisco de Assis Barbosa, João Martins, Joel Silveira, Justino Marttins, Otto Lara Rezende e Samuel Weiner - 5 mil exemplares.
03 - A ASSUNTO É PADRE - Ed. Vozes - Em co-autoria com Armando Fontes, Cassiano Ricardo, Gustavo Corção, Hélio Silva, Josué Montello, Octávio de Faria e Rachel de Queioz - 3 mil exemplares.
04 - O DESAFIO BRASILEIRO - Ed. Bloch - 16ª Edição - 80 mil exemplares.
05 - O MILAGRE BRASILEIRO - Ed. Bloch - 10ª Edição - 50 mil exemplares.
06 - O MODELO BRASILEIRO - Ed. Bloch - 3ª Edição - 15 mil exemplares.
07 - O PROGRESSO BRASILEIRO - Ed. Biblioteca do Exército 3 mil exemplares
08 - EL DESAFIO BRASILEÑO - Ed. Pomaire, de Madri - 10 mil exemplares.
09 - O NOSSO RIO GRANDE DO NORTE - Ed. Consultor
10 - MEMÓRIA VIVA - Ed. Bloch - 5 mil exemplares.
11 - TESTEMUNHO POLÍTICO - Ed Bloch.

Labim/UFRN

Livros Publicados pelo Acadêmico Valério Mesquita.

"O Tempo e a Sua Dimensão" - 1968 - Editora Universitária.
"Macaíba de Seu Mesquita" - 1981 - Editora Clima.
"Pisa na Fulô" - 1996 - Bert Jornalistas Associados e Offset Editora.
"A Política e suas Circunstâncias" - 1997 - Departamento Estadual de Imprensa - DEI.
"Perfis e Outros Temas" - 1998 - Departamento Estadual de Imprensa - DEI.
"Poucas e Boas" - 1999 - Departamento Estadual de Imprensa - DEI.

A Publicar

"Notas de Ofício" - 2000.

Labim/UFRN

Livros do Cônego Jorge O'Grady

1 - Verdade e Vida - Esboço bio-bibliográfico do Padre Luiz Monte. Editado no Rio de Janeiro - 1948 - Ed. AGIR 2ª Ed. 1996. Natal.

2 - João Gualberto - (varão da Eternidade) Editado no Rio de Janeiro pela Ed. AGIR - 1952 (Prêmio "Carlos Laet" de 1953 da Academia Brasileira de Letras).

3 - Excelências do Rosário Pregadas por Vieira - Rio de Janeiro - Ed. Santa Maria - Ano 1957.

4 - Na Seara das Letras, da Fé e da Ciência - Rio de Janeiro - Edição do Autor - 1968.

5 - Prédicas e Miniprédicas - Rio de Janeiro - Ed. revista Continental Editorial Ltda. - 1977.

6 - Nos Domínios das Letras e da Ciência - Rio de Janeiro - Ed. Revista Continental Editorial Ltda. - 1977.

7 - Dicionário de Astronomia e Astronáutica (02 volumes) Ed. Revista Editorial Continental Ltda. Rio de Janeiro Última Edição, ano de 1979. (Na sua terceira Edição). Primeira obra no gênero no Brasil.

8 - Prédicas, Saudações e Necrológios - Rio de Janeiro - Ed. Revista Continente Editorial Ltda. Ano 1983.

9 - Arte e Beleza - Rio de Janeiro - Ed. Cia. Brasileira de Artes Plásticas - 1992.

10 - Interpretação Integral da Poesia de Augusto dos Anjos - (Estilo, filosofia, ciência, genialidade).

Labim/UFRN

11 - Florilégio de Vieira - (pensamentos Seletos do grande pregador).

12 - Viagem ao Oriente - (Memórias).

13 - Dicionário de Nomes de Pessoas - NOTA - As obras assinaladas nos números 10, 11, 12, e 13 estão inéditas.

Labim/UFRN

Publicações do Acadêmico TARCÍSIO MEDEIROS

1) "LBA – 20 anos de Atividades no Rio Grande do Norte – "Imprensa Oficial – Natal/RGN – 1962;
2) "Dois Estudos de Direito Social" – Imprensa Universitária – UFRN – 1969;
3) "Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte" – Imprensa Universitária – UFRN – Natal/1973.
4) Capitães-Mores e Governadores do Rio Grande do Norte" (2º volume) – CERN – Natal/1980;
5) Proto-História do Rio Grande do Norte" – Fundação José Augusto e Editora Presença – Natal – 1985.

Ensaios

1) "Augusto Tavares de Lira: O Amigo do meu Avô" – Ver. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. LII/fls. 55 – 1959;
2) "Ontem Hospital do Monte – Hoje Hospital Miguel Couto" – Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RGN – vol.LIII/Natal – 1960;
3) "Segundo Vanderlei e o Instituto Histórico" – Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do RGN – vol. LIII/Natal – 1960;
4) "A Avaria do "São Sebastião" fez Natal Hospedar Caxias – Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
5) "A Terra Tremeu em Natal" – Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
6) "Formação da Nacionalidade e o Sentimento de Independência do Rio Grande do Norte" – ICH Revista – UFRN – Editora Universitária – 1972;
7) "Bernardo Vieira de Melo e a Guerra dos Bárbaros" – Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte - vols. LIX-LX-LXI/1967 – 1968-1969 – Editora Universitária – 1974;
8) "Bert. Hinkler e o Atlântico Sul" – vol. 1 e 2/n° 04 – Editora Universitária – 1974;

Labim/UFRN

9) "A Fortaleza, as Imagens dos Santos Reis e a Capela da Barra do Rio Grande" – Revista "Tempo Universitário" – vol. 1 n° 2 – UFRN/Editora Universitária – Natal/1976;
10) "Síntese Histórica da Educação no Rio Grande do Norte" – Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. LXV – LXVI – LXVII/Gráfica Manimbu – Natal – 1978;
11) "O Negro na Etnia do Rio Grande do Norte" – Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte n° 70 – Editora Universitária – 1978;
12) "Há 50 anos, com os Maristas de Natal" – Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. LXXI – Natal/1979-/980;
13) "Escola de Famácia e Odontologa de Natal – A Pionera de 1920" – Revista Tempo Universitário – vol 6/n° 1 – Editora Universitária – 1980;
14) "Como Fomos Colonizados (por degregados?)" - Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. LXXV/LXXVI – Natal/1983 –1984;
15) "Análise de Revolução de 30 (50 anos depois)" – Revista "Vivência" – vol II, n° 3 – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN – Editora Universitária – Natal/1984;
16) "ABNER DE BRITO – Uma Vida Atribulada" – Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. LXXVII/ LXXVIII – Natal/1985/1986;
17) "O Estudo de História no Currículo Escolar e na Titulação do Magistério do Rio Grande do Norte – Revista "História/UFRN" – Ano I/vol n° 1 – Departamento de História – Cooperativa dos Jornalistas de Natal – 1987;
18) "O Negro Escravo: da Etnia à Abolição e os Remanescentes de sua Cultura no Rio Grande do Norte" – Revista "História/ UFRN" - Ano II/vol n° 2 – Departamento de História da UFRN – 1988;
19) "O Governo do Doutor Adolfo Affonso da Silva Gordo: A República e as Secas no Rio Grande do Norte". Coleção Mossoroense – Série B - n° 1.040 – Fundação Guimarães Duque – Mossoró/1991;

Labim/UFRN

20) "Lembrando o Tempo de Guerra" – Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras" – n°9 – vol. 41 – dezembro de 1999 – Gráfica RN/Econômico.

Labim/UFRN

João Wilson Mendes Melo
Trabalhos Publicados

1 - Conferências no Colégio Estadual (Atheneu), com outros autores. Natal. 1943.

2 - Universidade, Trabalho e Automação. Plaquete editada pelo Departamento Estadual de Imprensa. Natal. 1961.

3 - História e Atualidade. Plaquete editada pelo Departamento Estadual de Imprensa. Natal.1966.

4 - Economia e Promoção Plaquete editada pelo Departamento Estadual de Imprensa. Natal.1967.

5 - Educação e Liberdade. Plaquete editada pelo Departamento Estadual de Imprensa. Natal.1970.

6 - Princípios Gerais e Fundamentais da Filosofia da História. Separata da revista Tempo Universitário. Natal.1980.

7 - Introdução ao Estudo da História. Editora da UFRN. Natal. 1982. 1ª edição - Nossa Editora. Natal. 1984. 2ª edição - Editora da UFRN. Natal. 1987. 3ª edição - Editora da UFRN. Natal. 1998. 4ª edição.

8 - Economia e Promoção na História Social. Departamento de História da UFRN. Natal. 1983. 1ª edição - Editora da UFRN. Natal.1986. 2ª edição - editora da UFRN. Natal. 1998. 3ª edição.

9 - Presença de Autores e Livros. Edições Clima. Natal. 1987. 1ª Edição - Nordeste Gráfica e Editora. 2000. 2ª edição.

10 - A Fé e a Vida. Nordeste Gráfica e Editora. Natal. 1999 1ª e 2ª edições.

11 - A Cidade e o Trampolim. Edição do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Grafparc Editora Parnamirim. 1999.

12 - Minha Cidade Antigamente. Edições Mossoroenses. Mossoró. 1999.

Próximas Publicações

13 - Prazer na Literatura. Editora da UFRN. Natal.

14 - Homens de Além Província.

Labim/UFRN

Diógenes da Cunha Lima

Instrumento Ductil (poesias, prêmio Othoniel de Menezes). Fundação José Augusto. Natal (1965).

Lua 4 vezes Sol. Imprensa Universitária. Natal - 1968.

Tradição e Cultura de Massa. Fundação José Augusto. Natal (1973).

Caracterização Jurídica das Sociedades de Economia Mista Editora RN/Econômico. Natal (1977).

Projeção de Pedro Velho no Estado - Separata da Revista Tempo Universitário, v.6 - n° 1 - Natal (1980).

Corpo Breve - (1980).

Natal, Poemas e Canções - Editora Universitária - Natal (1982).

Poemas versus Prelúdios - Editora Universitária - Natal (1983).

O Homem que pintava cavalos Azuis (Djalma Marinho). Editora Foroense - Universitária, Rio de Janeiro - RJ. Prefácio de Afonso Arinos de Melo Franco (1982).

TENDRESSE Poemas D'un amour tourmente, traduction de Bernande ALLÉGUEDE. Imprimiere SOPAIC.1982.

Importância Cultura do Oeste Potiguar (Coleção Mossoroense - 1989).

Os Pássaros da Memória (77 poemas minimalistas), Editora Lidador, Rio de Janeiro, 1994.

Labim/UFRN

Livro das Respostas (Face ao Libro de Las Preguntas de Pablo Neruda), Massao Ohno Editor, São Paulo, 1996.

Câmara Cascudo - Um brasileiro feliz - 3ª edição - Rio de Janeiro-RJ. (1998).

Natal Biografia de uma cidade - Editora Lidador/RJ (1999).

Labim/UFRN

Jurandyr Navarro
Livros Publicados

1 - Depoimentos - 1967 - Gráfica Manibu - FJA - (Literatura).
2 - Revolução e Política - 1968 - Ed. Imprensa Oficial.
3 - O Sinal Humano - 1979 - Ed. Imprensa Oficial do Estado.
4 - Quem defenderá a sociedade? - 1980 Ed. Universitária, UFRN.
5 - Páginas de Verão - 1991 - Ed. Universitária - UFRN.
6 - Antologia do Padre Monte (vol.1) - Gráfica Manibu - 1976.
7 - Antologia do Padre Monte (vol.2) - Gráfica Manibu - 1978.
8 - Antologia do Padre Monte (vol.3) - Ed. Universitária - 1979.
9 - Antologia do Padre Monte (vol.4) - Gráfica Manibu - 1982.
10 - Antologia do Padre Monte (vol.5) - Ed. Universitária - 1985.
11 - Antologia do Padre Monte (vol.6) - Imprensa Oficial - 1984.
12 - Antologia do Padre Monte (vol.7) - Imprensa Oficial - 1996.

No Prelo:

1 - Oradores (RN) - Biografia e Antalogia - Imprensa Oficial.
2 - Antalogia do Padre Monte (vol.8) - Lei "Câmara Cascudo".

Inéditos:

1 - A Democracia - (Política e Sociologia).
2 - Sinópse do Pensamento do Padre Luiz Monte - (Literatura).
3- Conferencistas (RN) - Biografia e Antologia.
4 - Nomes de Pessoas - (Pesquisa).

Labim/UFRN

Livros Publicados por Aluísio Azevedo

01 - História da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte - CERN - Natal - 1982.
02 - História de São Paulo do Potengi - CERN - Natal - 1983.
03 - História de Lagoa dos Velhos. CERN - Natal - 1984.
04 - História do Município de Barcelona. Nossa Editora - Natal – 1985.
05 - História do Município de São Pedro. Nossa Editora - Natal - 1988.
06 - História de Senador Eloy de Sousa. Nossa Editora - Natal - 1988.
07 - Dom José Adelino Dantas Gráfica do Senado - Brasília - 1989.
08 - História do Município de Monte Alegre. CERN - Natal - 1992.
09 - Cronologia Do RN - Cinco Séculos de História. Gráfica Santa Maria - Natal - 1996.

Obras Inéditas

01 - Cronologia Brasileira.
02 - História do Município de Brejinho.
03 - História do Município de Lagoa Salgada.
04 - História do Município de Ruy Barbosa.

Labim/UFRN

Livros escritos pelo autor Hypérides Lamartine – Pery no Período de 1982 à 1998:

1 - Assentamentos da Família Lamartine - 1982
2 - O Aeroplano - 1983
3 - Timbaúba uma fazenda no século XIX - 1984
4 - Velhas Oiticicas - 1991
5 - Epopéia nos Ares - 1995
6 - Escape - Estórias de Aviador - 1998

Labim/UFRN

Alvamar Furtado de Mendonça

01 - Ensaios
" Jazz, Cinema e Educação"
1961 - Coleção. "Henrique Castriciano"

02 - José da Penha, Um Romântico da República - 1970

03 - Graça Aranha em Duas Perspectivas - 1970

Labim/UFRN

Livros de autoria de Olavo de Medeiros Filho

1 - VELHAS FAMÍLIAS DO SERIDÓ - Brasília - Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.
2 - VELHOS INVENTÁRIOS DO SERIDÓ - Brasília - Centro Gráfico do Senado Federal, 1983.
3 - ÍNDIOS DO AÇU E SERIDÓ - Brasília - Centro Gráfico do Senado Federal, 1984.
4 - NAUFRÁGIOS NO LITORAL POTIGUAR - Natal - Edição do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1998.
5 - CAICÓ, CEM ANOS ATRÁS - Brasília - Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.
6 - NO RASTRO DOS FLAMENGOS - Natal - Fundação José Augusto, 1990.
7 - TERRA NATALENSE - Natal - Fundação José Augusto, 1991.
8 - O ENGENHO CUNHAÚ À LUZ DE UM INVENTÁRIO - Natal - Natal - Fundação José Augusto - 1994.
9 - ACONTECEU NA CAPITANIA DO RIO GRANDE - Natal - Edição do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1997.
10 - OS HOLANDESES NA CAPITANIA DO RIO GRANDE - Natal - Natal - Edição do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1998.
11 - GÊNESE NATALENSE - Natal - Edição do Autor, 2000.

Labim/UFRN

José Melquíades
Livros Publicados

- História do Seminário de São Pedro - FJA - Natal - 1999 - esgotado.

- Os Estados Unidos, a Mulher e o Cachorro.
1ª Edição - Natal, 1961.
2ª Edição - Natal, 1963 - esgotado.

- Padre Francisco de Brito Guerra, Um senador do Império.
1ª Edição - Natal, 1968.
2ª Edição - Natal, 1987 - esgotado.

- Três Ensaios - Auta de Souza, Padre Brito Guerra e Dom Joaquim Antônio de Almeida - Natal, 1963 - esgotado.

- Juca Porfiro.
Brasílica, 1977 - (romance), esgotado.
Literatura Japonesa.
1ª Edição - Natal, (UFRN) 1983.
2ª Edição - Natal, Brasílica - 1993.

- Saturnino, Cascudo e Clube dos Inocentes.
Porto Alegre, 1993 - esgotado.
UnP - Natal - 1997.

- Duas Palestras.
Natal - 1968.

- A Capela dos Santos Reis.
(Resumo Histórico).
Natal (FJA), 1968 – esgotado.

- A Capela dos Santos Reis (Resumo histórico).
Natal (FJA) 1968 – esgotado.

Labim/UFRN

A Publicar

4 História de Santos Reis – A Capela e o Bairro
Começo – 1598, com a Fortaleza; termina com a Balsa Rampa – Redinha.

4 Paixão e Morte do Goitizeiro.
Romance de impacto psicológico, social e religioso. Promete ser polêmico.

Labim/UFRN

Publicações do Acadêmico Vingt-un Rosado

1 – Os Senhores das Águas – Agosto de 1995, em Carta Capital, nº 13 São Paulo.

2 – Livros a mão cheia – Março de 1997, em Kalunga, nº 75. São Paulo.

3 – De Macondo a Mossoró – Julho de 1998, em Época. São Paulo.

4 – O Trabalho Valoroso do Mestre Mossoroense – em o Oeste do Rio Grande do Norte, agosto de 1998, Mossoró.

Na plaqueta "Currículo de Vingt-un Rosado", organizada por Isaura Ester Fernandes Rosado Rolin. Editada pelas Fundações Guimarães Duque e Vint-un Rosado em maio do corrente ano de 2000, à qual remetemos o leitor, consta a referência nominal a "215 livros e 202 folhetos que ele organizou e publicou até 19-4-2000.

São trabalhos de valor literário e utilidade para o estudo do Rio Grande do Norte e sobretudo de Mossoró, onde o talento de Vingt-un Rosado é uma constante.

Labim/UFRN

IMPRESSÃO e *ACABAMENTO*
nas oficinas gráficas da EDUFRN
Editora da UFRN, em novembro de 2000.